

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS – UNISANTOS**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**GILSON BRAGA**

**Um monumento para a educação:  
Escola do Povo, São Vicente/SP, 1893-1913**

**SANTOS**

**2018**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS – UNISANTOS**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**GILSON BRAGA**

**Um monumento para a educação:  
Escola do Povo, São Vicente/SP, 1893-1913**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Profº Dr. Moisés Kuhlmann Jr.

**SANTOS**

**2018**

# FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação

Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos

---

B813m Braga, Gilson  
2018 Um monumento para a educação: Escola do Povo, São Vicente/SP, 1893-1913. /  
2018 Gilson Braga; orientador Moysés Kuhlmann Junior. - 2018  
170 f.; Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Santos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1. Escola do Povo. 2. Grupo escolar de São Vicente. 3. Historiografia da educação. 4. Arquitetura escolar. I. Universidade Católica de Santos. II. Título. III. Kuhlmann Junior, Moysés.

CDU 1997 - 37(043.3)

---

Maria Rita C. Rebello Nastasi - CRB 8/2240

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, pela graça em me conceder saúde física, mental e espiritual, pois sem qualquer uma delas eu não teria condições de desenvolver qualquer ato na minha vida.

Sou grato a minha família, que me apoiou e me incentivou a construir, desenvolver e manter o que foi conquistado por mim.

Agradeço a CAPES que me garantiu os recursos necessários para essa dissertação.

Agradeço também ao Centro Paula Souza que me garantiu os recursos necessários para essa dissertação.

A Etec Dra. Ruth Cardoso, representada por direção, coordenação, professores, funcionários e alunos que me proporcionaram informações e envolvimento diretamente com o objeto de pesquisa.

A todos os amigos das disciplinas cursadas em conjunto, colegas de turma, grupo de pesquisa e professores no período de 2017 e 2018 do Programa de Pós-Graduação em Educação da UniSantos, onde fui acolhido, respeitado, incentivado a retomar minha vida de pesquisador.

Aos amigos que participaram da trajetória e aos meus alunos e ex-alunos que me ensinam diariamente, a ensinar e a aprender.

Aos membros e suplentes da banca de qualificação, prof. Moysés Kuhlmann Jr, prof. Maria Aparecida Franco Pereira, profa. Pérsida Miki e Prof. Luiz Carlos Barreira, pelas contribuições muito significativas que deram uma amplitude a este trabalho.

Em particular ao Prof. Moysés Kuhlmann Jr. que me acolheu como orientando, e me proporcionou a desenvolver um trabalho prazeroso em conjunto, sempre respeitando e valorizando características da minha trajetória de vida; incentivando, agregando e potencializando novos conhecimentos através das orientações, dicas, amizade, carinho e respeito.

## **LISTA DE ABREVIações**

CEETEPS – Centro de Educação Tecnológica “Paula Souza”

CONDEPHASV – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Turístico e Cultural de São Vicente

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico

ETEC – Escola Técnica Estadual

IHGVS – Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNISANTOS – Universidade Católica de Santos

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto da Escola do Povo - 1905 .....	20
Figura 2: Reprodução Gráfica da Fachada e Perspectiva Aérea ‘Escola do Povo’: Construção Original em 1898. ....	20
Figura 3: Reprodução Gráfica da Fachada e Perspectiva Aérea “Grupo Escolar de São Vicente” (O Grupão): Construção Original com Acréscimo de um Corpo Secundário em 1913. ....	20
Figura 4: Reprodução Gráfica da Perspectiva Aérea (Vista Frontal e Vista Posterior) Sucessivas Denominações no Decorrer do Século XX. ....	21
Figura 5: Etec Dr <sup>a</sup> Ruth Cardoso e seu entorno no ano 2018 .....	26
Figura 6: Foto - Painéis Cronológico e Iconográfico do Edifício Escolar .....	29
Figura 7: Foto Antiga Escola do Povo – Armazém Secos e Molhados – (Reprodução em “Bico de Pena” – Edison Telles de Azevedo).....	30
Figura 8: Foto - Jornal “A Tribuna” – 26.07.2004 - Redação Luiz Gomes Otero (Sucursal).....	32
Figura 9: Foto - Jornal “A Tribuna” – 26.07.2004 – Relação da Loja Maçônica Fraternidade de Santos com a Escola do Povo. ....	33
Figura 10: Foto Jornal A Tribuna (26.03.1994 - Aniversário 100 anos) – São Vicente torna-se mais próxima do Jornal a partir da dec. 40, através do sucursal (Edson Telles de Azevedo). ....	35
Figura 11: Foto – Capa do Jornal – Diário de Santos (Fundado em 1872) – Santos, 13 de janeiro de 1903 (terça-feira) .....	36
Figura 12: Foto - Jornal “A Tribuna” – 13.06.1989 – Pesquisa e Redação do Prof. Stoffel relatando evento na Escola do Povo em 10.06.1903. ....	36
Figura 13: Imagem: reprodução parcial da matéria original do Jornal “A Tribuna” – 15.11.1913. ....	40
Figura 14: Imagem: O edifício da ex-Escola do Povo, que de hoje em diante passa a constituir oficialmente o Grupo Escolar de S. Vicente .....	48
Figura 15: Imagem Digital da Revista a Fita (SP) – 1912 a 1913 – Fachada do Edifício Escolar – Escola do Povo.....	48
Figura 16: Imagem: Anuário do Ensino do Estado de São Paulo – 1913 – Instalação do Grupo Escolar de São Vicente.....	49
Figura 17:Ícones da República – 1889.....	50
Figura 18: Ícones da República – 1889.....	50
Figura 19: Anuncio da Proclamação da República Através da Imprensa.....	51
Figura 20: Anúncios em Jornais de serviços de engenharia, tratamento através de remédios e a Leis – Configurações de Profissionais no Cenário Republicano .....	52
Figura 21: Porto de Santos - 1882 Pintura de Benedicto Calixto .....	53
Figura 22: Construções em Santos, mudando o cenário da Cidade .....	54
Figura 23: Anuncio de Companhia de Seguros – apresentando a enorme economia paulista .....	55
Figura 24: Anuncio em Jornal de Diferentes Tipos de Indústrias .....	56
Figura 25: Campanha Jornalística a favor do saneamento e Monteiro Lobato	61

Figura 26: Representação Gráfica da Quadra – Localização da “Escola do Povo” .....	63
Figura 27: Vista Aérea – Localização da “Escola do Povo” - Vias e Acessos - São Vicente - Densidade de Edificações .....	63
Figura 28: Mapa Ilustrativo de São Vicente.....	64
Figura 29: Localização do município de São Vicente, Baixada Santista, Estado de São Paulo, Brasil.....	64
Figura 30: Mapa Ilustrando as cidades de São Vicente e Santos com seu traçado ainda nas dimensões coloniais, 1867 .....	67
Figura 31: “V.a de S. Vicente”. Detalhe da “Planta da Barra da Villa de S.tos”.68	
Figura 32: “Mapa de S. Vicente”. Representação Jules Martin - 1878. ....	68
Figura 33: Representação Panorâmica da Vila de São Vicente – 2ª metade do Séc. XIX. ....	69
Figura 34: Mapa de Topografia e Arruamento de São Vicente – 1852. ....	70
Figura 35: Vila de São Vicente -1876 (Ministério da Marinha - Planta Hidrográfica – Barra e Porto de Santos – Barão de Teffé).....	70
Figura 36: Vista Panorâmica do Centro de São Vicente - Foto 1900 – Postal 1903 .....	71
Figura 37: Largo João Pessoa - 1900 (Câmara Municipal – Morro dos Barbosas – Mosteiro) e Rua Martin Afonso – Morro dos Barbosas – Mosteiro .....	72
Figura 38: Rua Santa Cruz, Largo João Pessoa e Rua XV de Novembro (Sentido Morro dos Barbosas) – 1900.....	72
Figura 39: Biquinha de Anchieta - 1900 – 1920 .....	72
Figura 40: Representação do “Trolley” e Serviço de Bonde – Transporte de tração animal, Vale Passagem.....	73
Figura 41: Postal Vista Pintado à mão .....	74
Figura 42: Postal Vista panorâmica da cidade de São Vicente numa fotografia tirada a partir do Morro dos Barbosas, por volta de 1915. À esquerda, a Igreja da Matriz e o núcleo histórico da cidade. Ao fundo, a cadeia de montanhas que divide a Ilha de São Vicente,.....	74
Figura 43: Vista Praia de São Vicente Sentido Santos – (Dois momentos distintos da paisagem – Sem Intervenção do Homem e Com Intervenção do Homem - Pavimentada) .....	75
Figura 44: Foto da Vista no Alto do Ilha Porchat - Praia dos Milionários (esquerda) e Praia do Itararé (direita) 1920. Boa Vista (Vila Betânia).....	75
Figura 45: Foto da Vista no Alto do Ilha Porchat - Praia do Itararé (direita) 1920. Boa Vista (Vila Betânia).....	76
Figura 46: Foto da Vista no Alto do Ilha Porchat - Praia dos Milionários - Boa Vista (Vila Betânia .....	76
Figura 47: Foto da Vista - Praia dos Milionários – Sentido Morro dos Barbosas (direito) – Continente (Esquerdo). ....	76
Figura 48: Foto da Praia dos Milionários – Morro dos Barbosas (esquerda). ..	76
Figura 49: Foto da Vista - Praia dos Milionários – Sentido Morro dos Barbosas (direito) – Continente (Esquerdo). ....	77
Figura 50: Primeira locomotiva paulista. A São Paulo Railway, inaugurada em 1867. Liga São Paulo ao Porto de Santos. Primeira Ferrovia da Província de São Paulo.....	77

Figura 51: Estação e Vagão de Trem de São Vicente. ....	77
Figura 52: Bonde nº 2, São Vicente (via praia), trafegando a margem a Praia do Itararé. Observar como na maré alta a Ilha Porchat, à esquerda, com a passagem alagada, separava-se da Ilha. Praia do Itararé – 1910 .....	78
Figura 53: Vista do Morro Praia do Itararé Ilha Porchat (esquerda) e logo atrás do Ilha Porchat a Ponta do Morro dos Barbosa (direita) .....	78
Figura 54: Praia do Itararé, trafegada pelo bonde nº 2, São Vicente (via praia), num postal editado por volta de 1915. ....	78
Figura 55: Bonde nº2, São Vicente (via praia), na Praia do José Menino, em frente à Ilha de Urubuqueçaba, divisa entre Santos e São Vicente. ....	79
Figura 56: Praia do José Menino por volta de 1910, com chácaras e casas de veraneio isoladas e vastos terrenos ainda desocupados. Destaca-se à direita, o prédio do Hotel Internacional. O bonde que trafega, pela rua é o nº 2, São Vicente (via praia). ....	79
Figura 57: Igreja da Matriz e Câmara e Cadeia no Largo João Pessoa 1915. .	80
Figura 58: Porto de travessia da Ilha para o Continente e o barqueiro responsável pelo serviço. ....	81
Figura 59: Grupo do Club Internacional de Regatas nos mangues do Porto do Rei no Canal de São Vicente, num postal circulado em 1904.....	82
Figura 60: Casebre de pau-a-pique de pescadores em São Vicente por volta de 1905. Pág. 97.....	82
Figura 61: Palhoça do caiçara no litoral de São Paulo – 1915.....	83
Figura 62: Vida caiçara de uma família do Litoral São Paulo - 1913.....	83
Figura 63: Carregadores de folhas de mangue 1909-1913.....	83
Figura 64: Choupana caiçara de pau-a-pique e teto de sapé, no meio de um bananal no Morro de Nova Cintra, Santos, por volta de 1915.....	84
Figura 65: Engenho de moer cana-de-açúcar em sitio nos arredores de Santos por volta de 1915. Pág. 113. ....	84
Figura 66: Trabalhadores caiçaras numa plantação de bananas, nas vizinhanças de Santos, por volta 1915. Pág. 112.....	85
Figura 67: A casa rural (morro) e as casas na cidade 1915.....	85
Figura 68: Família caiçara dos arredores de Santos por volta de 1915. ....	86
Figura 69: Planta Cadastral de São Vicente de 1899 Mapa do Circuito do Bonde Elétrico. ....	88
Figura 70: Cano de pescadores caiçaras e turistas na Praia de São Vicente, tendo por fundo a Ilha Porchat, num postal circulado em 1903.....	89
Figura 71: Recanto sossegado de uma praia de São Vicente num postal circulado em 1904 .....	89
Figura 72: Passeio de Família no Ilha Porchat, São Vicente, por volta de 1915. ....	89
Figura 73: Via de acesso à ponte pênsil sem pavimentação (encosta do Morro dos Barbosas) 1914. ....	89
Figura 74: Ponte Pênsil e Saneamento de Esgoto - Vista da Ilha de São Vicente Olhando para o Continente e Vista do Continente olhando para a Ilha de São Vicente - Morro ao lado direito (Morro do Xixova) e o Morro ao Fundo (Morro dos Barbosas) Via de ligação (tubu.....	90

Figura 75: Ponte Pênsil e Saneamento de Esgoto - Vista da Ilha de São Vicente Olhando para o Continente – Dois lados diferentes de acesso a Ponte. ....	90
Figura 76: _____: Mapa da Planta Cadastral e Vista Aérea das praias de São Vicente (Ponte Pênsil), por volta de 1922 .....	90
Figura 77: Personagens Através dos Tempos .....	91
Figura 78: Brasão do Município de São Vicente e Documento da Constituição da Diretoria da Escola do Povo – 1903. ....	92
Figura 79: Cidadãos com ligação a Escola do Povo – 1893 – 1913 .....	93
Figura 80: Brasão do Estado de São Paulo e Anuário do Ensino de São Paulo. ....	97
Figura 81: Brasão da Maçonaria no Brasil e Logotipo da Loja Maçônica Fraternidade de Santos .....	100
Figura 82: Membros da Sociedade Comemoração IV Centenário do Descobrimento do Brasil. ....	110
Figura 83: Logotipo da IV Centenário do Descobrimento do Brasil. ....	111
Figura 84: Quadro do Benedicto Calixto Exposto na Escola do Povo - IV Centenário do Descobrimento do Brasil. ....	112
Figura 85: Missa Campal – Largo 13 de Maio - Festejo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil .....	113
Figura 86: Escola do Povo – Festejo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil .....	114
Figura 87: Capa Edição Especial (Comemoração Exposição IV Centenário Descobrimento do Brasil - Jornal “Vicentino” ano de 1900. ....	115
Figura 88: Missa Campal – Largo 13 de Maio - Festejo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil - – Monumento do IV Centenário Descobrimento do Brasil (Vista Centro). ....	116
Figura 89: Vista do Largo 13 de Maio - Comemoração Exposição IV Centenário Descobrimento do Brasil - Jornal “Vicentino” ano de 1900 – Monumento do IV Centenário Descobrimento do Brasil (Vista Praia). ....	116
Figura 90: Encerramento do ano letivo 1904. ....	122
Figura 91: Antiga Escola do Povo .....	142
Figura 92: Fachada da Escola do Povo - 1902 .....	145
Figura 93: Fachada da Escola do Povo .....	146
Figura 94: Fachada da Ampliação do Grupo Escolar S. Vicente. ....	148
Figura 95: Planta da Ampliação do Grupo Escolar S. Vicente .....	149
Figura 96: Pátio da Escola (Grupo Escolar de São Vicente) .....	150
Figura 97: Lado externo da Escola (Grupo Escolar de São Vicente) .....	151
Figura 98: Perspectiva da Ampliação do Grupo Escolar S. Vicente. ....	152
Figura 99: Escadaria da Fachada Escola do Povo (meninos descalços) – Grupo Escolar de São Vicente – 1923. ....	153
Figura 100: Grupo Escolar de São Vicente – Professor e alunos no pátio interno central .....	154
Figura 101: Área envoltória da Escola (Praça) – Grupo Escolar de São Vicente – 1923. ....	154
Figura 102: Em S.Vicente – O enche acima é a antiga “Escola do Povo”, que depois de recuperada pelo governo, é hoje o grupo escolar de S. Vicente. ..	157
Figura 103: Modelos de Carteiras e Mobiliário Escolar no final do Séc. XIX. ..	159

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Presidentes, Governadores e Prefeitos no período 1893 à 1913.....	97
Tabela 2: Estatística escolar do Estado em 31 de março de 1908.....	128
Tabela 3: Estatística escolar do Estado em 31 de julho de 1909.....	128
Tabela 4: Instituições e Verbas subsidiadas pela lei n.1117 – 27.12.1907. ...	129
Tabela 5: Instituições e Verbas subsidiadas pela lei n.1160 – 29.12.1908. ...	130

## RESUMO

Esta pesquisa investiga um período da História da Educação Brasileira a partir da implantação da Escola do Povo, criada no município de São Vicente, em 1893, e da sua transição para o Primeiro Grupo Escolar da cidade, em 1913. Os objetivos são apresentar os agentes que participaram desse processo e identificar as ações desenvolvidas na construção e transformação desse espaço escolar. Criada por iniciativa de um grupo de cidadãos vicentinos, em sua maioria da Loja Maçônica Fraternidade de Santos, a escola foi instalada em um armazém de secos e molhados, sendo transferida, em 1898, para um novo edifício, construído conforme características que poderiam ser classificadas como de uma Arquitetura Escolar Republicana. Em 1913, a escola passou a ser administrada pelo Governo do Estado e denominada como “Primeiro Grupo Escolar de São Vicente”, chamada de “Grupão” por moradores da cidade. O procedimento metodológico adotado qualifica o edifício escolar, suas características e analisa as relações sociais, articulando o cenário republicano às especificidades dos grupos atuantes no município. Indicam-se ainda, aspectos da proposta educacional ali implantada. A pesquisa desenvolveu-se em documentos escritos e iconográficos, encontrados em arquivos existentes no município de São Vicente-SP, na região da Baixada Santista, em matérias publicadas na imprensa e documentos particulares, em conjunto com o estudo de referências bibliográficas sobre arquitetura escolar e a historiografia da educação. Analisar a escola e seu edifício numa perspectiva histórica como monumento e documento, e uma personagem que testemunhou acontecimentos, exige que se olhe com atenção para algo que é mais que um prédio ou uma instituição, porque será sempre portador de significados e um foco aglutinador de relações humanas. Quem construiu? Porque construiu? Qual significado de uma Escola para o município? E ainda, porque e de que forma foram realizados os acréscimos construídos? Essas indagações pautaram a investigação sobre quais foram os agentes, como se desenvolveram as propostas dos “novos” espaços construídos, quais as suas intenções, os desdobramentos e as consequências disso.

Palavras-chave: Escola do Povo, Grupo Escolar de São Vicente, Historiografia da Educação na República e Arquitetura Escolar.

## ABSTRACT

This research investigates a period in the History of Brazilian Education from the implantation of the School of the People, created in the municipality of São Vicente, in 1893, and its transition to the First School Group of the city in 1913. The objectives are to present the agents who participated in this process and identify the actions developed in the construction and transformation of this school space. Created on the initiative of a group of Vincentian citizens, mostly from the Masonic Lodge of the Brotherhood of Santos, the school was installed in a dry and wet warehouse and was transferred in 1898 to a new building, built according to characteristics that could be classified as of a Republican School Architecture. In 1913, the school was administered by the State Government and denominated as "First School Group of São Vicente", called "Grupão" by residents of the city. The methodological procedure adopted qualifies the school building, its characteristics and analyzes the social relations, articulating the republican scenario to the specifics of the groups acting in the municipality. It also indicates aspects of the educational proposal implemented there. The research was developed in written and iconographic documents, found in archives existing in the municipality of São Vicente-SP, in the region of Baixada Santista, in articles published in the press and private documents, together with the study of bibliographic references on school architecture and the historiography of education. Analyzing the school and its building in a historical perspective as a monument and document, and a person who has witnessed events, demands that one look closely at something that is more than a building or an institution, because it will always be bearer of meanings and an agglutinating focus of human relations. Who built it? Why did you build it? What is the meaning of a School for the municipality? Also, why and how were the additions made? These inquiries guided the investigation into what the agents were, how the proposals for the "new" constructed spaces were developed, what their intentions were, the ramifications, and the consequences.

Keywords: School of the People, School Group of São Vicente, Historiography of Education in the Republic and School Architecture.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	14
<b>Procedimento Metodológico</b> .....	21
Que história é essa...? Documento x Monumento – Texto x Imagem .....	22
Apropriação e Critérios para a Organização das Fontes Primárias.....	25
<b>1. CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO, SOCIOCULTURAL NO FINAL DO SÉCULO XIX INÍCIO DO SÉCULO XX</b> .....	49
1.1. Processo de Transformação do “Velho” para o “Novo” .....	50
1.2. Aspectos da Educação Brasileira no final do Século XIX Início do Século XX (Aportes – Referencial Bibliográfico).....	56
<b>2. DA ESCOLA DO POVO AO GRUPÃO</b> .....	62
2.1. O Território (Região e Cidade “ <i>Locus</i> ”) .....	62
2.2. Os Agentes (Personagens x Instituições).....	91
2.2.1. Maçonaria e a Escola do Povo .....	99
2.3. As ações (Processo de implantação e transição da Escola).....	101
2.4. O Edifício Escolar (O Espaço Escolar e suas Características Arquitetônicas) .....	140
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	159
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	161

## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo investigar um período da História da Educação Brasileira a partir da implantação da Escola do Povo e a sua transição para o Primeiro Grupo Escolar no município de São Vicente-SP; apresentar os agentes que participaram desse processo como identificar as especificidades que os levaram a pensar, estabelecer, materializar e realizar a manutenção desse Equipamento Urbano<sup>1</sup> durante o final do século XIX (1893) e início do século XX (1913) por meio da leitura de relatos documentais.

[...] encarar a organização do espaço na escola como um dos movimentos que permitem recuperar a história dos estabelecimentos de ensino, possibilitando uma nova leitura dessa ambiência escolar, leitura em que se procura identificar os fatores – políticos, sociais, culturais e econômicos – que interferem na formulação e na execução das políticas educacionais que deram origem aos atuais espaços escolares. No rastro de uma trajetória acadêmica marcada pela intimidade com as questões relacionadas ao espaço escolar, discute-se o papel da organização do espaço na história da escola, [...]. Em síntese, eleger o espaço escolar como objeto de estudo configura-se como uma possibilidade de diálogo entre a Arquitetura e a Educação, ambas responsáveis pela organização e ocupação do espaço físico da escola, bem como com a sua utilização, além de tudo, como espaços educativos. (DÓREA, 2013, p. 161).

O edifício que abrigou a Escola do Povo e o Primeiro Grupo Escolar de São Vicente atualmente abriga a Escola Técnica Estadual Dra. Ruth Cardoso<sup>2</sup>, constitui-se como patrimônio histórico e cultural tanto para o município quanto para a Região, o que motivou a formulação deste projeto de pesquisa, pois se estabelece como documento/monumento da historiografia educacional do município de São Vicente/SP. Para elucidar melhor esse entendimento Le Goff

---

<sup>1</sup> Equipamento Urbano - todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados. (NBR 9284-1986).

<sup>2</sup> Escola Técnica Estadual do Centro Paula Souza, situada no município de São Vicente.

(2003), traz uma reflexão sobre história e memória aplicada nesse contexto no documento e monumento.

A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam a ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. [...] Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. [...] O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.[...] O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se a intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito. (LE GOFF, 2003. p. 525-527).

A possibilidade de olhar a escola e seu edifício numa perspectiva histórica como uma personagem que testemunhou acontecimentos, motivou descobertas e apontou caminhos, tudo isso dará motivo a que se olhe com carinho renovado para algo que é mais que um prédio ou uma instituição, porque será sempre um importante foco aglutinador das melhores relações humanas.

O aprofundamento das discussões sobre as relações entre passado e presente na história, e o rompimento com a ideia que identificava objeto histórico e passado, definido como algo morto e incapaz de ser reinterpretado em função do presente, abriram novos caminhos para o estudo da história do século XX. Por sua vez, a expansão dos debates sobre a memória e suas relações com a história veio oferecer chaves para uma nova inteligibilidade do passado (Rouso, 1993).

Segundo Patrick Hutton (1993), o interesse dos historiadores pela memória foi em grande medida inspirado pela historiografia francesa, sobretudo a história das mentalidades coletivas que emergiu na década de 1960. Nesses estudos, que focalizavam principalmente a cultura popular, a vida familiar, os hábitos locais, a religiosidade etc., a questão da memória coletiva já estava implícita, embora não fosse abordada diretamente. (FERREIRA, 2012, p. 174 e 175).

No contato com o Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e História<sup>3</sup> do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos, coordenado pelo Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Jr., pode se verificar, através de leituras, seminários, aulas expositivas e dialogadas que, numa pesquisa historiográfica a educação encontra-se inserida no quadro das relações sociais necessitando assim uma compreensão dos fenômenos educacionais, podendo evitar assim o chamado educentrismo<sup>4</sup>.

São processos históricos em que as relações sociais definem grupos e setores sociais considerados como passíveis de serem educados. Se as concepções, as formas, as propostas educacionais são históricas, então a compreensão da sua história não poderia restringir-se aos limites escolares, isolando a educação das relações com o econômico, o geográfico, o social e o cultural. (KUHLMANN; LEONARDI, 2016, p. 210).

A formação acadêmica em Arquitetura e Urbanismo como também a especialização em Patrimônio Histórico, possibilitou um olhar curioso para a materialidade e estética de edifícios antigos, e durante a carreira profissional como professor de ensino técnico e superior, esse olhar tornasse cada vez mais instigante, quando percebia o uso desses edifícios escolares antigos, pelas pessoas que ali viviam e se desenvolviam, e o papel que esses edifícios apresentam em suas vidas.

Lemos (1979), em sua obra transcorre a história da arquitetura brasileira, apresentando os agentes de cada período e a sua contribuição para a expressão de cada movimento retratado por ele; e ainda, esclarece para o leitor, o quanto é importante a arquitetura interligada ao espaço urbano.

---

<sup>3</sup> Grupo de Pesquisa: Educação, Sociedade e História: Considera-se que a educação está situada no interior da sociedade e não referida a instituições, legislação ou concepções pedagógicas vistas de forma isolada. As análises tratam de questões relacionadas à historiografia educacional, à educação de crianças e jovens, à infância e à história da ciência, com maior ou menor aproximação aos temas estudados: o Estado e as políticas públicas; as formações sociais (envolvendo relações internacionais, congressos, grupos religiosos, ligas e associações); a organização e a administração dos sistemas educacionais; as divisões etárias; as propostas e a implantação de instituições educacionais, em diferentes modalidades (creches, jardins de infância, grupos escolares, escolas isoladas, parques infantis, etc.) e em diferentes sentidos e aspectos (patrimônio cultural, política educacional, concepções educacionais, etc.), considerando as articulações locais, regionais, nacionais e internacionais.

<sup>4</sup> KUHLMANN JR.; LEONARDI - História da Educação no Quadro das Relações Sociais, 2016.

Enfim, essa facilidade de identificação dos espaços urbanos é que define os patrimônios ambientais, que nunca foram bem interpretados, analisados, quantificados. Só sabemos que tem sido sistemicamente destruídos impedindo a perpetuação das identidades, a fixação dos caracteres definidores, em obediência a uma fatalidade histórica de um país sem memória. (LEMOS, 1979, p. 120).

Burke (1992) relata a importância do tratar história e a memória como atividades que se complementam entre si, tornando-se incompletas quando trabalhadas isoladamente devido a sua subjetividade.

Tanto a História quanto a memória passaram a ser encaradas de forma cada vez mais problemática. Lembrar o passado e escrever sobre ele já não podem ser consideradas atividades inocentes. Nem as recordações nem as histórias nos parecem objetivas. Em ambos os casos estamos a aprender a estar atentos à seleção consciente inconsciente à interpretação e à distorção. Nos dois casos esta seleção, interpretação e distorção são fenômenos socialmente condicionados. Não se trata do trabalho de indivíduos isolados. (BURKE, 1992).

A investigação sobre a historiografia da educação na sociedade, tem sido objeto de crescente interesse na História da Educação. No relato de Manfredi (2002), é apresentada, a relação da Escola com as demais instituições:

O sistema de educação escolar de uma sociedade como ocorre com as demais instituições sociais - a igreja, a família, o estado, as empresas, os sindicatos -, é historicamente datado e situado. É portanto, produto de um complexo movimento de construção/reconstrução, determinado por fatores de ordem econômico social e político cultural. Que definem o contexto em que atuam os diferentes protagonistas sociais com interesses diferenciados. (MANFREDI, 2002, p. 32).

Na experiência como educador desde 1996, pude perceber que quando as pessoas se reúnem elas constroem e partilham de novos conhecimentos, investigam para conhecer, entender e transformar a realidade que nos cerca, quando realizamos essas atividades estamos falando de uma ação educativa. Uma das mais importantes contribuições que o professor pode oferecer a seus alunos nestes nossos tempos é ensiná-los a procurar, a produzir e a organizar o conhecimento.

No exercício de professor no Curso Técnico em Edificações<sup>5</sup> da Escola Técnica Estadual Dra. Ruth Cardoso desde o início do ano 2008, a formação em Arquitetura e Urbanismo e ainda, a especialização em Patrimônio Histórico, possibilitou uma leitura visual<sup>6</sup> sobre o edifício em estudo, suas características arquitetônicas, como também as intervenções sofridas ao longo do tempo, instigando assim um levantamento mais apurado sobre o patrimônio edificado.

Foi possível através da leitura visual do Edifício Escolar, verificar o seu estado de conservação, perceber algumas características estilísticas da Arquitetura Escolar Tradicional Republicana muito marcante e claramente percebida através da sua fachada<sup>7</sup>, logo na entrada do Edifício Escolar. Ao percorrer o olhar no Edifício, consegue-se realizar algumas correlações, notando que houve enxertos e acréscimos de outras estruturas e construções que não faziam parte do Conjunto Arquitetônico<sup>8</sup> original.

Por definição é arquitetura tudo que concerne à construção, e é com as técnicas da construção que se intui e se organiza em seu ser e em seu devir a entidade social e política que é a cidade. Não só a arquitetura lhe dá corpo e estrutura, mas também a torna significativa com o simbolismo implícito em suas formas. Assim como a pintura é figurativa, a arquitetura é por excelência representativa. Na cidade todos os edifícios, sem exclusão de nenhum, são representativos, e com frequência, representam as malformações, as contradições, as vergonhas da comunidade. É o caso das montanhas de refugos arquitetônicos que a especulação descontrolada acumulou nas cidades e cujo respeito se diz com demasiada frequência que não são arquitetura – mas são, e são arquiteturas representativas de uma infeliz realidade social e política. (ARGAN, 1998, p. 233).

---

<sup>5</sup> O Técnico em Edificações: é o profissional que desenvolve e executa projetos de edificações conforme normas técnicas de segurança, de acordo com legislação específica, conforme limites regulamentares e normativa ambiental. Planeja a execução, elabora orçamento e memorial descritivo de obras. Supervisiona a execução de diferentes etapas do processo construtivo. Presta assistência técnica no estudo e desenvolvimento de projetos, pesquisas e controle tecnológico de materiais na área da Construção Civil. Orienta e coordena a execução de serviços de manutenção de equipamentos e de instalações em edificações. Orienta na assistência técnica para compra, venda e utilização de produtos e equipamentos especializados. Plano de Curso nº 185 – Cetec – Centro Paula Souza (2011).

<sup>6</sup> Leitura Visual: Linguagem utilizada pelo arquiteto para analisar uma obra.

<sup>7</sup> Fachada: Linguagem técnica utilizada pelo arquiteto para se referir a parte frontal (frente) de uma edificação.

<sup>8</sup> Conjunto Arquitetônico: Linguagem técnica utilizada pelo arquiteto para se referir a mais de uma edificação inserida no mesmo terreno (lote).

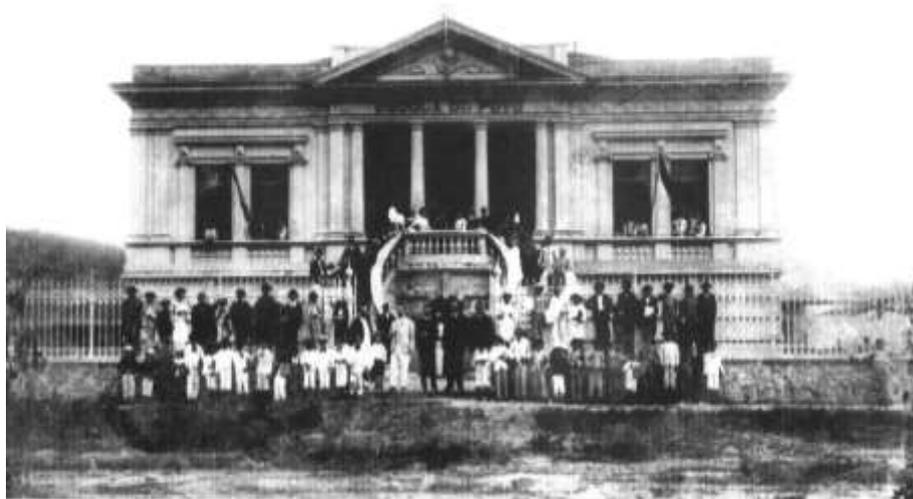
Após o contato com o edifício através da leitura visual, e as considerações de Argan (1998), desperta certas curiosidades, que vai além do edifício escolar construído em si: Quem construiu? Porque construiu? Qual significado de uma Escola para o município? E ainda, porque e de que forma foram realizados os acréscimos construídos? A partir dessas indagações, começa a vir o interesse em investigar, quais foram os agentes, como foi que se deram os inícios dos “novos” espaços construídos, quais eram suas intenções, como se desdobraram e quais as consequências disso? Descobrir essas indagações, pode dar início a uma pesquisa historiográfica da educação em São Vicente.

A partir desta percepção, foi desenvolvido um levantamento fotográfico e arquitetônico “*in loco*” como também uma leitura de projetos de acréscimos e reformas existentes, e ainda foram desenvolvidas diferentes representações gráficas no decorrer da pesquisa, evidenciando assim, o quanto as ações públicas, interferiram no edifício, determinando espaços e componentes físicos, edificações, equipamentos e mobiliário considerados necessários ou não para a realização de tais ações; acarretando não apenas o desgaste físico e a transformação a integridade do edifício como também ofuscando os vestígios da memória escolar perdida no tempo.

Ao mesmo tempo, ao ocupar este espaço, a nova instituição projeta-se a um passado, atribuindo significados que sugerem uma trajetória linear ao presente.

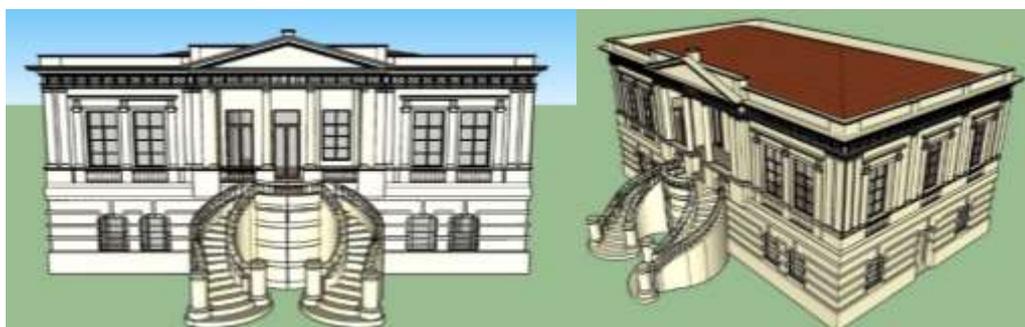
A Escola Técnica Estadual foi implantada em um dos edifícios remanescentes de uma “Arquitetura Escolar Republicana”, datado de 1898.

Figura 1: Foto da Escola do Povo - 1905



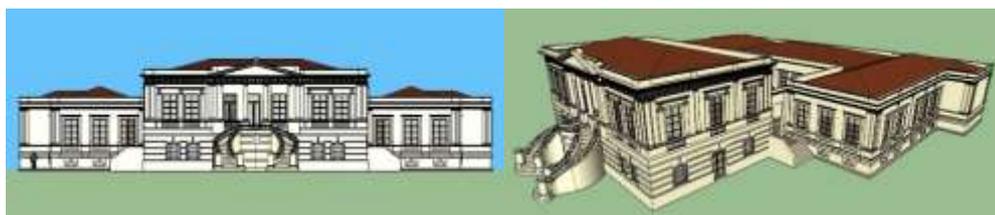
Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente (2018)

Figura 2: Reprodução Gráfica da Fachada e Perspectiva Aérea 'Escola do Povo': Construção Original em 1898.



Fonte: Acervo e Produção Pessoal (2017).

Figura 3: Reprodução Gráfica da Fachada e Perspectiva Aérea "Grupo Escolar de São Vicente" (O Grupão): Construção Original com Acréscimo de um Corpo Secundário em 1913.



Fonte: Acervo e Produção Pessoal (2017).

Figura 4: Reprodução Gráfica da Perspectiva Aérea (Vista Frontal e Vista Posterior) Sucessivas Denominações no Decorrer do Século XX.



Fonte: Acervo e Produção Pessoal (2017).

Atualmente o Edifício Escolar encontra-se sobre a responsabilidade do Poder Público Estadual de São Paulo na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação – Centro Paula Souza, o município de São Vicente presta serviços de manutenção predial e parte da estrutura administrativa (funcionários, merenda escolar, reparos ou reformas prediais) para o funcionamento do Edifício Escolar, mediante convenio pré-estabelecido entre as partes envolvidas.

### **Procedimento Metodológico**

Nesta dissertação, o procedimento metodológico busca qualificar o objeto em questão, tendo em vista parâmetros do edifício escolar suas características as relações sociais no cenário republicano. As fontes documentais em conjunto com referenciais bibliográficos em arquitetura, iconografia, cultura e historiografia da educação no período da primeira república fundamentaram essa pesquisa histórica.

As fontes primárias foram buscadas nos arquivos documentais existentes, no Escola Técnica Estadual Dr<sup>a</sup> Ruth Cardoso do Centro Paula Souza, Diretoria de Ensino da Região de São Vicente, Biblioteca da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos, Hemeroteca Roldão Rosa, Secretaria de Cultura do Município de São Vicente - Casa Martim Afonso e Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente.

Iniciou-se com o mapeamento da atual Escola Técnica Estadual Dra. Ruth Cardoso a partir de fontes primárias encontradas, necessitou pré-estabelecer recortes no período de 1893 a 1913, pelo dimensionamento da pesquisa, tanto quanto relação e conhecimento do funcionamento da máquina administrativa para saber onde se encontram e disponibilizam os documentos que poderiam servir para a pesquisa.

Foram analisados os documentos de registros, projetos, memoriais descritivos, depoimentos da época e iconográficos relativos aos engenheiros, arquitetos e construtores que atuaram na construção do edifício, matérias publicadas na imprensa, documentos particulares – iconográficos ou não, eventualmente ainda em poder de Empresas Públicas ou Privadas como também de profissionais, professores, diretores (atuando ou aposentados), alunos, ex-alunos e comunidade escolar.

Como fontes secundárias, foram examinadas a bibliografia referente à arquitetura, iconografia, cultura e historiografia da educação no período da primeira república, trabalhos acadêmicos realizados e ainda possíveis entrevistas com agentes que interagem com esse objeto.

Que história é essa...? Documento x Monumento – Texto x Imagem

O procedimento metodológico utilizado para organização das fontes primárias encontradas e sua relação com a pesquisa, e ainda a leitura de documentos escritos, a transcrição paleográfica, catalogação e análise das matérias publicadas na imprensa, leitura análise memoriais descritivos, realização de entrevistas e leitura e análise iconográfica de projetos, fotos e imagens de modo geral.

Hoje o método seguido pelos historiadores sofreu uma mudança. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los, nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da cultura material, os objetos coleção (cf. pesos e medidas, moeda), os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis, (cf. fóssil) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (cf. animal, homo). Enfim, tendo em conta o fato de que todo o documento é ao mesmo

tempo verdadeiro e falso (cf. verdadeiro/falso), trata-se de pôr à luz as condições de produção (cf. modo de produção, produção/distribuição) e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder (cf. poder/ autoridade). (LE GOFF, 2003).

Pensar a história através do comportamento dos atores ainda não revelados, como também os seus feitos, nos traz uma imensa oportunidade de enxergar situações que ocorreram, mas não foram descritas por algum interesse em abafar os fatos realmente acontecidos. Na leitura de alguns documentos existe a possibilidade de averiguar, muitos feitos por atores ainda não reconhecidos pelos historiadores; A Escola de Annales teve um papel fundamental para desenvolver esse pensamento aos pesquisadores do século XX.

A fundação, na França, da revista Annales, em 1929, e da École Pratique des Hautes Études, em 1948, daria impulso a um profundo movimento de transformação no campo da história. Em nome de uma história total, uma nova geração de historiadores, conhecida como “École des Annales”, passou a questionar a hegemonia da história política, imputando-lhe um número infindável de defeitos: era elitista, anedótica, individualista, factual, subjetiva e psicologizante. Em contrapartida, esse grupo defendia uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado. Essa nova história sustentava que as estruturas duráveis eram mais reais e determinantes do que os acidentes de conjuntura, e seus pressupostos eram que os fenômenos inscritos em uma longa duração são mais significativos do que os movimentos de fraca amplitude, e que os comportamentos coletivos têm mais importância sobre o curso da história do que as iniciativas individuais. As realidades do trabalho e da produção, e não mais os regimes políticos e os eventos, deveriam ser objeto da atenção dos historiadores. O fundamental era o estudo das estruturas, em que assumia primazia não mais o que é manifesto, o que se vê, mas o que está por trás do manifesto, e o que importava era identificar as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais e engendram as formas do discurso. Daí a afirmação de uma separação radical entre o objeto do conhecimento histórico propriamente dito e a consciência subjetiva dos atores. (FERREIRA, 2012, p. 173).

Acredita-se que a Escola de Annales<sup>9</sup>, alforriou o documento visual para servir como fonte histórica, no entanto segundo o trabalho de Ulpiano Menezes sobre História e Imagem, ele apresenta que já no século XVIII, através da obra “La istoria universale provata com monumenti e figurata con simboli” de Francesco Bianchini<sup>10</sup>, se firma o “potencial cognitivo da imagem” e ainda na Encyclopedie de Diderot e D’Alambert (1758-1795) utiliza as imagens esclarecendo as informações dos verbetes, mas só no século XIX que a imagem se apresenta como documento com o advento da fotografia, sendo utilizada em várias áreas do conhecimento, inclusive em história da arte e na arquitetura e urbanismo, o texto vem a esclarecer que infelizmente ainda com a “alforria chancelada”, pela Escola de Annales, o documento visual não ganhou uma total independência, é ainda tratado pelos historiadores, como um documento em subalterno.

A raiz disso está na formação básica do historiador, ainda de natureza exclusiva ou preponderantemente egocêntrica, com desconfiança ou restrições para tudo aquilo que tenha caráter concreto ou afetivo. Além disso a palavra é, como não poderia deixar de ser, seu instrumento de expressão. Quando o historiador não consegue moderar a força gravitacional da palavra, tende a transformar a imagem visual, que passa a ser tratada como um recipiente neutro, inodoro, insípido, incolor, frágil embalagem à espera da inserção de um significado a priori integralmente elaborado e tendo em si sua própria identidade. (MENEZES, 2012, p. 251).

Sabe-se que hoje em sua consciência não se pode ignorar que a imagem é uma fonte histórica, ela contribui e muito no processo da pesquisa histórica, desafiando os pesquisadores, a analisar e interpretar as imagens, utilizando procedimentos e métodos adequados, evitando assim uma pesquisa sem rigor acadêmico.

[...] Uma imagem antiga deveria ser também considerada uma coisa do meu presente, ainda que sua temporalidade repercuta na minha forma de apropriação.

Seja como for, conviria acentuar, primeiro, que as imagens não contribuem apenas para representar o passado,

---

<sup>9</sup> Escola de Annales – Movimento liderado por March Bloch e Lucien Lebreu surgiu na França em 1920, destacou-se por incorporar métodos das Ciências Sociais à História.

<sup>10</sup> Francesco Bianchini (Séc XVIII) – Astrônomo e Antiquário do Vaticano.

mas também para construí-lo, em seguida, que os diferentes modos de representação visual – fotografia, pinturas, gravuras, esculturas, cinema, objetos tridimensionais etc. – deixam marcas específicas nessa produção do passado.

Nessa ordem de ideias, é comum se falar em visões do passado quando se examinam os complexos processos de produção de significados com que tanto as narrativas dos historiadores quanto as representações sociais articularam presente e passado, em particular pela mediação de imagens (Guimarães, 2007). (MENEZES, 2012, p. 259).

### Apropriação e Critérios para a Organização das Fontes Primárias

O primeiro contato com a História da Escola do Povo ou do Grupão, foi através da própria comunidade vicentina, apresentada por: alunos, pais, avós, parentes e conhecidos próximos ou distantes, e ainda, visitantes e curiosos do Edifício Escolar.

A Escola, participara de alguma forma, diretamente ou indiretamente na vida desses agentes, por meio de lembranças educacionais como também acontecimentos sociais e culturais. Sempre que se adentravam no Edifício demonstravam uma empatia, uma intimidade e um vínculo emocional, relatando prazerosamente a sua relação com a Escola.

Na última transição administrativa e denominacional da Escola, tive o privilégio de exercer o cargo de coordenador de curso em conjunto com a direção escolar, e assim, verificar a aceitação da comunidade vicentina, suas necessidades e seus anseios no que se referia a implantação de uma Escola Técnica para o município. Isso, contribuiu para conhecer um pouco do perfil, características e histórias da vida dos alunos que ali pretendiam estudar.

A Escola está localizada no cerne do centro comercial do município, e atualmente com algumas ações educacionais, trouxe possibilidades e oportunidades para adolescentes, jovens e adultos; fazendo com que procurem semestralmente<sup>11</sup> atividades que a Escola se propõe.

Ao buscar alguma informação junto a secretaria, coordenação ou direção da escola, parentes e alunos se apresentavam como pessoas que já haviam estado no Edifício Escolar, em algum outro momento de suas vidas. Não apenas

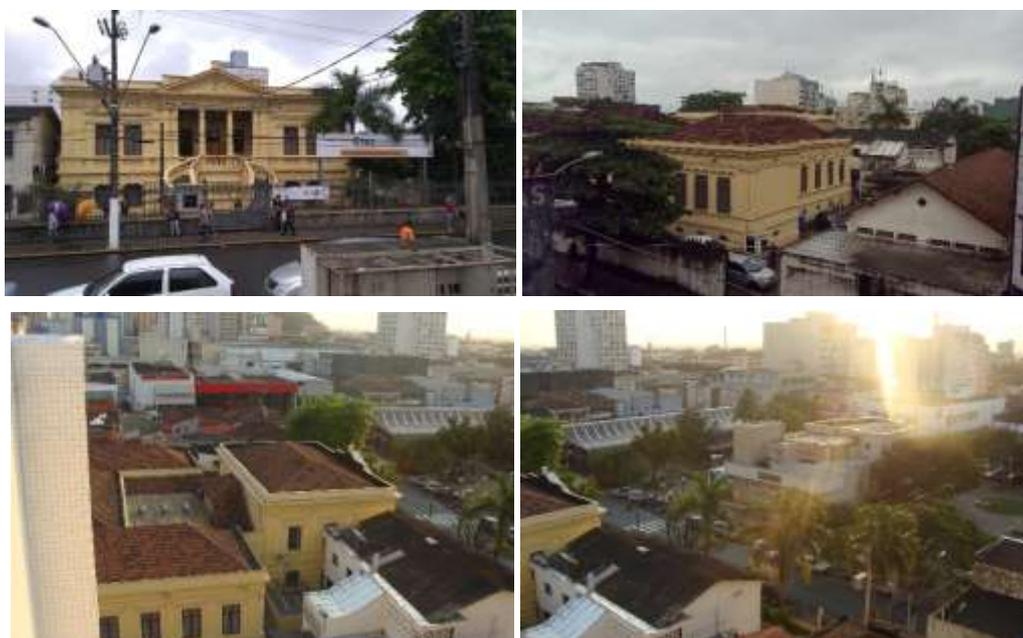
---

<sup>11</sup> Os cursos técnicos oferecidos pelo Centro Paula Souza, são realizados semestralmente.

alunos e seus parentes, mas algumas pessoas relatam episódios com a Escola, em sua maioria são personagens anônimos (desconhecidos), que transitam de um lado para o outro no centro comercial de um município com grandes problemas sociais atualmente, e que tem como fonte de renda principal, o comércio.

Muitas vezes esses personagens saem do seu anonimato, apresentando “estórias” de um passado recente com certa informalidade, sobre sua atuação junto ao Edifício Escolar; os relatos apresentados por esses personagens variam desde a atuação como aluno, pais de aluno, funcionário, professor e diretor.

Figura 5: Etec Drª Ruth Cardoso e seu entorno no ano 2018



Fonte: Acervo Pessoal – (2018).

As “estórias” apresentadas, sempre é evidenciado as alterações que o Edifício Escolar sofreu, algumas frases se repetem como:

Essa escola é bem antiga, meus avós estudaram aqui!

É uma construção muito bonita, deve ser a mais antiga de São Vicente!

Antigamente, e acho que não tinha isso aqui! (Se reportando a algum acréscimo construtivo realizado posteriormente).

Não tinha quase nada aqui no centro, só tinha a Escola! (Se reportando ao e redor e ao bairro onde a escola está localizada).

[...] É nesse contexto que a formulação teórica do sociólogo Maurice Halbwachs (1994) ganha destaque, passando a integrar o universo teórico dos historiadores. De acordo com ele, a memória envolve uma relação entre a repetição e a rememoração. Importa, porém, ressaltar que, ao analisar a repetição das memórias, Halbwachs observou que ela ocorre juntamente com a sua revisão. Outro ponto relevante de sua pesquisa é a formulação de que a memória coletiva depende do poder social do grupo que a detém, porque, na rememoração, nós não lembramos as imagens do passado como elas aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais do presente que estão agindo sobre nós (Hutton, 1993).

Essa contribuição fornece elementos para a elaboração de uma história das comemorações e, ao pesquisar as imagens nas quais os atores históricos representam seu mundo, os historiadores podem identificar as estruturas da imaginação coletiva e o poder do grupo social que as criou. (FERREIRA, 2012, p. 173).

Pude imaginar um grande quebra-cabeça, que continham “peças” distintas, muito rica em informações mais ainda inacessíveis, no entanto para construir necessitava de paciência, sensibilidade, perspicácia e mente aberta, pois os agentes que poderiam me mostrar, trazer, apresentar, emprestar e/ou doar essas “peças”, não saberia se estavam disponíveis para tais ações.

Já tinha em mãos algumas dessas principais “peças”, o Edifício propriamente dito, os levantamentos desenvolvidos e alguns indícios relatados anteriormente.

Dá-se o início a procura de mais “peças” desse grande quebra-cabeça, sabendo que muitas “peças” estão espalhadas ou perdidas, necessitando uma busca intensa da localização dessas “peças”, sabendo ainda pode haver peças misturadas de um outro quebra-cabeça que deverão ser separadas, analisadas, catalogadas e redirecionadas no quebra-cabeça de origem.

Um meio utilizado foi a internet através de sites, a busca partir da indicação de palavras-chave e assuntos pertinentes as denominações atribuídas dos principais caminhos da Escola, reconhecida na memória da comunidade vicentina, desde o começo de sua trajetória até a presente data do início de realização da pesquisa.

O espaço virtual que mais proporcionou informações a respeito da História da Escola, foi o site novomilenio<sup>12</sup>, onde pude deparar com um artigo publicado pelo historiador Waldir Rueda<sup>13</sup> intitulado como “Da Escola do Povo ao Grupão”.

Ao realizar esse primeiro contato com a história publicada, percebi que ela não seria o suficiente para sanar alguns dos meus questionamentos, mas me proporcionava um ponto de partida para início de uma Pesquisa Historiográfica, como se houvesse encontrado uma “peça” norteadora do quebra-cabeça. A leitura me trazia certo incomodo, do método realizado pelo idealizador, traziam uma diversidade de hipóteses, mas sem nenhuma, fonte que pudesse confirmar a veracidade dos ocorridos, necessitando assim uma amplitude nas fontes de pesquisa, busca de mais “peças” para estruturação do quebra-cabeça.

Pude perceber um “quebra cabeça” parcialmente montado e grande parte desmontado, com peças faltantes e ainda com peças inseridas em lugares indevidos, e possivelmente com peças sendo utilizadas de um outro quebra cabeça. Me encontrei desafiado a re-montar esse quebra cabeça, tão fragmentado, podendo revelar uma paisagem que pode vir a ser tão importante para História da Educação Brasileira, ou apenas uma parte que contribuirá para essa mesma História, que pode estar escondida atrás dessas peças faltantes ou não inseridas.

Nesse primeiro momento houve a necessidade de um voo rasante e panorâmico sobre os fatos e acontecimentos sociais e educacionais apresentado por pessoas que haviam desenvolvido pesquisa histórica com interesse na vida da escola, algumas ações como aniversários, feiras, encontros e datas festivas foram desenvolvidas inclusive por professores e alunos da atual Escola Técnica Estadual, trazendo assim um entendimento bem generalista, precisando ainda apurar esses fatos e acontecimentos. Esse voo seria como uma hipótese de cena e/ou paisagem que esse quebra-cabeça poderia apresentar, agora o que é

---

<sup>12</sup> Novomilenio – (Novo Milênio) Jornal Eletrônico da Região da Baixada Santista que aborda sobre Aspectos Sócio Cultural, Político, Histórico e Geográfico da Região.

<sup>13</sup> Waldir Rueda (1966-2011) – Historiador e memorialista – defensor do Patrimônio Histórico Santista.

necessário fazer, é separar as peças existentes e verificar se realmente pertencem a esse quebra-cabeça.

Partindo desse princípio e de tal necessidade, deu início a um desenvolvimento cronológico de informações desde o início da Escola do Povo, sua passagem para o Grupão, suas demais denominações, chegada a Delegacia Regional de Ensino, até implantação da Etec Dra. Ruth Cardoso, e ainda a importância da Escola no município de São Vicente.

No ano de 2008, foi solicitado um levantamento cronológico, pela então diretora da Etec Dra. Ruth Cardoso, Profa. Kely Renata Mariano da Silva, para registrar parte da História do Edifício Escolar. Foram desenvolvidos três painéis, com informações iconográficas e cronológicas, em conjunto com a arquiteta Adelia Mattos. Esses painéis encontram-se em exposição permanente nas dependências do Edifício Escolar.

Figura 6: Foto - Painéis Cronológico e Iconográfico do Edifício Escolar



Fonte: Produção e Acervo Pessoal em parceria com Arquiteta Adélia Mattos (2008).

Logo após a confecção dos painéis, foi percebido uma visão panorâmica do Conjunto Arquitetônico do Edifício Escolar seu estado de conservação e sua trajetória no município de São Vicente. Conseguiu perceber também, o quanto as palavras “Escola do Povo” e “Grupão” ressaltam no discurso das fontes pesquisadas.

As principais denominações da Escola, embutida na memória da comunidade vicentina que tanto se apresenta através do discurso, pode ser verificada no site do novomilenio; mesmo quando necessário contrapor com outras fontes e/ou informações pertinentes; deve-se levar em consideração a duas denominações “Escola do Povo” e “Grupão” quando se ater a pesquisa histórica, pois essas palavras não fundamentais para compor uma cena e/ou imagem do quebra-cabeça que está começando à ser montado.

Cada vez que lia os relatos do site, me deparava imaginando como poderia ser o período em que a escola foi implantada, como era a cidade e a infra-estrutura na época; tentando assim materializar através das imagens pesquisadas a localização geográfica, o estado das edificações de acordo com o período que está sendo relatado, facilitando a minha visualização de cada cena retratada em no texto.

#### Da Escola do Povo ao Grupão (1)

Centenário, o tradicional colégio vicentino conhecido como Grupão iniciou suas atividades em 1893 com a denominação de Escola do Povo, e foi criado por um grupo de maçons que se reuniu no armazém de secos e molhados (como então se dizia) do capitão Antão Alves de Moura. A história dessa escola - em anos recentes transformada em escola técnica (Etec) - foi contada pelo jornal santista *A Tribuna*, ao noticiar os trabalhos de restauração do imóvel em 26 de julho de 2004: (HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018).

Figura 7: Foto Antiga Escola do Povo – Armazém Secos e Molhados – (Reprodução em “Bico de Pena” – Edison Telles de Azevedo).



Fonte: Polianteia Vicentina.

Na chamada do texto escrito no site novomilenio, deixa bem claro os dois nomes que são determinantes à Escola, “Da Escola do Povo ao Grupão”, o texto discorre ainda que a Escola foi criada por um “grupo de maçons” com suas atividades em um “armazém de secos e molhados” no ano de 1893. Fazendo uma análise do texto e uma associação de localização, foi buscar a existência de algum lugar anteriormente onde a Escola poderia ter funcionado antes de estar em seu Edifício próprio.

Em contato com o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico Cultural e Turístico de São Vicente, tive a possibilidade do contato com o atual diretor do Conselho Marcos Braga, onde tive acesso ao um acervo fotográfico. Em uma das fotos disponibilizadas pelo diretor do Conselho, pode-se perceber o nome da Escola escrito na fachada em uma das casas coloniais próximo a Igreja da Matriz de São Vicente, isso pode evidenciar que a Escola teve suas atividades nesse local.

Precisava ainda angariar informações sobre o tal “grupo de maçons”, que a Escola havia sido criada. Uma dúvida era trazida na mente: A Escola foi criada por um grupo de pessoas e que coincidentemente esse grupo eram maçons ou a maçonaria que criou a Escola através desse grupo de maçons?

Na frase final do parágrafo desse texto do site, é relatado que o Jornal “A Tribuna” de 26 de julho de 2004, conta a história da Escola sua trajetória e os trabalhos de restauração do imóvel.

#### PATRIMÔNIO

Grupão tem sua história resgatada

Imóvel datado de 1898 está sendo restaurado pelo Governo do Estado

Luiz Gomes Otero

Da Sucursal

Uma das poucas edificações remanescentes do final do século XIX ainda existentes em São Vicente está tendo parte de sua história resgatada. Trata-se do imóvel situado na Praça Coronel Lopes, no Centro, [...] está sendo reformado e restaurado, seguindo as características originais do imóvel que foi inaugurado em 1898 por iniciativa da Loja Maçônica Fraternidade, de Santos.

O prédio ocupa um terreno de cerca de 3 mil metros quadrados, sendo 1.811 metros quadrados de área construída.

A fachada conserva as colunas de sustentação, inspiradas nos templos maçônicos, contendo na parte superior símbolos ligados à Educação esculpidos em alto relevo: um globo terrestre, um compasso e um livro.

"Recentemente, em um sábado, durante uma reunião de trabalho, percebi um grupo de pessoas tirando fotos na frente do prédio. Eles disseram que familiares haviam estudado na escola e que gostariam de tirar uma foto de recordação. Há aquele sentimento de orgulho pelo fato de o local onde passaram um rico período da infância ter sido preservado", assinalou a diretora. (HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018).

Dando continuidade ao texto, é trazido a atenção do leitor logo para uma das chamadas do texto, apresentando que o Edifício é datado de 1898, é dado sequência no texto, da localização do Edifício e ainda se refere às características originais do mesmo, e agora apresentando o nome da Loja Maçônica Fraternidade de Santos como uma da iniciadora da inauguração da Escola.

É apresentado o dimensionamento do terreno e da área construída. E ainda que a “fachada conserva as colunas de sustentação, inspiradas nos templos maçônicos”, na sequência relata que na própria fachada é apresentado símbolos que se referem à educação.

O texto ainda nos leva a perceber como a comunidade vicentina demonstra ter um carinho e uma admiração pelo Edifício Escolar. Cabe lembrar que quando a reportagem realizada pelo Jornal “A Tribuna” o Edifício Escolar estava sendo ocupado pela Diretoria de Ensino.

Ao verificar os fatos relatados no site, houve um direcionamento diretamente à imprensa da região, proporcionando assim mais uma fonte, ou uma “peça” que ratificou a trajetória da Escola, abrangendo mais uma cena e/ou paisagem do quebra cabeça inacabado. Parte-se para a pesquisa na imprensa, utilizando como recurso o próprio acervo de jornais impressos da biblioteca da Universidade Católica de Santos.

Figura 8: Foto - Jornal “A Tribuna” – 26.07.2004 - Redação Luiz Gomes Otero (Sucursal)



Fonte: Acervo Hemeroteca - Biblioteca da Universidade Católica de Santos.

Pode verificar que o site, se apropriou e re-escreveu grande parte da redação editorial, que retrata um período que o Edifício Escolar encontrava sobre a responsabilidade da Diretoria de Ensino de São Vicente, e passaria por um processo de Restauração, e de valoração de Patrimônio, isso é percebido no discurso da própria entrevista, chamadas, frases de impacto e redação.

Figura 9: Foto - Jornal “A Tribuna” – 26.07.2004 – Relação da Loja Maçônica Fraternidade de Santos com a Escola do Povo.



Fonte: Acervo Hemeroteca - Biblioteca da Universidade Católica de Santos.

Pode verificar como se consta, ainda na mesma matéria, onde o jornalista afirma que quando o Jornal A Tribuna foi lançado a Loja Maçônica Fraternidade de Santos já tinha 41 anos de existência, e ainda constam nas históricas edições do jornal, fatos relacionados da Loja Maçônica Fraternidade de Santos com a Escola do Povo, mais uma peça que precisa ser evidenciada, para que haja uma conexão entre as informações, coletadas.

Primeira denominação foi Escola do Povo

A história do Grupão começou no dia 10 de junho de 1893, no armazém de secos e molhados do capitão Antão Alves de Moura, onde um grupo de cidadãos vicentinos decidiu fundar a Escola do Povo. A maioria pertencia à Loja Fraternidade de Santos, que auxiliou no trabalho de construção do prédio.

A unidade chegou a funcionar provisoriamente na Praça João Pessoa (antigamente conhecida como Largo Batista Pereira) e na Rua XV de Novembro, antes de se transferir definitivamente para a Praça Coronel Lopes, em 1898.

Em 1913, a Escola do Povo passou a ser administrada pelo Governo do Estado, que resolveu ampliá-la, construindo um prédio em forma de U, dando fundos para a Avenida Padre Anchieta. Passou a ser denominada, então, Primeiro Grupo Escolar de São Vicente, com oito classes.

(HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018)

Ao dar a continuidade na pesquisa virtual contrapondo com a da imprensa escrita, nota-se o percurso da Escola não apenas como Edifício Escolar, mas também a postura da sociedade, suas ações e os interesses políticos. A trajetória da Escola é seguida de sucessivas mudanças administrativas, físicas e denominacionais.

No texto, nesse momento é realmente datado a implantação da Escola do Povo situava-se em um armazém dito “secos e molhados” (10.06.1893), em seguida o relato nos traz alguns agentes “grupo de cidadãos vicentinos” que decidiram fundar a Escola do Povo, ainda que esses mesmos agentes “maioria pertencia a Loja Maçônica Fraternidade de Santos” e que os mesmos auxiliaram “no trabalho de construção do prédio”.

No mesmo relato é apresentado, que as mudanças de espaço físico ocorreram algumas vezes antes do Edifício Escolar ser construído em 1898. Seque o relatando que em 1913 a Escola do Povo passa a ser administrada pelo Governo do Estado, alterando sua denominação para Grupo Escolar de São Vicente e realizando um acréscimo de área construída com mais 08 salas em formato de “U”.

A Escola do Povo

Desde 1898 a Escola do Povo, [...] funciona em prédio próprio na Praça Coronel Lopes (atrás do Correio).

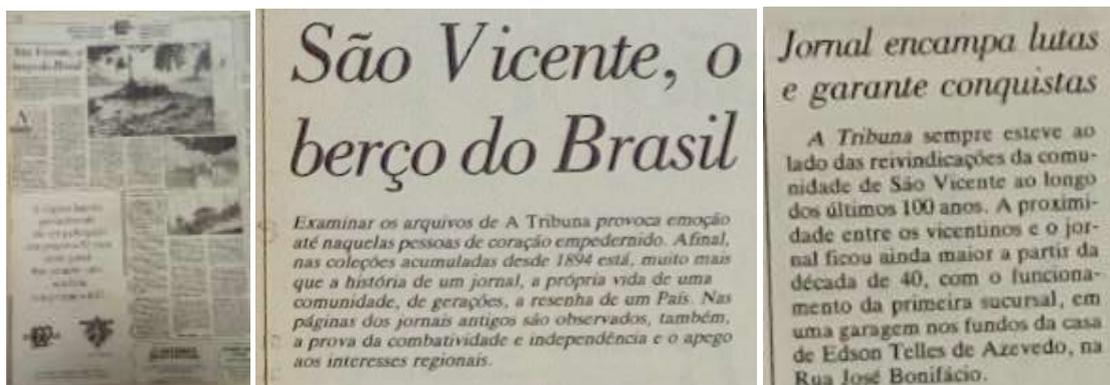
O colégio, mesmo após várias ampliações, para melhor acomodar o grande número de estudantes a que atende, ainda mantém sua fachada original. A imponência das grandes obras do fim do século XIX continua presente, desde as grades de ferro demarcando o limite da escola com a calçada, à escadaria dupla até o *hall* de entrada da escola.

Segundo o ex-pesquisador, jornalista e vereador vicentino Edison Telles de Azevedo (falecido em 1973), a data de inauguração da Escola do Povo é incerta. Isto porque já em 1894 a entidade de ensino passava a funcionar sob a responsabilidade do Estado. Em 1896, a Escola funcionava no Largo Baptista Pereira (atual Praça João pessoa, onde fica o Mercado Municipal e a Igreja de São Vicente Mártir), em seguida foi transferida para a Rua XV de Novembro para, em 1898, instalar-se na Praça Coronel Lopes.

A Escola do Povo, orgulho dos vicentinos, já no início deste século (N. E.: século XX), por volta de 1904, possuía uma Banda Musical. Em 1913, tornou-se o Primeiro Grupo Escolar de São Vicente; [...]

A escola já era conhecida pelo carinhoso termo "Grupão" (apelido dado pela dimensão do prédio) [...] O "Grupão" passou por diversas reformas sem alterar sua fachada e teve quase toda a sua área livre ocupada. Mesmo assim, a Escola do Povo tornou-se pequena para o grande número de crianças e jovens que procuram os bancos escolares. HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018).

Figura 10: Foto Jornal A Tribuna (26.03.1994 - Aniversário 100 anos) – São Vicente torna-se mais próxima do Jornal a partir da dec. 40, através do sucursal (Edson Telles de Azevedo).



Fonte: Acervo Hemeroteca - Biblioteca da Universidade Católica de Santos.

Na busca por mais peças, o site direcionou a uma outra página do mesmo site com o Título "A Escola do Povo". Onde registra novamente o ano da existência do Edifício Escolar 1898, sua localização na Pça Coronel Lopes e nessa mesma página apresenta o pesquisador Edison Teles de Azevedo que levanta uma hipótese de que não teria como precisar a real data da inauguração

da Escola do Povo, tendo em vista em 1894 a Escola já funcionava sob a responsabilidade do Estado, com sucessivas mudanças de localidades até 1898 para o Edifício Escolar.

Figura 11: Foto – Capa do Jornal – Diário de Santos (Fundado em 1872) – Santos, 13 de janeiro de 1903 (terça-feira)



Fonte: Biblioteca da Sociedade Humanitária do Comércio de Santos

Por não ter como precisar a data segundo o pesquisador Edison Teles de Azevedo, a pesquisa levou-me a contrapor algumas informações coletadas até a presente data. Uma dessas fontes foi o Jornal Impresso Regional “A Tribuna”, na reportagem de 1989, o texto do Prof. Adamastor Amado Stoffel, relata de forma poética o texto da Poliantéia Vicentina, retratando um período da História da Escola, através do olhar do Prof. Christiano Stockler, que no ano 10 de junho de 1903, no 10º aniversário da Escola, em sua fala o Prof. Christiano Stockler faz uma retrospectiva, relatando que um ano (1894) após a fundação da Escola o Governo pretendia assumir a obra, no entanto em 1895 o diretor Joaquim Duarte da Silva formou uma Sociedade Civil entre os habitantes de São Vicente, para a construção do Edifício Próprio.

Figura 12: Foto - Jornal “A Tribuna” – 13.06.1989 – Pesquisa e Redação do Prof. Stoffel relatando evento na Escola do Povo em 10.06.1903.



Fonte: Acervo Hemeroteca - Biblioteca da Universidade Católica de Santos.

Daí então, entre idas e vindas na pesquisa, tive acesso por intermédio da atual diretora da Escola Técnica Dra. Ruth Cardoso Prof<sup>a</sup> Kelly Renata, a mais uma fonte a "Poliantéia – 450 anos de brasilidade – 1532 – 1982" na página 149 – Educação – A Escola do Povo "Grupão", onde curiosamente pude contrapor as informações e perceber que o site havia realizado uma cópia quase que integral do texto, escrito na Poliantéia, retirando informações que são de grande importância para essa pesquisa, e acrescentando informações, que os redatores consideravam necessárias para a reportagem, no entanto já lida em outras páginas do mesmo site.

Toda vez que se busca pesquisar "Escola do Povo" e "Grupão", acabava me deparando com informações de novas peças, que em um primeiro momento elas me assustavam, mas depois de contrapor essas peças com outras já existentes, e ainda analisá-las, verificava que essas peças se encaixam perfeitamente no quebra-cabeça desejado.

Por exemplo: 1898 foi uma data de que o Edifício Escolar já existia, essa data se apresenta na maioria dos textos pesquisados, como também 1913, outra

data sendo apresentada pelos textos pesquisados, que se refere ao ano em que a “Escola do Povo” para a ser Grupo Escolar de São Vicente o famoso “Grupão”.

No texto da imprensa escrita no Jornal “A Tribuna” de 13.06.1989, no texto “Poliantéia 450 anos de brasilidade 1532-1982” da página 149 e no texto São Vicente de outrora – A exposição na Escola do Povo de Jayme Caldas, a pesquisa ganha mais uma informação importante para a trajetória da “Escola do Povo”, onde é apresentado uma atividade bastante significativa. A “Escola do Povo” exerceu para a sociedade vicentina um papel muito importante no ano 1900, deixando um marco no IV Centenário do Descobrimento do Brasil. O município de São Vicente, foi o ambiente para a realização do IV Centenário do Descobrimento do Brasil, tendo sua inauguração na Escola do Povo com a uma exposição histórica e arqueológica apresentando documentos e objetos do período da colonização e da Capitania de São Vicente.

Até a presente data “Escola do Povo” e “Grupão”, são palavras que soam muito familiar para a sociedade vicentina, essa familiarização ocorre devido a relação que fazem com a imagem do Edifício Escolar; tais nomenclaturas, encontram-se inseridas intuitivamente na memória da população, fazendo com que possam imaginar e confabular o quanto o Edifício Escolar representou na História da Educação em São Vicente.

Muitas vezes, ocorre o esquecimento na memória, referente ao trajeto histórico do Edifício Escolar, devido as sucessivas mudanças de nomenclaturas como também na estrutura física; mas de alguma forma a população permanece ainda com esses dois nomes ressaltados em suas memórias, associados com a fachada principal do Edifício.

Sempre que necessário, uma retomada na pesquisa do site novomilenio é importante, ajuda muito para afirmar ou não as hipóteses aparentemente apresentadas; são peças do quebra-cabeça que podem estar em um outro lugar ainda não procurado. Com essa retomada da pesquisa pode levar a outras possíveis fontes que não haviam sido pensadas no primeiro momento.

#### A Escola do Povo

No dia 10 de agosto de 1895, em São Vicente, era fundada a Sociedade Escola do Povo, para "auxiliar o desenvolvimento da instrução popular". Esta associação se compõe de sócios de ambos os sexos, que contribuía mensal e periodicamente ou

de uma vez só, o valor de 200 mil réis, tornando este sócio remido. Esta associação funcionava num terreno doado pela Prefeitura, na Praça Coronel Lopes, 37, e sua primeira diretoria foi presidida pelo Sr. Alberto Veiga.

Em 1910, o governo do Estado propõe instalar um grupo escolar em sua sede e contribuir financeiramente para a construção de um salão que se destinará a refeitório, sala de pintura e música, aumentando a área da Escola do Povo e proporcionando maior infra-estrutura. Embora o acordo fosse firmado, a verba encaminhada não foi suficiente e o governo estadual recuou na proposta, deixando a associação com uma obra inacabada.

Assim, em 29 de julho de 1911 é convocada uma assembléia geral extraordinária, presidida por Antão Alves de Moura, para se estabelecer se a escola deve deixar de existir, uma vez que sua razão principal havia sido descaracterizada. É votada a transferência de todos os direitos sobre os bens para a nova sociedade, que será chamada de Clube Vicentino.

O estatuto do clube assim fundado traz como objetivo da sociedade manter e explorar uma casa de diversão no local de sua sede, promovendo e facilitando divertimentos de sua e alheia iniciativa. Em caso de dissolução da sociedade, seu prédio deveria ser doado ao governo do Estado para abrigar um grupo escolar. Os móveis e utensílios que existissem seriam vendidos e seu produto, depois de quitadas as dívidas, encaminhado ao Asilo de Órfãos de Santos. (HISTÓRIAS E LENDAS DE SANTOS, 2018).

Nessa pesquisa historiográfica, ocorre uma preocupação com o que é verbalizado pela comunidade vicentina atual, que de alguma forma teve um acesso informal, contrapondo com as fontes virtuais e as impressas coletadas no decorrer do trabalho, lembrando que quando alguém verbaliza uma informação que possa contribuir para a construção da História da Escola, busco entender de onde o cidadão obteve essa informação, levando-me a uma nova fonte. E muitas vezes, quando contrapõe as informações procurei verificar as possibilidades dos acontecimentos através dos relatos com as fontes coletadas até a presente data.

O número de peças do quebra-cabeça, começa a aumentar, levantando mais questionamentos; o site como uma única fonte, trazia pouco de evidências ou certezas, assim sendo, podemos imaginar muitas peças de um quebra-cabeça misturadas, sem ter certeza que essas peças fazem parte da mesma cena e/ou imagem, trazendo um desconforto na hora do encaixe dessas peças. Muitas vezes as peças se encaixam entre si, mas não completa a cena e/ou

imagem idealizada pela hipótese, dessa forma será necessário verificar se aquele espaço em aberto, não seria o lugar de outra peça que fosse encaixada e adequada à cena e/ou imagem desejada.

#### Da Escola do Povo ao Grupão (2)

Centenário, o tradicional colégio vicentino conhecido como Grupão iniciou suas atividades em 1893 com a denominação de Escola do Povo, e foi criado por um grupo de maçons que se reuniu no armazém de secos e molhados (como então se dizia) do capitão Antão Alves de Moura. A transformação da Escola do Povo no Grupo Escolar de São Vicente foi registrada pelo jornal santista *A Tribuna*, em 15 de novembro de 1913, na página 4, reservada às notícias do correspondente em São Vicente (ortografia atualizada nesta transcrição): (HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018).

Na continuidade da busca por informações mais precisas, algumas foram fundamentais para contrapor com outros tipos de fonte, como por exemplo as datas e as imagens apresentadas; são peças do quebra-cabeça angariado através do site, que apresenta fatos e acontecimentos, deixando um indício que tais informações poderiam ter sido utilizadas através da imprensa regional.

Quando confrontada as informações obtidas pelo site novomilenio, foi verificado que existem dois títulos de matéria escrita muito parecidos: “Da Escola do Povo ao Grupão (1)” e “Da Escola do Povo ao Grupão (2)”. E por incrível que pareça no texto onde é apresentado o cabeçalho das duas matérias do site, se iniciam identicamente, mudando apenas na segunda frase. No entanto essa segunda frase do cabeçalho, acabou trazendo mais uma possibilidade de fonte impressa.

Figura 13: Imagem: reprodução parcial da matéria original do Jornal “A Tribuna” – 15.11.1913.



Fonte: <<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029b.htm>>

O leque de possibilidades para a busca de mais peças para o quebra-cabeça é muito grande, pois além da internet com as palavras chave “Escola do Povo” e “Grupão”, inicia-se um processo de busca por mais peças, através da imprensa impressa regional. A primeira busca realizada pelo impresso foi na Hemeroteca da Biblioteca da Universidade Católica de Santos, no entanto esse periódico de edição do Jornal, não existe no acervo, tendo em vista sua data ser considerada muito antiga. No próprio Jornal, também foi inviável devido um incêndio ocorrido no Edifício do Jornal, perdendo assim todo seu acervo.

A orientação ideal para essa situação, seria a busca dessa edição, na Hemeroteca Roldão Rosa em Santos, local onde a maioria das edições antigas dos jornais da região encontram-se para pesquisa. No entanto essa edição existe no acervo da hemeroteca, mas se encontra muito deteriorado, inviabilizando o manuseio da edição, e infelizmente não proporcionando assim o acesso ao pesquisador, limitando-se a informação fornecida pelo site.

## DE SÃO VICENTE

(Do nosso correspondente)

O Grupo Escolar de S. Vicente é hoje inaugurado oficialmente

Sem embargo de se achar funcionando há dois meses o nosso decantado Grupo Escolar, dá-se hoje, oficialmente, a abertura de suas portas às crianças vicentinas que necessitem do pão espiritual.

Esse Grupo Escolar de que há muito a nossa terra, berço da civilização paulista, se ressentia, parecia-nos, como a todos que

presenciavam o analfabetismo crescente da nossa mocidade, apenas um sonho, nada mais que uma utopia!

Os esforços eram constantes dos políticos dominantes, apoiados pela luta insana da imprensa diária; o clamor dos pais, pelo indiferentismo do governo para com a instrução nesta terra, subia já às raias de justificável indignação, tanto mais justa quanto é certo que cidades de menos importância dos sertões do nosso Estado possuem, muitas delas, mais de um estabelecimento de ensino mantidos pelo governo estadual.

O ensino público no nosso Estado - toda a gente sabe - é largamente defendido e muito sabiamente; no entretanto, resultava em contraste a nossa S. Vicente, partícula deste mesmo Estado, sem um grupo escolar, sem mesmo um estabelecimento de ensino capaz de levar seus filhos a obterem os necessários ensinamentos para a grande luta pela vida!

E passada a borrasca, que parecia cada vez mais tenebrosa, vem hoje a bonança, aliás muito promissora para o futuro de nossos filhos.

S. Vicente exulta, e exulta com muita razão! (HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018)

Na reprodução realizada pelo site novomilenio do texto original do Jornal impresso de 1913, conseguimos identificar as relações entre sociedade civil e políticos, onde os laços e os interesses comum ficam cada vez mais evidentes. No texto conseguimos também identificar um discurso republicano, por um ensino em que o Estado começa a assumir completamente a responsabilidade de educar a população através do seu Ideário Republicano.

A idéia concebida por Aducto Felix de Lima e Manoel Henrique de Lima para a fundação desta escola onde a infância vicentina recebesse os rudimentos da instrução, e amparada pelo coronel José Lopes dos Santos, capitão Antão Alves de Moura e Joaquim Duarte da Silva, teve a sua realidade em 10 de junho de 1893, com a fundação da Escola do Povo, que durante dezoito anos viveu com a cooperação de muitos cavalheiros desta terra, entre os quais Francisco Emilio de Sá, Julio Mauricio da Silva, Luiz Yaukens, João Wenceslau Emerick, Alexandre Santos, dr. Percio de Souza Queiroz e Jeronymo dos Santos Moura - espalhando a instrução aos filhos de S. Vicente.

Em reunião de diretoria de 18 de junho de 1910, o presidente, dr. Percio de Souza Queiroz, declarou ter recebido cartas e telegramas do sr. secretário do Interior, propondo reunir as escolas públicas desta cidade, na Escola do Povo.

Essa proposta foi largamente discutida, ficando resolvido que a diretoria, depois de ouvir a assembléia geral, apresentasse ao governo as condições pelas quais seria aceita a sua proposta.

As bases apresentadas pela diretoria, que julgou satisfazerem os interesses da sociedade, foram as seguintes:

"1ª - Será fundado um grupo escolar no edifício da sociedade;

2ª - Esse grupo terá a denominação de Escola do Povo;

3ª - O governo colocará nesse grupo os professores que a sociedade contratou para o seu serviço e que são diplomados pelo Estado;

4ª - O governo obriga-se a construir um salão com capacidade suficiente para instalação da aula de música e teatro infantil;

5ª - Do terreno da sociedade serão destacados trinta metros e respectivos gradis que continuam a pertencer-lhe, na frente da Praça Coronel Lopes, fazendo esquina com a Avenida Misericórdia e fundos até a Rua Padre Anchieta, e neste terreno será construído o referido salão;

6ª - A sociedade só entrega ao governo o edifício e sua sede, à Praça Coronel Lopes, com sessenta metros de terreno e fundos até a Rua Padre Anchieta, e tirando todos os móveis, utensílios e o mais que nele existe, que continuam a pertencer-lhe".

O governo aceitou as condições acima propostas, com exceção da que se refere à colocação dos professores no próprio Grupo Escolar, por ter dúvida quanto aos mesmos terem o tempo necessário de ensino em escolas públicas, que lhes dê direito a esse lugar, mas comprometeu-se a dar-lhes colocação vantajosa em outras escolas, se a lei não lhes permitisse nomeá-los para o nosso grupo.

Também não aceitou o encargo de construir o salão pedido, mas contribuiu com a importância de 15:000\$000 para esse fim.

E em assembleia de 15 de julho de 1910 era o edifício da sociedade Escola do Povo doado ao governo do Estado e concedidos ao presidente da diretoria, dr. Percio de Souza Queiroz, todos os poderes necessários para, em nome da sociedade, entregar ao governo o seu prédio à Praça Coronel Lopes, assinando a respectiva escritura de doação.

Em 29 de julho de 1911, após dezoito anos, um mês e dezenove dias, era dissolvida a sociedade Escola do Povo, por não ter mais razão de existir, porquanto, com a entrega do seu edifício escolar ao governo, desistiu de prosseguir nos fins para que foi criada, sendo o seu material escolar entregue à Câmara Municipal de S. Vicente, para uso das escolas municipais. (HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018).

Na leitura do texto original do Jornal A Tribuna de 1913, reproduzido pelo site novomilenio, além da data de implantação da escola em 10.06.1893, já se apresentavam os agentes que contribuíram para a implantação e manutenção durante dezoito (18) anos da Escola.

No anuário de 1911 e 1912, a Escola do Povo é registrada como estabelecimento mantido por particulares, podendo ser uma evidência para as próximas ações entre o Estado e a sociedade vicentina.

Ainda no texto, é relatado o interesse do Sr. Secretário do Interior propondo ao diretor Dr. Percio de Souza, através de cartas; reunir as escolas públicas da cidade de São Vicente, na Escola do Povo. Dando sequência ao relato, a proposta dirigida para o diretor, foi demasiadamente discutida pela diretoria e em assembleia geral, até ser apresentado ao governo seis bases de condições para esse acerto.

No entanto das seis bases apresentadas pela diretoria da Escola do Povo, a terceira foi uma que não foi aceita pelo governo, a base relata que “O governo colocará nesse grupo os professores que a sociedade contratou para o seu serviço e que são diplomados pelo Estado”. O governo não aceitou, por ter dúvida quanto aos professores “terem tempo necessários de ensino em escolas públicas”, comprometendo em dar uma vantajosa colocação em outras escolas, caso a lei não permitisse nomear os tais professores ao Grupo Escolar de São Vicente.

Uma outra base que foi descartada, foi a quarta, não se obrigando a construir o salão para as aulas de música e teatro infantil, no entanto se comprometeu em contribuir com 15:000\$000 para essa finalidade.

Quando se estabeleceu os acordos entre Diretoria da Escola do Povo e o Governo; em uma assembleia no dia 15 de julho de 1910, foi realizada a doação do Edifício Escolar para o Governo do Estado.

Depois do Edifício ter sido entregue ao Governo do Estado, a Sociedade Escola do Povo, foi extinta em 29.07.1911, acreditando que não haveria mais razão da sua existência, entregando assim seu material escolar à Câmara Municipal de São Vicente, para que pudessem usados pelas Escolas Municipais.

De posse do edifício, o governo do nosso Estado levou cerca de dois anos para adaptá-lo convenientemente para o funcionamento do desejado grupo escolar desta cidade.

Após uma luta insana dos dirigentes do governo municipal, S. Vicente conseguiu ver as portas da instrução abertas para os seus filhos que por aí viviam atirados à ignorância por culpa exclusiva do Estado, que protelava, injustificadamente, os

serviços necessários à adaptação do majestoso edifício que se ostenta na Praça Coronel Lopes.

É justificada, pois, a satisfação que desde há dias vem se notando na população vicentina pela instalação, que se verifica hoje, do Grupo Escolar.

O belo edifício está todo internamente engalanado com flores, palmeiras e festões, num aspecto garrido e surpreendente. Os salões das diversas aulas, ornamentados pelos próprios professores, dão uma idéia chique da bela festa de hoje, nesse estabelecimento de ensino.

À hora em que lá estivemos ontem, grande era a azáfama na decoração do edifício. Desde a entrada pendem cordões de flores entre palmeiras artisticamente distribuídas. (HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018).

No processo de transição da Escola do Povo para o Grupo Escolar, levou cerca de dois (02) anos, para que a Escola pudesse ser adaptada e assim conseguisse funcionar o Grupo Escolar.

Segundo o texto, foi o governo municipal, que interviu junto ao governo estadual para que pudesse abrir as portas do Grupo Escolar, isso porque o governo estadual vinha negligenciando a abertura do Grupo Escolar no município de São Vicente.

O texto ainda, relata a satisfação da sociedade vicentina e o orgulho de ter um Edifício Escolar adaptado, onde pudesse abrigar o Grupo Escolar. A sociedade empenha-se para as festividades da inauguração do Primeiro Grupo Escolar de São Vicente.

O Grupo Escolar de S. Vicente, que hoje faz a sua inauguração oficial, está sob a direção provecta do sr. Antonio de Mello Cotrim, e as aulas estão assim distribuídas:

Secção feminina:

1º ano A - professora d. Lucia Bressane - 51 alunas;

1º ano B - professora d. Iracy Nogueira Wuitke - 41 alunas;

2º ano - professora d. Idalina Viéguas - 37 alunas;

3º ano - professora d. Maria Adelaide - 37 alunas.

Secção masculina:

1º ano A - professora d. Domitilia Menezes - 61 alunos;

1º ano B - professora d. Amelia Pinto do Valle Moura - 49 alunos;

2º ano - professor Osorio Bella - 48 alunos;

3º ano - professor Carlos Borba - 32 alunos.

As salas dessas aulas acham-se garridamente ornamentadas impressionando agradavelmente ao visitante.

Na sala do 3º ano espalham-se pelas paredes escudos homenageando Portugal, Chile, Argentina, Inglaterra, Suíça, Turquia e Espanha, sobre os quais a bandeira do respectivo país entrelaçada com a da nossa pátria. Também vê-se escudos com os nomes do Brasil e Estado de S. Paulo. Na lousa, sobre festões, vêem-se dois escudos com os nomes do dr. Rodrigues Alves, presidente do Estado, e dr. Altino Arantes, secretário do Interior.

O sr. Antonio de Mello Cotrim, a fim de que todos que se interessam pelo progresso do ensino público, nesta cidade, possam compartilhar das festas comemorativas da instalação do nosso Grupo Escolar, dirigiu convites especiais somente à imprensa e às autoridades locais, esperando, por isso, o comparecimento de todos os cavalheiros e exmas. famílias.

As festas inaugurais terão começo ao meio dia. A essa hora, o diretor do grupo, corpo docente, autoridades locais, representantes do governo e da imprensa percorrerão todo o edifício. (HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018).

As aulas do Grupo Escolar de São Vicente como também as atividades relatadas no texto, são semelhantes as atividades realizadas em outros Grupos Escolares existentes na Região no Estado do mesmo período histórico. Chancelando assim o conceito e a relação de Ordem e Progresso pelo Ideário Republicano.

Depois de pequeno descanso, passarão todos para o teatro do Club Vicentino, onde, pelos alunos do grupo, será executado o seguinte programa:

**Primeira parte:**

I - *Hino Nacional*, cantado pelos alunos do 3º ano.

II - *Hino de Saudação*, cantado pelas alunas do 1º ano A, feminino.

III - "*A Escola*", poesia pela aluna do 2º ano, Mercedes Cotrim.

IV - "*A Pátria*", poesia pela aluna do 3º ano Mathilde de Souza Queiroz.

V - "*13 de Maio*", poesia pelo aluno do 2º ano, Rubin Cezar Alves.

VI - Discurso pelo aluno do 3º ano, Edison Telles.

**Segunda parte:**

VII - *Valsa das Setas*, pelas alunas do 1º ano A, feminino.

VIII - "*Nobre ambição*", poesia pelo aluno do 2º ano, David Pimenta.

IX - "*A Bandeira*", poesia, pela aluna do 3º ano, Carmen Vasques.

X - "*13 de Maio*", poesia pelo aluno do 3º ano, Firmino Pacheco Júnior.

XI - "*A Tosca*" (piano e violino) pelo aluno do 3º ano, Mario Santos, acompanhado pela senhorita Noemia Santos.

**Terceira parte:**

XII - Saudação, pelos alunos do 3º ano.

XIII - Discurso, pela aluna do 3º ano, Jenny Roso.

XIV - "*A Escola*", poesia pela aluna do 3º ano, Leduina Riedel.

XV - "*As Caravelas*", poesia pelo aluno do 2º ano, Renato Pimenta.

XVI - "*A Escravidão*", poesia pelo aluno do 2º ano, Ignacio Requeijo.

XVII - "*A Esmola do Pobre*", poesia pela aluna do 3º ano, Edith Roso.

XVIII - "*Serenata de Braga*" (piano e violino), por Mario Cotrim, acompanhado pela senhorita Durcilia Garcez Freitas.

**Quarta parte:**

XIX - "Ante a bandeira", poesia pela aluna do 3º ano Vicentina Vianna.

XX - "A Bandeira", poesia pelo aluno do 2º ano, Jayme de Moura.

XXI - "Hino à Bandeira", pelos alunos do 3º ano.

Todos novamente no edifício do Grupo Escolar, e depois do necessário descanso às crianças, será executada a

**Quinta parte:**

- Ginástica com bastões pelas alunas do 3º ano.

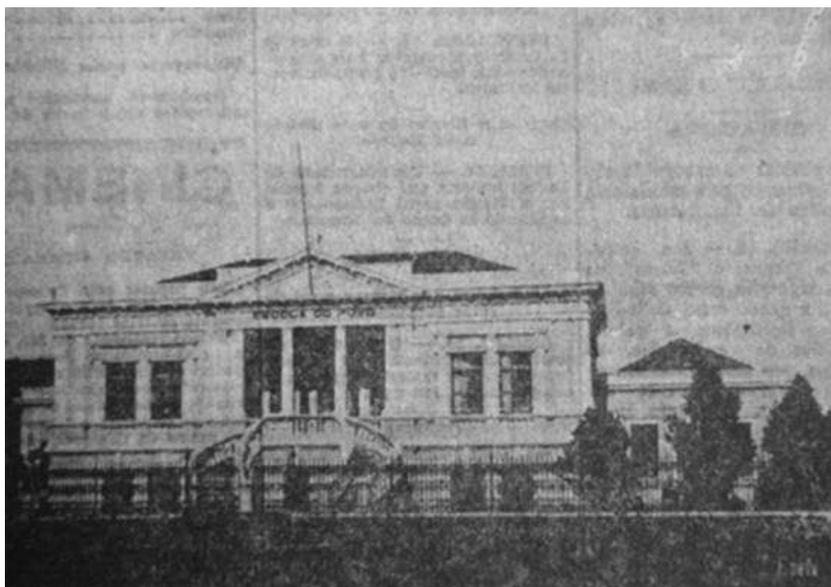
- Ginástica simples pelos alunos do 3º ano.

15 de Novembro

Em comemoração à data que relembra a proclamação da República em nosso país, não funcionarão hoje as repartições públicas municipais e estaduais; o comércio fechará ao meio dia e as repartições hastearão o pavilhão pátrio.

O rancho no quartel será melhorado. (HISTÓRIAS E LENDAS DE S.VICENTE, 2018).

Figura 14: Imagem: O edifício da ex-Escola do Povo, que de hoje em diante passa a constituir oficialmente o Grupo Escolar de S. Vicente



Fonte: <<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029b.htm>>

Figura 15: Imagem Digital da Revista a Fita (SP) – 1912 a 1913 – Fachada do Edifício Escolar – Escola do Povo



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional Digital - Hemeroteca Digital

As festividades do Grupo Escolar de São Vicente como também a programação relatada no texto, se assemelham as festividades e programações realizadas em outros Grupos Escolares existentes na Região no Estado do

mesmo período histórico. Nestas festividades as programações são bem demarcadas por valores através de datas e símbolos nacionais que a república acreditava ser a relação que o cidadão republicano necessitava se apropriar.

Algumas peças do quebra cabeça, começam a apresentar um panorama que necessita ser aprofundado, pois o próprio site tem uma dinâmica de pesquisa dentro do mesmo, como palavras chave, que leva a outras informações pertinentes, impulsionando realmente a procura de novas peças que se encontram espalhadas.

Figura 16: Imagem: Anuário do Ensino do Estado de São Paulo – 1913 – Instalação do Grupo Escolar de São Vicente



Fonte: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/anuarios\\_ensino](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/anuarios_ensino)>

O ajuntamento dessas peças existentes, como também a busca das peças faltantes, dar-se-á através de matérias publicadas pela Imprensa, Documentos escritos, Iconografia; analisá-los e correlacioná-los cronologicamente poderá assim contribuir para construção de uma historiografia da Educação em São Vicente.

## **1. CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO, SOCIOCULTURAL NO FINAL DO SÉCULO XIX INÍCIO DO SÉCULO XX**

Figura 17: Ícones da República – 1889



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=12192>

### 1.1. Processo de Transformação do “Velho” para o “Novo”

O Edifício Escolar da “Escola do Povo”, inaugurado em 1898, para abrigar os alunos e professores que anteriormente estavam instalados em uma outra edificação improvisada, teve sua trajetória ligada a história com a região da Baixada Santista no Estado de São Paulo. Sua implantação coincidiu com o processo de modernização da região iniciado em fins do século XIX.

Figura 18: Ícones da República – 1889



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=12192>

No Brasil, a passagem do século foi marcada por mudanças na vida social, política e econômica. A República, o fim da escravidão e a expansão da economia cafeeira levando a transformações significativas no país, estado, região e conseqüentemente no município de São Vicente.

Figura 19: Anuncio da Proclamação da República Através da Imprensa



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca da Universidade Católica de Santos.

Foi um período as ideias higienistas de modernizar a sociedade a partir de uma redefinição do espaço urbano, foi um dos principais objetivos do governo brasileiro, amplamente difundido, fazendo com que as cidades coloniais fossem transformadas em cidade salubres. Kuhlmann Jr. (2001) apresenta como essas ideias higienistas eram tratadas nos congressos.

Na perspectiva da organização do Estado “moderno”, desenvolvia-se o confronto entre diferentes influências, saberes, interesses e temas. Cada uma das posições postulava a primazia da sua especificidade, menos pretendendo derrotar as outras, do que compor com elas na construção da vida civilizada. [...] Os engenheiros também se mostravam como responsáveis pela sociedade moderna. Em sessão solene para os membros das seções de Engenharia, Ciências, Físicas, Matemática e Ciências Naturais do 3º Congresso Científico, no Clube de Engenharia – que tinha Paulo de Frontin como presidente – Castro Barbosa, em um discurso de exaltação às ciências, afirmava que “no meio deste constante e maravilhoso progredir o engenheiro sente-se legitimamente orgulhoso”. (Congresso Científico Latino-Americano, 3º, 1905, Tomo VIII, p. 118). (KUHLMANN JR., 2001, p. 150).

Com a efervescência do progresso juntamente com a promoção de uma sociedade “civilizada” apresentada pelos republicanos, os congressos começam a apresentar qual o papel das ciências, sua fortificação e a compatibilidade nas distintas áreas de conhecimento do Direito, da Medicina e da Engenharia, agregando-as e as valorizando como necessárias e imprescindíveis para as

benfeitorias na construção da sociedade republicana. A maneira que Kuhlmann Jr. (2001), apresenta seu texto, é esclarecedora, ele relata que o congresso ocorre no mesmo momento de uma festividade nacional, conferindo assim a sua importância para a nação.

Já em 1900, no Congresso de Engenharia e Indústria, no Rio de Janeiro, comemorando os 400 anos de descobrimento do Brasil e os 20 anos da fundação do Clube de Engenharia, o presidente do Congresso, Osório de Almeida havia contemplado o Direito, a Medicina e a Engenharia em seu discurso: A ciência do Direito firma os princípios da ordem da justiça, a Medicina descobre as leis de conservação dos indivíduos. São porém, a Engenharia e a Indústria que fornecem à primeira a força que constitui a sanção do direito e à segunda os meios de proteção contra a ação destruidora das forças naturais e até as transformam em fatores do conforto e do bem-estar da humanidade. (Associação do Quarto Centenário de Descobrimto do Brasil, v. 4, p. 352). (KUHLMANN JR., 2001, p. 151).

Muitos desses profissionais das áreas de Direito, Medicina e Engenharia, passam a exercer um papel fundamental na construção das cidades no período republicano como: Rio de Janeiro (Capital Brasileira) e São Paulo (Capital Financeiro do Café) e ainda a Região da Baixada Santista (Porto Exportador do Café). O papel desses profissionais é a preparação da “Paisagem Republicana” para receber os novos agentes que virão atuar nesse cenário. Lemos (1999) aborda o assunto diretamente retratando as reminiscências do período republicano.

Figura 20: Anúncios em Jornais de serviços de engenharia, tratamento através de remédios e a Leis – Configurações de Profissionais no Cenário Republicano



Fonte: Correio Paulistano, Estado de São Paulo, Jornal do Comercio e Diário Popular - Hemeroteca da Biblioteca da Universidade Católica de Santos.

Para a cidade de São Paulo, o café, logo depois de chegado à zona campineira, trouxe novidades próprias da Revolução

Industrial e, a partir de 1885, imigrantes em levas cada vez maiores. [...] Trouxe modernas tecnologias atreladas à alvenaria de tijolos, novos materiais de acabamento e outros critérios de morar para os ricos, que passaram por um processo civilizatório e assumiram o “morar à francesa”. Trouxe para a cidade profissionais liberais qualificados – engenheiros, arquitetos e médicos com estudos fora do país que vieram dar à sociedade outro lustre, tirando dos bacharéis da Academia local a primazia e exclusividade do ditame das normas. Trouxe novos conhecimentos científicos relativos à saúde e higiene da habitação. (LEMOS, 1999, p. 14).

O panorama na transformação da cidade, é apresentada, também por Reis F° (1987), ele aborda o quanto a situação sócio, política e econômica influencia, possibilitando a adequação da cidade com edificações coloniais para uma cidade com edificações burguesa republicana; tal influência expressasse através de materiais e equipamentos importados utilizados nas edificações.

A integração do país no mercado mundial, conseguida com a abertura de portos, iria possibilitar a importação de equipamentos que contribuiriam para a alteração da aparência das construções dos centros maiores do litoral, respeitado, porém o primitivismo das técnicas tradicionais. A presença dos equipamentos importados insinuava-se nas construções pelo uso de platibandas, que substituíam os velhos beirais, por condutores ou calhas, ou pelo uso de vidro simples ou coloridos – sobretudo nas bandeiras das portas e janelas em lugar das velhas urupemas e gelosias. (REIS F°, 1987, p. 37).

Figura 21: Porto de Santos - 1882 Pintura de Benedicto Calixto



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001.

Diante do crescimento populacional, ocorrido nas cidades, especificamente em São Paulo Capital, Interior e Baixada Santista (Santos); devido a política de incentivo a imigração promovido pelo governo federal, com

interesses na economia cafeeira. Andrade (1992), em seu texto “Santos, a nova cidade do café”, apresenta a necessidade de espaço para o comércio cafeeiro, torna-se fundamental, para transporte e estocagem do produto eram construídos numerosos armazéns, cuja a “arquitetura tornou-se uma das características urbanas da cidade marítima”.

Figura 22: Construções em Santos, mudando o cenário da Cidade



Fonte: Jornal do Commercio p. 448 – Setembro de 1922.

[...] aparecem sinais de uma nova vida com novas existências: os consulados estrangeiros atestavam a presença de estrangeiros residentes ou em contínuo trânsito pelo porto; o telégrafo modernizava as comunicações; a estrada para São Paulo tornava-se melhor. Os espaços públicos definiam-se com mais precisão. (ANDRADE, 1992, p. 18).

Pereira (1996), retrata sobre a “conjuntura histórica paulista”, trazendo ao leitor uma relação sócio, política e econômica desse “ouro verde” com o governo federal, São Paulo e o porto de Santos (exportação).

Figura 23: Anuncio de Companhia de Seguros – apresentando a enorme economia paulista



Fonte: Jornal do Comercio - 1922.

Quanto ao governo federal, cabe lembrar sua atuação na questão imigratória, facilitando e subsidiando parte dos fluxos de imigrantes para São Paulo. [...] O governo federal colaborou também nos planos de valorização do café (contrabalanço da oferta e procura); no parque ferroviário, ainda que minimamente, no controle do câmbio. O governo estadual mostrará a sua ação na distribuição de terras devolutas para expansão cafeeira; na expansão do sistema ferroviário, secundando à distância as iniciativas dos fazendeiros; no financiamento agrícola, tentando diminuir, também com a esfera particular, a ação dos comissários de café; na regularização da produção (com os Armazéns Reguladores e os planos de Valorização). Convém firmar que os paulistas tomaram os pontos chaves do governo federal, além da esfera estadual estar nas mãos da elite cafeeira progressista. [...] No governo estadual, a oligarquia cafeeira não encontrará adversários à altura, até 1920. Todo esse predomínio da elite agro-exportadora cafeeira deve-se também ao fato de que o café carregou muita riqueza para o país. (PEREIRA, 1996, p. 21).

Ainda em seu relato, Pereira (1996), diz que o café, trouxe muita riqueza para o país, possibilitou acumulação de capital, o desenvolvimento do mercado interno, aumento do trabalhador assalariado pela imigração, no entanto com a superprodução do café, ocorrido no final do século XIX, ocorre um desequilíbrio na oferta e procura, fazendo com que muitos paulistas comecem a investir na indústria; dá-se aí o início à uma nova fase sócio, política e econômica para o Estado de São Paulo, a “Industrialização”.

Figura 24: Anuncio em Jornal de Diferentes Tipos de Indústrias



Fonte: Jornal Correio Paulistano e Diário Popular – 1886, 1887, 1900, 1908, 1909 e 1911.

## 1.2. Aspectos da Educação Brasileira no final do Século XIX Início do Século XX (Aportes – Referencial Bibliográfico)

O intuito aqui não é abordar sobre a “História da Educação Brasileira”, pois existem literaturas específicas de autores renomados, que apresentarão com muito mais propriedade. A abordagem dar-se-á através de compilação e análise de aportes de autores que desenvolveram trabalhos que virão contribuir para o entendimento dessa Dissertação.

Nagle (1977), no texto “A Educação na Primeira República”, adverte sobre os períodos datados da Primeira República (1889-1930), pois as datas são simples marcos cronológicos, que não refletem mudanças profundas no sistema educacional brasileiro, necessitando levar a categoria de interpretação dos fatos relatados.

Convém lembrar – apenas das diferentes ramificações ideológicas – a profunda e vigorosa discussão havida no final do Império a propósito dos assuntos educacionais. Abrangia uma tomada de posição diante das precárias condições do sistema escolar então existente, nos seus vários graus e ramos, avançando-se numa formulação de uma política nacional de educação. A República recebe uma herança caracterizada pelo

fervor ideológico, pela sistemática tentativa de evangelização: democracia, federação e educação constituíam categorias inseparáveis apontando a redenção do país. A República proclamada recebe assim um acervo rico para pensar e repensar uma doutrina e um programa de educação. (NAGLE, 1977, p. 261).

Em uma maneira singular Monarcha (1999), em um dos capítulos do livro “A Escola Normal da Praça”, escreve sobre a comemoração da população de São Paulo quando foi estabelecida a Proclamação da República, é um momento de euforia e esperança de mudança do país:

Dois dias após a instalação do Governo Provisório do Estado de São Paulo – 18 de novembro de 1889 -, as autoridades constituídas declaram adesão à República Federativa Brasileira. Os monarquistas atacam, denominando o episódio de 15 de novembro de “sedição militar” e “golpe de Estado”. A diferentes consciências revolucionárias, por sua vez, elaboram uma versão dos fatos destinados à história: o advento da República representa uma revolução política que relaciona o novo com a ideia de liberdade. Na versão elaborada pelas diferentes consciências revolucionárias, o regime monárquico é o crepúsculo que encerra uma época e, como ela, instituições, modo de vida e forma de pensar, e o governo republicano, a aurora burguesa que determinou o fim de um mundo social dividido em zonas distintas. (MONARCHA, 1999, p. 167).

O autor nos apresenta o furor político existente daquele momento na construção de uma nova sociedade livre, destemida e igualitária de acordo com a retórica republicana.

Através desses discursos – que visam exercer pressão sobre os indivíduos -, quer-se arrancar da obscuridade as camadas inferiores do povo, forçando-as compartilhar de uma experiência histórica luminosa: a fundação de um corpo político duradouro e um pacto social estável. Nessa versão dos fatos, o povo é chamado a protagonizar uma história cujo o enredo é a liberdade, através de um conjunto de imagens de propaganda, encenam a República com roupagens francesas e a ela associam os elementos contidos no conceito de revolução: novidade, começo, liberdade. (MONARCHA, 1999, p. 169).

Pestalozzi estabelece o “Método Intuitivo” – Lição das Coisas baseava-se na Intuição, Sentidos e Observação, levando em conta as características infantis como: curiosidade, inquietude, imaginação e recreação, na proposta de desenvolver a ideia mais do que a palavra.

Com república instaurada no país e o desejo de uma reconstrução nacional, a “Escola” passa a ser um veículo condutor desse processo de “Salvadora da Pátria”, se empenhando na transformação do homem como a única capaz de realizar esse preceito.

Segundo Carvalho (1989). Para realizar o progresso, a Escola era o signo dessa instauração, a autora relata ainda que no Século XIX a Escola refletiu a sociedade republicana excludente, em “A dívida republicana” a autora depositou:

Perpassava fortemente o imaginário destes entusiastas da educação o tema da amorfia. Referido ao país, marcava-o como nacionalidade em ser a demandar o trabalho conformador e homogeneizador da educação. Referido as populações brasileira, proliferava em signos da doença, do vício, da falta de vitalidade, da degradação e da degenerescência. [...] Regenerar as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, torando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas, eis o que se esperava da educação, erigida nesse imaginário em causa cívica de redenção nacional. Regenerar o brasileiro era dívida republicana a ser resgatada pelas novas gerações. (CARVALHO, 1989, p. 09 e 10).

A leitura nos leva a perceber que nesse momento da história social brasileira, esses agentes da educação, tinham como princípio ideológico, estabelecer valores a população, onde acreditavam que a escola converteria o modo de vida das pessoas que se encontravam inertes ao progresso.

Kuhlmann Jr (2001), apresenta em seu texto da “A Educação nas Vitrines do Brasil” (as exposições, os congressos, seus agentes) parte da publicação sobre a “Instrução Pública, notícia histórica de 1822 a 1922” do “Dicionário histórico, geográfico e etnográfico brasileiro” publicado pelo “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” em 1922, v. 1 p. 373-412, de um grande defensor da Instrução Pública no Período Republicano.

Oliveira Santos, em seu texto, partiu do princípio de que seria uma dedução lógica atribuir o primeiro lugar à escola primária, e lamentou que esta não tivesse sido a opinião geral dos estadistas desde os tempos do Império. Para ele a instrução popular, “um fato social que evolui”, seria: a questão mais momentosa da atualidade, visto que se aprende visceralmente à vida da Nação e à sorte da República. Nenhuma outra se lhe antepõe na ordem dos grandes problemas sociais a resolver. [...] é na escola elementar que primeiro se aprende o que deve saber aquele que há de vir a ser cidadão de um Estado livre... É aí que se preparam as gerações [...] com os conhecimentos necessários ao bem-estar individual e coletivo. O autor se referiu à ausência de um estudo completo da instrução e do ensino no Brasil. (KUHLMANN JR., 2001, p. 68).

O autor apresenta ao leitor, a indignação de M.P. Oliveira Santos, junto aos políticos e governantes, no que se refere a Instrução Pública e ainda a contribuição desse agente no que seria história da instrução no Brasil, que deveria ser abordada em dois aspectos: “das mutações por que tem passado e do direito constituído, nossa legislação”.

No capítulo que intitula “O Freio do Progresso”, Marta Carvalho, discorre sobre os relatórios e índices apresentados sobre a Instrução Pública no Estado de São Paulo. Relata também sobre a preocupação dos republicanos históricos com os imigrantes, vendo-os como uma ameaça ao “caráter nacional”, já que estariam investindo no aprimoramento da “raça brasileira”.

Estas medidas foram acompanhadas de outras, voltadas para o que era entendido como nacionalização do ensino. A questão comportava dois aspectos distintos, embora solidários: tratava-se, por um lado, “abrasileirar os brasileiros” através da alfabetização da educação moral e cívica e, por outro, de integrar o imigrante estrangeiro. Neste segundo aspecto, o escotismo foi incentivado, juntamente com outras medidas de formação cívica. Mas a iniciativa mais relevante neste caso foi a intervenção nas escolas estrangeiras. (CARVALHO, 1989, p. 44).

“A educação brasileira nos palcos da celebração do progresso”, é um dos capítulos do livro de Kuhlmann Jr (2001), onde o autor retrata que o internacionalismo é apresentado como um dos elementos constituintes das nacionalidades.

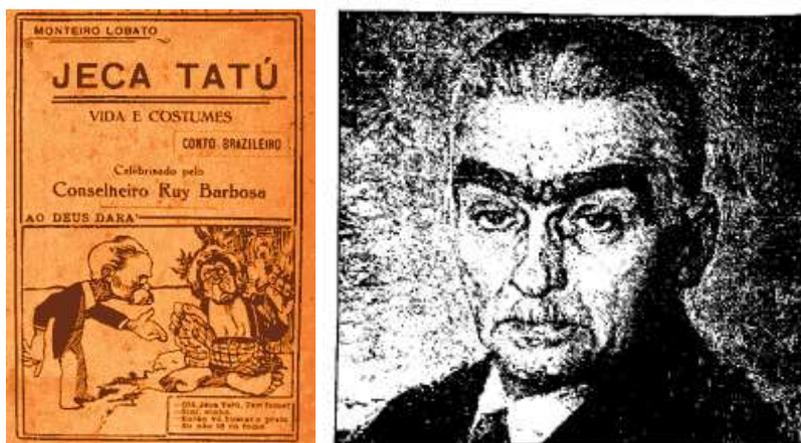
Ciência, Nacionalismo e Pan-Americanismo – O tema do nacionalismo, apropriado pela Igreja Católica, era um componente da pauta de interesse de muitos setores sociais, e envolvia aspectos como a educação e as relações internacionais. A nação brasileira, para se afirmar, precisaria adotar os padrões da civilização ocidental moderna, difundidos nas Exposições e Congressos. A referência à nossa “poderosa irmã do Norte” tornara mais próxima essa perspectiva, almejada por nossa “adolescente nacionalidade”. (KUHLMANN JR., 2001, p. 142).

Marta Carvalho, apresenta o trabalho de Jorge Nagle, *Educação e Sociedade na Primeira República*, a autora busca esclarecer e sintetizar o texto utilizando a nomenclatura “entusiasmo pela educação” e ‘otimismo pedagógico” que Nagle expressa em seu discurso referente ao movimento educacional no período republicano.

O entusiasmo pela educação caracterizar-se-ia pela importância atribuída à educação, constituída como o maior dos problemas nacionais, de cuja solução adviria o equacionamento de todos os outros. O otimismo pedagógico manteria o entusiasmo, a crença no poder da educação, não de qualquer tipo de educação, enfatizando a importância da nova pedagogia na formação do homem novo. Na passagem do entusiasmo para o otimismo se teria produzido no movimento uma crescente dissociação entre problemas sociais, políticos e econômicos e problemas pedagógicos. (CARVALHO, 1989, p. 47 e 48).

No capítulo que aborda sobre Reforma Moral e intelectual, Marta Carvalho, discorre sobre as características que notabilizaram a Associação Brasileira de Educação a partir dos anos 20, foi através da leitura que faziam de parte da população na sociedade brasileira nos entre os anos 10 e 20, a autora referência o personagem miserável de Jeca Tatu apresentado na obra *Urupês* de Monteiro Lobato.

Figura 25: Campanha Jornalística a favor do saneamento e Monteiro Lobato



Fonte: <<<https://agencia.fiocruz.br/monteiro-lobato-e-a-g%C3%AAnese-do-jeca-tatu>>>

Esse personagem representando o povo brasileiro, visto através do olhar da classe de intelectuais e das autoridades políticas, foi empregado como propaganda de conversão social do povo através da escola, ABE (Associação Brasileira de Educação, foi a promotora dessas ações.

Faz-se necessário levantar algumas ações que foram desenvolvidas nos anos 10 e 20, haviam praticas discursivas com uma intencionalidade cívico nacionalista, entretanto com o emprego de um discurso evasivo, necessitando assim de uma análise aprofundada no estudo desse discurso.

No discurso cívico da ABE, a figura de um brasileiro doente e indolente, apático e degenerado, alegoriza os males do país. Transformar essa espécie de Jeca Tatu em brasileiro laborioso, disciplinado, saudável e produtivo era o que se esperava da escola.

As práticas discursivas das organizações cívico-nacionalistas que proliferam no país nos anos 10 e 20 tem merecido pouca atenção. Interpretado com palavrório vazio, ausência de ideologia, ritual esvaziado, o discurso cívico não é analisado enquanto prática. (CARVALHO, 1989, p. 56).

“O Entusiasmo da Educação” e “Otimismo Pedagógico” - Segundo Nagle (1977), a década de 20 deve ser muito bem pensada pelo educador brasileiro, começou um movimento bastante significativo no campo da educação que perduram até hoje, que pode se traduzir e duas palavras (frases) que foram importantes para o desenvolvimento da educação no país.

O entusiasmo pela educação - A partir de 1915 surpreende-se uma ampla campanha e uma multiplicidade de realizações configurando um novo momento significativo: o do entusiasmo pela educação. São ideias, planos e soluções oferecidos. Há aqui uma parcela que se liga ao fervor ideológico no final do Império; mas agora, est é manifestado pelos próprios republicanos desiludidos com a República existente, a República que procuram redimir. Trata-se de um movimento de “republicanização da República” pela difusão do processo educacional – movimento tipicamente estadual, de matiz nacionalista e principalmente voltado para a escola primária, a escola popular. [...] O otimismo pedagógico – Um terceiro momento significativo aparece com o otimismo pedagógico, Este caracteriza-se pela crença nas virtudes nos novos modelos. Enquanto o entusiasmo pela educação se manifesta pela alteração de um ou outro aspecto do processo e, especialmente, pelo esforço em difundir a escola (modelo) existente, no otimismo pedagógico pretende-se a substituição de um modelo por outro. Por essa razão o entusiasmo pela educação se realiza com os movimentos reformistas, enquanto o otimismo pedagógico realiza-se com os de remodelação. Não importa muito qualquer esforço para difundir a escola que reproduz um novo modelo (otimismo). (NAGLE, 1977, p. 262 e 264).

Os padrões vigentes no império continuaram na república, incluindo a educação, especialmente a questão das oligarquias, predomínio da agricultura; o Brasil é país essencialmente agrícola, na década de 1910 existe uma certa desilusão com a república, que se propunha a transformar o país, mas não se transformou que não transformou, cabe lembrar que na mesma década ocorreu a grande guerra, a guerra da revolução russa, a guerra que traz os imigrantes em São Paulo, com uma visão anarquista, acaba mudando a sociedade paulista, começa também um movimento para apressar os primórdios da industrialização que já vinham desde o império, a imagem que começa a ter, é que o Brasil vai se transformando levemente uma sociedade agrícola para agroindustrial.

## **2. DA ESCOLA DO POVO AO GRUPÃO**

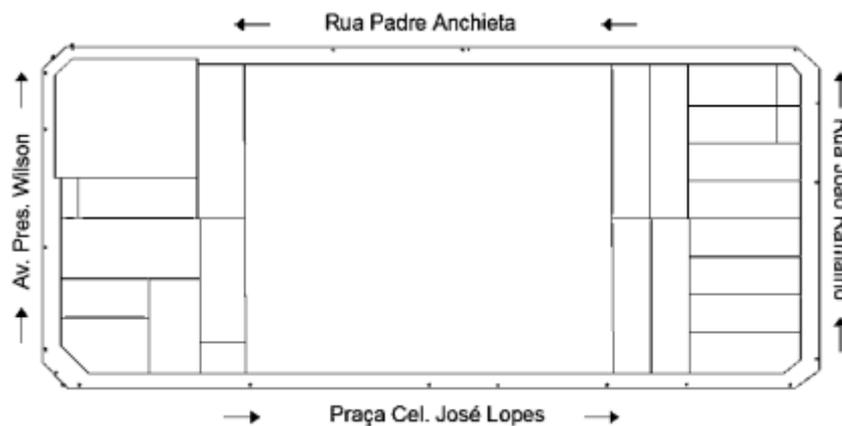
### **2.1. O Território (Região e Cidade “Locus”)**

O que o mar, a terra, o clima, a vegetação, enfim, o meio natural teve a ver com o processo histórico vicentino? É possível através da leitura de uma paisagem reconhecer um lugar; perceber movimentos, seleção e classificação espacial,

mobilidade territorial e ainda correlacionar o processo histórico da paisagem analisada. É por meio do processo sócio-cultural que os espaços se configuram, apresentando ainda possibilidades de perceber a origem das pessoas que ali se socializaram, seus valores, motivações e os laços que estabeleceram entre si, suas relações e ações com o ambiente natural e com o construído. Isso significa ler para além da paisagem.

A Escola do Povo, encontra-se atualmente implantada num terreno inserido em uma quadra circundada por praça, avenida e ruas movimentadas numa área central de uso predominantemente comercial, do município de São Vicente conurbado com demais municípios da Baixada Santista no litoral do Estado de São Paulo.

Figura 26: Representação Gráfica da Quadra – Localização da “Escola do Povo”



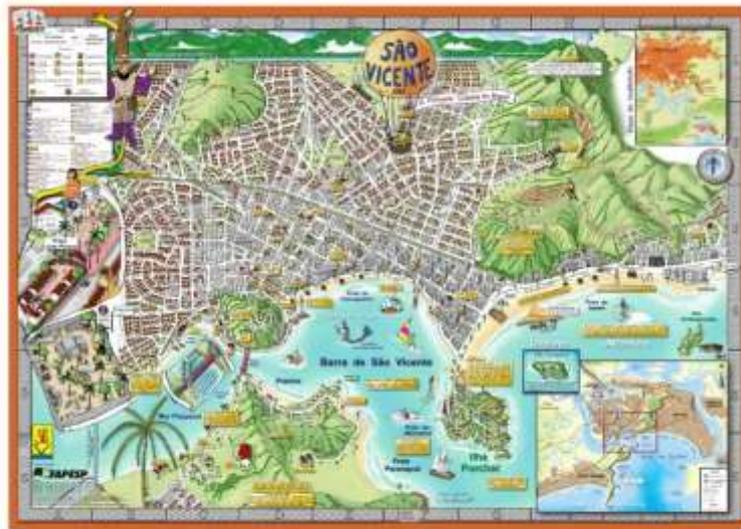
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 27: Vista Aérea – Localização da “Escola do Povo” - Vias e Acessos - São Vicente - Densidade de Edificações



Fonte: Google Maps

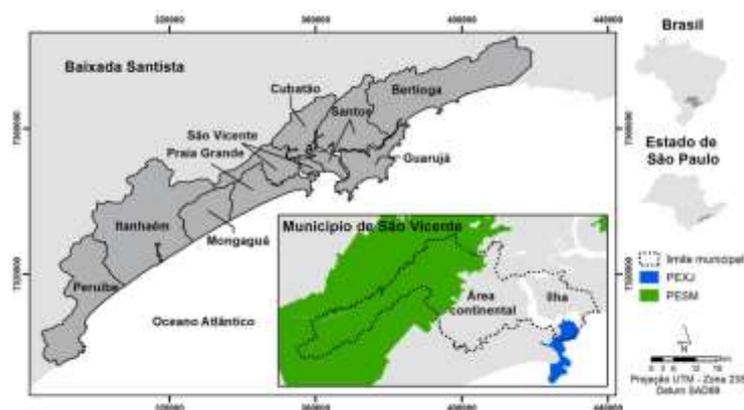
Figura 28: Mapa Ilustrativo de São Vicente



Fonte: <<[http://aprovadog.blogspot.com/2011/03/6-ano-aula-4-27-52\\_07.html](http://aprovadog.blogspot.com/2011/03/6-ano-aula-4-27-52_07.html)>> Acesso - 04.01.2019 - 16:39

A Ilha de São Vicente é a sede do Município com o mesmo nome, cujo território se estende além da Ilha, atingindo a área continental, onde se encontram praias, mangues e despenhadeiros da Serra do Mar. A localização, a Leste, a cidade Santos, e a Oeste a cidade de São Vicente; o Rio Casqueiro separa a área insular da área continental, mas devido as paisagens comuns, dificilmente, percebe-se esta separação.

Figura 29: Localização do município de São Vicente, Baixada Santista, Estado de São Paulo, Brasil.



Fonte: Rogério Hartung Toppa <<<https://www.researchgate.net/publication/268505679>>> Dinâmica da expansão urbana na zona costeira brasileira – São Vicente - acesso - 04.01.2019 15:58

LIMITES	
N e NE	Santos
S e SE	Oceano Atlântico
N e NW	Cubatão, São Bernardo do Campo e São Paulo
S e SW	Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe

O Marco Zero está situado junto ao Relógio de Sol à Praça 22 de Janeiro (Biquinha), com as seguintes coordenadas geográficas:

Latitude	S 23° 57' 35"
Longitude	W 46° 23' 15"
Altitude	10 metros

Segundo Álvaro Luiz Heidrich (2010) - O território, assim como as paisagens são continuamente transformados pelo processo histórico da sociedade, criando novas territorialidades e coexistindo com as anteriores; um dos fatores colaboradores são as relações de poder, que foram capazes de criar um novo território, o que não garante que essa situação seja imutável, até porque muitas situações internas são hoje influenciadas pelo cenário local, nacional e internacional. Esse cenário também é um conjunto de relações de forças, de poder, posse ou domínio nos quais vigoram normas e leis definidas por instituições oficiais ou até mesmo aceitas como práticas culturais na sociedade. O poder é um vínculo entre pessoas e grupos que participam da relação. Portanto, o que foi conquistado não é definitivo.

Lemos (2016) previne em seu texto sobre história das cidades brasileiras, relatando que não deve passar despercebido o modo de como se definiu a cidade, apresenta que ocorreu através duma “série de decisões políticas, de comprometimentos econômicos e de atuações sociais singulares”. Descreve ainda que o tempo na cidade foi vagaroso com acúmulo de “vivências mil e experiências infinitas” e que ali se materializa o pensamento e o “saber fazer” dos ancestrais, por isso não devem ser esquecidas nos dias atuais.

Em uma reflexão do objeto de estudo juntamente no texto de Lemos (2016), quando ele diz que o “patrimônio ambiental urbano é a impressão digital da cidade”, pude perceber o quanto o município de São Vicente, tinha a revelar em relação as configurações de seu traçado urbano desde a colônia até a república, pois ali foi apresentada uma peça fundamental para construção de uma de um quebra cabeça que já vinha sendo construído no projeto de pesquisa,

Para melhor compreensão do processo historiográfico urbano de São Vicente, será necessário apresentar um conjunto de imagens, sobretudo onde faltam documentos escritos, para permitir uma compreensão visual da formação e evolução da cidade, a partir de evidências materiais, proporcionada pela arquitetura e pelo urbanismo por meio de plantas e desenhos da cidade, é uma oportunidade para compreender como era o centro urbano em São Vicente nas épocas, que antecederam a implantação da Escola do Povo como também épocas de construção da Escola as transições em conjunto com a cidade.

Lemos (2016), no seu discurso de um grande pesquisador de Arquitetura e Urbanismo do Litoral Paulista, faz um relato coeso, seguido de imagem, desde o processo de implantação da Vila de São Vicente, apresentando situações pertinentes no início do povoado e situações que necessitam ser aprofundadas do período. Apresenta ainda, a relação sócio, política e econômica entre os dois municípios da Ilha de São Vicente, onde se justifica a decadência do município de São Vicente.

A cidade de São Vicente, a mais antiga do Brasil, nasceu de um aglomerado urbano formado por brancos arribados por naufrágio, deserção ou degredo e quantos eram não se sabe ao certo. [...] As instalações esparsas e rarefeitas dos primeiros habitantes, na verdade não serviram de núcleo inicial da vila criada na ocasião. Alguns lugares foram aventados e experimentados, e também invalidados pelos caprichos do mar, até se fixar no lugar atual. Com a fixação de Bras Cubas, em Santos, no outro lado da ilha de São Vicente, a vila de Martim Afonso entrou em rápida decadência dados aos atrativos maiores do porto e do comércio. [...] Elevada à categoria de cidade em 28 de janeiro de 1839, Santos desenvolveu-se enormemente devido ao fato de ser o porto de despacho do café produzido em São Paulo e trazido pela estrada de ferro a partir de 1867. (LEMOS, 2016, p. 56).

Figura 30: Mapa Ilustrando as cidades de São Vicente e Santos com seu traçado ainda nas dimensões coloniais, 1867



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

Uma outra leitura da Vila de São Vicente, é apresentada por um outro grande pesquisador de Urbanismo Brasileiro - Reis F° (2000), ele não apenas descreve, como também notadamente o autor tem a intenção de orientar através do seu texto, a leitura de mapas, proporcionando ao leitor um conhecimento necessário para entender a representação do espaço no mapa.

Vemos aqui, de modo muito esquemático, o que seria a aparência da vila de São Vicente, no período de administração de Morgado de Mateus. Trata-se de um simples detalhe de uma planta de caráter geográfico, para indicação das condições de navegação e acesso ao porto. Mas é a mais antiga representação de que dispomos, sobre a aparência da Vila de São Vicente no século XVIII. Mostra que deveria ser a igreja Matriz e umas poucas casas, ao redor da praça e partes externas, sugerindo a existência de duas outras ruas. Vê-se também, mais a frente do observador, o que poderia ser o remanescente da antiga igreja dos jesuítas. [...] A relativa correção com que são distribuídos os principais edifícios deste detalhe serve, até certo ponto, como garantia da qualidade da representação, referente a São Vicente. É um trabalho muito simples, no qual as casas comuns são reduzidas, para dar destaque aos edifícios religiosos e oficiais. Mesmo tratando-se de um pequeno detalhe, em um mapa de caráter geográfico, devemos reconhecer a qualidade técnica desse trabalho. (REIS F°, 2000, p. 199).

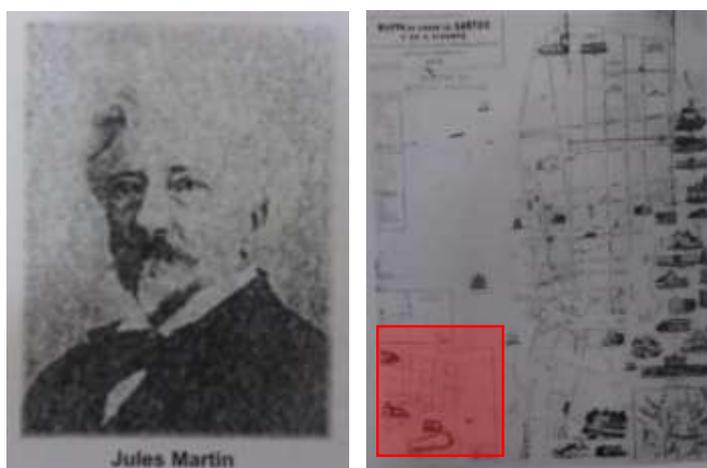
Figura 31: “V.a de S. Vicente”. Detalhe da “Planta da Barra da Villa de S.tos”.



Fonte: Original manuscrito da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. 1765-1775. Pág. 372.

Ao analisar um mapa, acredita-se que seu teor é a representação verdadeira, e que esse foi e é o seu propósito, representar de forma simbólica o território, espaço a paisagem e seus elementos geográficos, cartográficos e topográficos. Cabe lembrar que o mapa analisado, foi idealizado e elaborado pelo seu autor, e que carrega em si valores culturais, sociais, políticos econômicos de um determinado período manifestando-se através da imagem; e ainda, perceber que muitas representações dos espaços foram realizadas fora do local onde o autor, necessitava recorrer a memória porque dependia apenas de suas lembranças e não teria como retornar ao local para verificação.

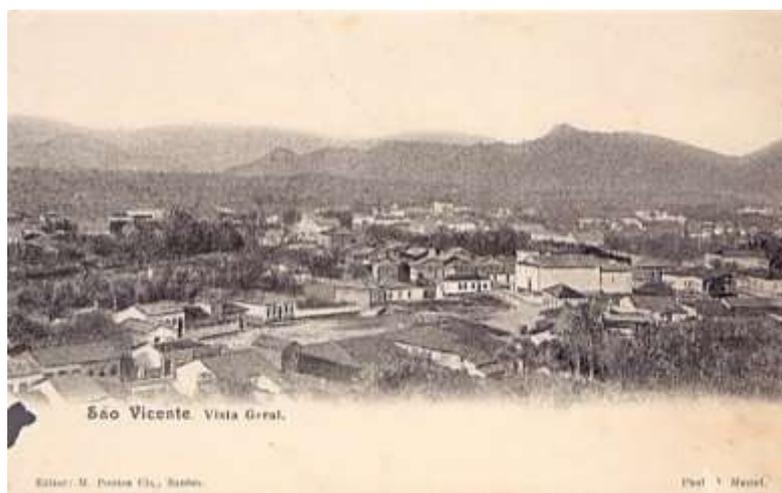
Figura 32: “Mapa de S. Vicente”. Representação Jules Martin - 1878.





Fonte: Acervo Casa Martim Afonso – São Vicente-SP.

Figura 33: Representação Panorâmica da Vila de São Vicente – 2ª metade do Séc. XIX.



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente.

Com a falta de informações precisas e fontes seguras, que pudessem compor a historiografia do Município de São Vicente, verifiquei que a Prefeitura Municipal, em dois momentos distintos de gestão administrativa (1996 e 2001), buscou registrar através da Secretaria da Educação e de Turismo, textos diversos da historiografia do município, formatando para um único volume.

Apresentando parte de relatos da construção do município

Com o desaparecimento da primeira Vila sob as águas do mar, a segunda Vila foi instalada no Largo Santo Antonio, (Praça João Pessoa), onde foi construída uma Igreja de mesmo nome, mais tarde destruída por outra ressaca avassaladora. Em seu

lugar foi erguida a Igreja de Nossa Senhora da Praia, onde, conforme historiadores foi edificada a atual Igreja Matriz de São Vicente Martir. No Largo Santo Antonio foi também edificado o prédio da Câmara e Cadeia. Até o ano de 1852, desenvolveram-se ao redor deste núcleo, a Rua Direita, atual Rua XV de Novembro e a Rua do Porto, atual Rua Marquês de São Vicente, permanecendo a Vila, possivelmente estagnada, durante muitos séculos.

Figura 34: Mapa de Topografia e Arruamento de São Vicente – 1852.



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente.

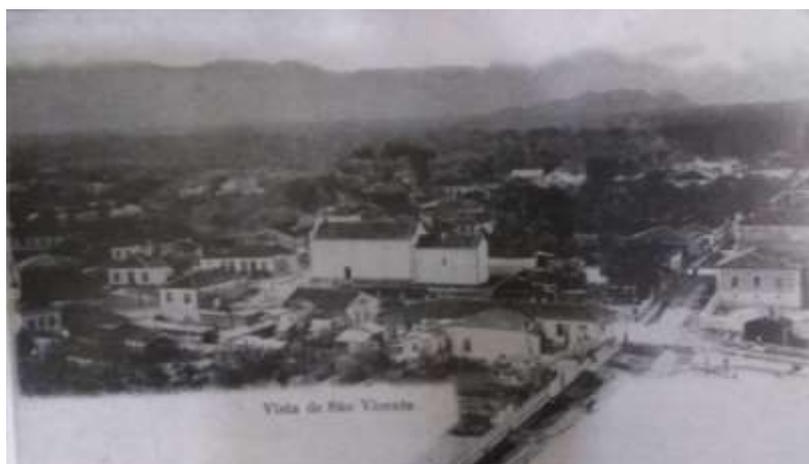
Figura 35: Vila de São Vicente -1876 (Ministério da Marinha - Planta Hidrográfica – Barra e Porto de Santos – Barão de Teffé).



Fonte: Casa Martin Afonso

No ano de 1878, São Vicente contava com quatorze ruas e setecentas habitações, distribuídas entre o Morro dos Barbosas e a Rua João Ramalho. Na virada do século, até a década de 20, a cidade expandiu-se até a linha da Estrada de Ferro Sorocabana, dando início ao Bairro do Itararé, junto a pedreira de mesmo nome, e ao Bairro Gonzaguinha ocupado por casarões luxuosos, até o Bairro Boa Vista. [...] No século XIX, São Vicente conta com poucos habitantes. Em 1836, não possuía nenhuma escola, e tinha apenas 745 habitações.

Figura 36: Vista Panorâmica do Centro de São Vicente - Foto 1900 – Postal 1903



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente.

[...] A vila de São Vicente que ainda conservava as suas características coloniais, era constituída apenas pelas seguintes vias públicas: Rua Direita (hoje rua XV de Novembro), uma via estreita, com um punhado de casas, com grandes beirais, portas e janelas toscas. Largo da Matriz (ex-Largo Santo Antonio, hoje Praça João Pessoa), onde se achava erigida a “Casa de Câmara e Cadeia” e vestígios das ruínas do “Convento de Santo Antonio”, que nos tempos coloniais, serviu de “Casa do Conselho”; Rua do Porto (hoje Rua Marquês de São Vicente), onde residia a maioria dos pescadores; Rua da Praia (hoje Rua Padre Manuel), que atravessava a atual Praça 22 de Janeiro, terminando no jundu, no canto da Biquinha; Rua dos Velhacos (ex-Rua Conselheiro Nébias, hoje Rua do Colégio). <<[http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia\\_tour.php?cod\\_menu=129](http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia_tour.php?cod_menu=129)>>

Figura 37: Largo João Pessoa - 1900 (Câmara Municipal – Morro dos Barbosas – Mosteiro) e Rua Martin Afonso – Morro dos Barbosas – Mosteiro



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente

Figura 38: Rua Santa Cruz, Largo João Pessoa e Rua XV de Novembro (Sentido Morro dos Barbosas) – 1900.



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente e Revista da Semana.

[...] A histórica Biquinha, que também era chamada “Fonte dos Jesuítas”, já fornecia à população vicentina água potável e, do lado esquerdo havia uma nascente em forma de cachoeira onde as famílias mandavam suas escravas lavar a roupa branca. A água era fornecida à população mais abastada, por uma pipa conduzida em carroça, sendo vendida a três vinténs cada barril. O líquido, entretanto, jorrava dia e noite, à disposição dos interessados.

<<[http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia\\_tour.php?cod\\_menu=129](http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia_tour.php?cod_menu=129)>>

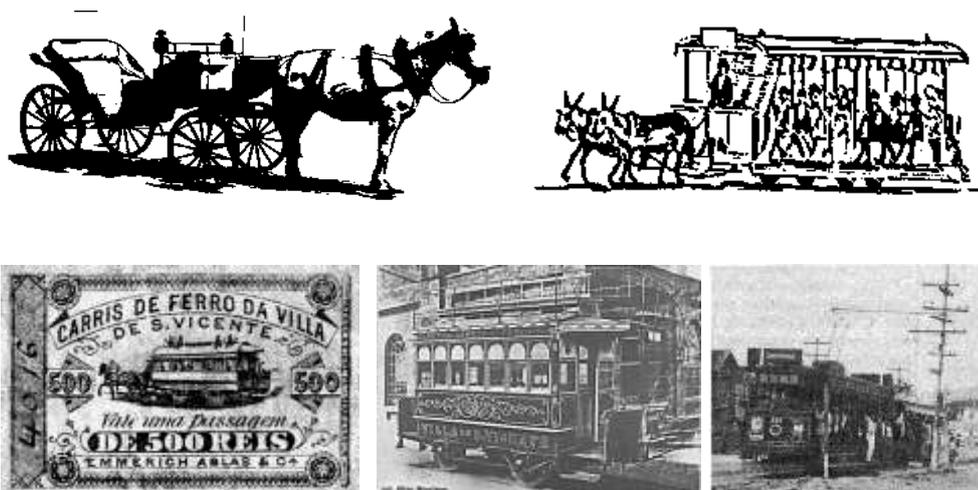
Figura 39: Biquinha de Anchieta - 1900 – 1920



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente.

Meios de Transporte – no início o processo de locomoção era bastante utilizados: carroças de boi, burro e cavalo como também o chamado “o trolley” e “a caleça” (Carruagem de tração animal - cavalo) montada sobre quatro rodas. Já o serviço de Bondes (tração animal - burros), possibilita o transporte de um maior número de pessoas, para isso é necessário, arranjos na infraestrutura do arruamento na cidade. Esses transportes serviam tanto para utilização de trabalho como também para passeio. Em 7 de julho de 1873, circulou o primeiro bonde puxado por burros, ligando São Vicente a Santos. Esta linha foi mantida até 1909, quando passaram a circular os bondes elétricos.

Figura 40: Representação do “Trolley” e Serviço de Bonde – Transporte de tração animal, Vale Passagem



Fonte: <<[http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia\\_tour.php?cod\\_menu=129](http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia_tour.php?cod_menu=129)>>  
<<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/trilho16.htm>>>

Os processos de desenvolvimento da paisagem urbana de São Vicente pode ser, também entendido pelo texto de Reis F° (1987) em sua obra Quadro da Arquitetura no Brasil, onde ele destaca em períodos desde as implantação da cidade e seus processos de transformação para uma nova cidade, esses processos apresentados pelo autor, ilustra a formatação da cidade colonial interferências na mesma no período imperial com mudanças de estilo e na paisagem, e ainda a mudança na cidade com mais um novo estilo a ser implantado no período republicano.

De fato a primeira vista a evolução da arquitetura no Brasil, durante o século XIX, parece como um conjunto de fenômenos de relativa simplicidade. É fácil perceber, por exemplo, que no início do século, com o processo de independência política, os padrões barrocos, que haviam prevalecido durante o período colonial, são substituídos pelo Neoclássico, que se torna a arquitetura oficial do Primeiro e Segundo Império, mantendo-se em uso até a Proclamação da República. Da mesma forma, não é difícil reconhecer que na segunda metade do século, com a instalação das estradas de ferro e o desenvolvimento das cidades, ocorreu uma crescente influência do Ecletismo – estilo que aproveitava as formas arquitetônicas de todas as épocas e de todos os países – que passou a predominar a partir da Proclamação da República. (REIS F°, 1987, p. 11).

Figura 41: Postal Vista Pintado à mão



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente

Figura 42: Postal Vista panorâmica da cidade de São Vicente numa fotografia tirada a partir do Morro dos Barbosas, por volta de 1915. À esquerda, a Igreja da Matriz e o núcleo histórico da cidade. Ao fundo, a cadeia de montanhas que divide a Ilha de São Vicente,



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001. Pág. 96

Pelos relatos apresentados, pode-se perceber que os administradores do município estavam preocupados com a organização do espaço urbano,

promovendo uma interligação de São Vicente com Santos, e incentiva a elite cafeeira a construir em São Vicente – que começa a enriquecer, construir suas residências e investir na cidade.

Figura 43: Vista Praia de São Vicente Sentido Santos – (Dois momentos distintos da paisagem – Sem Intervenção do Homem e Com Intervenção do Homem - Pavimentada)



Fonte: Acervo Pessoal (Pintura Benedicto Calixto – Paço Municipal) e Memorial Fotográfico de São Vicente

[...] No último quartel do século passado, alguns homens de boa vontade, que ainda aqui residiam, entre eles os Sr. Tomaz Antônio de Azevedo, começaram a dar um leve impulso a esta pobre vila, fazendo aqui algumas edificações e animando os moradores de Santos a virem aqui residir. Daí em diante, muitos negociantes de Santos aqui vieram domiciliar – se e gozar do seu excelente clima e magnífica água. Em 1875, uns alemães, os Srs. Jacob Emmerich e Henrique Ablas, promoveram entre si uma associação e levaram a efeito, a sua custa, coadjuvados por seus filhos, a primeira linha de bondes entre Santos e esta Vila. Data daí o renascimento de São Vicente atual, devido simplesmente aos esforços e dedicação desses dois varões verdadeiramente beneméritos.

Figura 44: Foto da Vista no Alto do Ilha Porchat - Praia dos Milionários (esquerda) e Praia do Itararé (direita) 1920. Boa Vista (Vila Betânia)



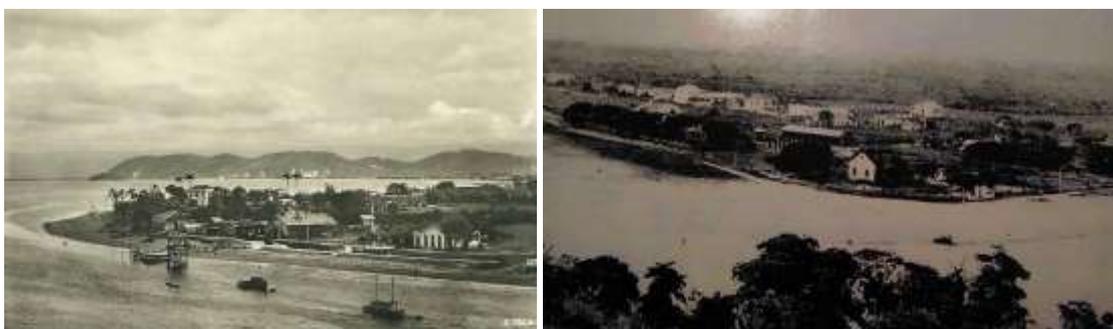
Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente

Figura 45: Foto da Vista no Alto do Ilha Porchat - Praia do Itararé (direita) 1920. Boa Vista (Vila Betânia).



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente

Figura 46: Foto da Vista no Alto do Ilha Porchat - Praia dos Milionários - Boa Vista (Vila Betânia)



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente

Figura 47: Foto da Vista - Praia dos Milionários – Sentido Morro dos Barbosas (direito) – Continente (Esquerdo).



Fonte: Álbum da Cidade de Santos 1902 – SHPC

Figura 48: Foto da Praia dos Milionários – Morro dos Barbosas (esquerda).



Fonte: Álbum da Cidade de Santos 1902 – SHPC

Figura 49: Foto da Vista - Praia dos Milionários – Sentido Morro dos Barbosas (direito) – Continente (Esquerdo).



Fonte: Álbum da Cidade de Santos 1902 – SHPC

Sabe-se que a economia cafeeira, foi o que desenvolveu esse impulso modernizador, criando estradas de ferro e promovendo a vinda de imigrantes. A Estrada da Maioridade ficou superada pela construção de uma estrada de ferro chamada “São Paulo Railway” – Estrada de Ferro São Paulo – inaugurada em 1867. A estação de São Vicente foi inaugurada em 1913, pela São Paulo Southern Railway, e fazia parte do ramal de Juquiá.

Figura 50: Primeira locomotiva paulista. A São Paulo Railway, inaugurada em 1867. Liga São Paulo ao Porto de Santos. Primeira Ferrovia da Província de São Paulo.



Fonte: <<<http://memoriasantista.com.br/?p=2541>>>

Figura 51: Estação e Vagão de Trem de São Vicente.



Fonte: <<<http://www.estacoesferroviarias.com.br/s/svicente.htm>>>

Fonte: <<<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svf039f.htm>>>

Figura 52: Bonde nº 2, São Vicente (via praia), trafegando a margem a Praia do Itararé. Observar como na maré alta a Ilha Porchat, à esquerda, com a passagem alagada, separava-se da Ilha. Praia do Itararé – 1910



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001.

Figura 53: Vista do Morro Praia do Itararé Ilha Porchat (esquerda) e logo atrás do Ilha Porchat a Ponta do Morro dos Barbosa (direita)



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente.

Figura 54: Praia do Itararé, trafegada pelo bonde nº 2, São Vicente (via praia), num postal editado por volta de 1915.



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001.

Figura 55: Bonde nº2, São Vicente (via praia), na Praia do José Menino, em frente à Ilha de Urubuqueçaba, divisa entre Santos e São Vicente.



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001

Figura 56: Praia do José Menino por volta de 1910, com chácaras e casas de veraneio isoladas e vastos terrenos ainda desocupados. Destaca-se à direita, o prédio do Hotel Internacional. O bonde que trafega, pela rua é o nº 2, São Vicente (via praia).



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001.

Ao contrário de São Vicente que mantém ainda um padrão de vida simples, o viver caiçara com pouquíssimas alterações em seu modo de vida, Santos (cidade da mesma ilha que São Vicente) na segunda metade do século XIX, tornou-se o porto do café, transformando a cidade de Santos um celeiro de investidores da economia cafeeira. A riqueza do café foi responsável pelo grande desenvolvimento da cidade de Santos. Houve aumento da população, melhoria dos transportes, expansão da cidade e aparecimento de muitos problemas graves como epidemias de febre-amarela, varíola, peste bubônica e outras moléstias atacaram, matando parte da população que habitava em Santos.

A Lavoura e a indústria são ainda nulas e resumem-se no cultivo da banana que é exportada para Santos; mandioca; cana-de-açúcar, para o fabrico, madeiras para construções e outras pequenas indústrias. A cidade, que é ainda uma vila balneária,

muito preferida, está na sua maior parte habitada por negociantes e empregados que tem as suas ocupações e negócios na cidade de Santos, onde passam o dia. A parte da cidade, conhecida por “Vila Rica” é que possui melhores prédios, com bonitas chácaras e jardins. A outra parte da povoação, onde se acham situados a Matriz, a Cadeia e mais prédios antigos, não tem a mesma elegância da “Vila Rica”, é entretanto mais pitoresca e interessante, por conservar ainda a feição característica dos tempos coloniais, já hoje tão rara e em antigas povoações. Suas ruas são na maior parte macadamizadas, sendo apenas calçadas as, rua Martim Afonso e 15 de novembro.

<<[http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia\\_tour.php?cod\\_menu=129](http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia_tour.php?cod_menu=129)>>.

Figura 57: Igreja da Matriz e Câmara e Cadeia no Largo João Pessoa 1915.



Fonte: Memorial Fotográfico de São Vicente.

Uma reflexão bem interessante, a se fazer em relação à paisagem é que as duas cidades implantadas na mesma área insular (Ilha) desde a colônia se desenvolvem com características distintas, devido suas relações sociais, políticas e econômicas, ainda que sofram juntas com o ambiente natural as mesmas consequências.

Diferente da sociedade “santista”, o viver da sociedade “vicentina” se pautava junto a estrutura de uma cidade estabelecida na colônia, com poucas influências de mudança no império e sendo forçada uma adequação para chegada do progresso pela República. Em textos de alguns memorialistas e cidadãos vicentinos, é apresentado esse viver “colonial caiçara”.

[...] O PROGRESSO ACABOU COM O MEIO DE VIDA DE MEU AVÔ - Meu avô, Ayub Elias Simão, [...] Foi um dos barqueiros do transporte marítimo entre São Vicente e Praia Grande [...], via obrigatória para se chegar às atraentes praias, o serviço de travessia do Mar Pequeno era feito por canoas e umas poucas balsas, que partiam, quando da maré alta, de um simulacro de porto, a que alguns degraus de pedra facilitavam o acesso. [...] Tomou-se de grande utilidade este local de atracação. Eram mantidos permanentemente do lado de cá, dois canoeiros e do lado de lá, também.

<<[http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia\\_tour.php?cod\\_menu=129](http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia_tour.php?cod_menu=129)>>.

Figura 58: Porto de travessia da Ilha para o Continente e o barqueiro responsável pelo serviço.



Fonte:

<<[http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia\\_tour.php?cod\\_menu=129](http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia_tour.php?cod_menu=129)>>

Uma outra análise interessante a se fazer, é a referente a população que habita no litoral paulista – o “caiçara”, ele é provido de modos e maneira de vida com um perfil muito diferente do paulista do planalto, tanto quanto o caipira do interior e o imigrante, pois a sua relação com o território não é exploratória, considera o meio ambiente como seu habitat e se utiliza do meio apenas o necessário para sua subsistência, sem pensar no lucro que a natureza venha a lhe oferecer, um registro muito interessante sobre os modos de vida dessa cultura é relatado na obra de Gerodetti e Cornejo (2001).

Figura 59: Grupo do Club Internacional de Regatas nos mangues do Porto do Rei no Canal de São Vicente, num postal circulado em 1904.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

Figura 60: Casebre de pau-a-pique de pescadores em São Vicente por volta de 1905. Pág. 97.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

**A VIDA SIMPLES DOS PRAIANOS** - A população caiçara desenvolveu um modo de vida simples e apegado à natureza, de inegáveis raízes indígenas, subsistindo da pesca, da agricultura rudimentar, da coleta de frutos nas matas e da caça esporádica. O engenheiro Guilherme Wendel, na sua Exploração do Litoral, realizada em 1915, descreve a cultura caiçara: Isolado quase por completo do interior, formou-se no litoral um tipo que em muito difere do paulista do planalto. O litorâneo é de constituição robusta, sóbrio, de temperamento dócil, às vezes um tanto retraído e acanhado, às vezes alegre e expansivo.

Figura 61: Palhoça do caiçara no litoral de São Paulo – 1915.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

Figura 62: Vida caiçara de uma família do Litoral São Paulo - 1913.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

Preso mais a lida do mar, onde é valente, suportando calor, frio e fadigas, e entrega-se à lavoura somente para obter o necessário para a subsistência da família, considerando este trabalho mais próprio para os caiçaras.

Figura 63: Carregadores de folhas de mangue 1909-1913.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

Os trajes e os mobiliários são extremamente simples e a alimentação consiste, em geral, numa caldeirada de peixe cozido, com farinha de mandioca ou banana verde cozida. Preparam café com garapa de cana, moída na ocasião, e consideram a carne seca como um alimento especial, próprio para convalescentes. Nos lugares onde ainda há mato fazem armadilhas para apanhar alguma caça, como jacu, capivara,

tatu, paca e ratos selvagens. [...] Grande parte dos caiçaras descende de índios. São criaturas simples e bondosas. Estão atrasados num século da civilização do planalto. Nesse isolamento completo, para poderem subsistir, simplificaram o mais que puderam a luta pela vida. Impossibilitados de comerciar por falta de transportes, impedidos de produzir por não haver consumidor, entregaram-se à produção do estritamente necessário para o consumo próprio.

Figura 64: Choupana caiçara de pau-a-pique e teto de sapé, no meio de um bananal no Morro de Nova Cintra, Santos, por volta de 1915.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

Figura 65: Engenho de moer cana-de-açúcar em sitio nos arredores de Santos por volta de 1915. Pág. 113.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

[...] Não são preguiçosos, e a prova está em procurarem serviços em Santos e em sítios de banana. Para a lavoura o caiçara é o homem talhado, nenhum outro lhe leva vantagem. Acostumado a varar tranqueiras, transporta um a dois cachos de bananas a grandes distâncias. No serviço de derrubada das matas, pode-se lançar mão de outro elemento, mas na hora do corte de banana, só ele subsiste, como tipo ideal.

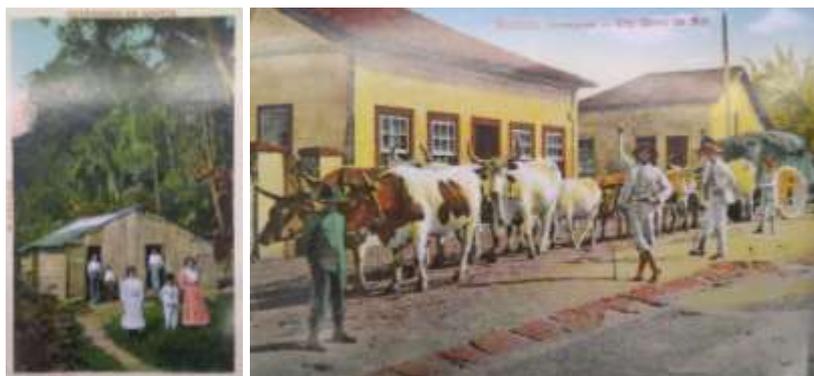
Figura 66: Trabalhadores caiçaras numa plantação de bananas, nas vizinhanças de Santos, por volta 1915. Pág. 112.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

[...] CAIÇARAS E CAIPIRAS - Palavras de origem tupi servem para designar aos habitantes do litoral e às plantas que lhes são úteis. Segundo o dicionário Aurélio, a expressão caiçara, refere-se a estacada de proteção à volta das aldeias indígenas e também faz alusão às varas postas dentro da água, como armadilha para peixes, e às palhoças, junto à praia, que serviam para abrigar as embarcações ou apetrechos dos pescadores. Por extensão, aplica-se aos praianos ou habitantes do litoral paulista.

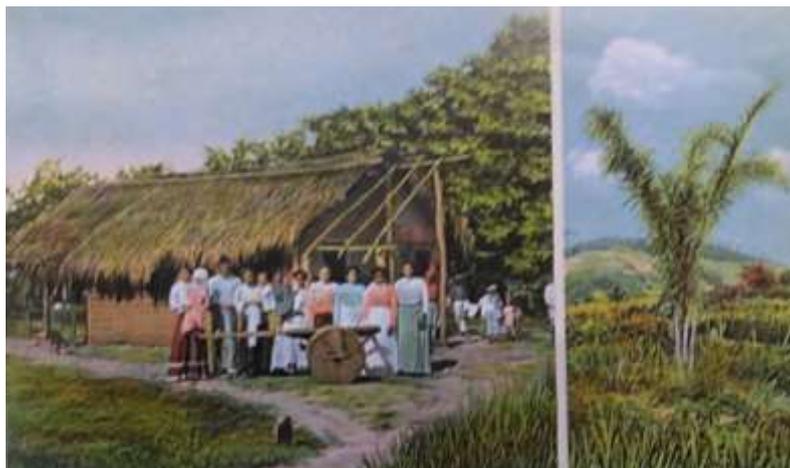
Figura 67: A casa rural (morro) e as casas na cidade 1915.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

O termo caipira, por outra parte, designa ao habitante do campo ou da roça, sendo sinônimos expressões como: caboclo, jeca, matuto, piraquara, roceiro ou sertanejo. Fonte: GERODETTI, João Emílio. Lembranças de São Paulo: o litoral paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças. João Emilio Gerodetti, Carlos Cornejo. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2001.

Figura 68: Família caiçara dos arredores de Santos por volta de 1915.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

Após essa reflexão, deve-se levar em conta os aspectos aqui foram apresentados, pois em um ambiente colonizado por europeus com uma visão estritamente exploratória e o descaso do império em preservar a cultura local. Se desenvolveu e estabeleceu uma cultura própria de sobrevivência e subsistência da população, que talvez, mostre-se apática ou que não tenha nenhum interesse pelo progresso que vem sendo apresentado através da Republica.

Ainda, que vagarosamente e muito tímida a cidade começa a se desenvolver, através dos eixos de comunicação de trilhos de bonde com o município de Santos. Essa situação vai ocorrer a partir do Centro Colonial, onde se encontram as construções mais antigas, como a Igreja da Matriz e a Casa de Câmara e Cadeia.

O que se torna curioso é que a implantação (adequação) da “Escola do Povo” em 1893, se dá em um armazém de estilo colonial de “secos e molhados” na área do Centro Colonial, e em 1898 é construído o Edifício Escolar para abrigar a escola em moldes tanto urbanísticos como arquitetônicos em uma área que virá a ter características de traçado urbanístico republicano.

Situados em regiões nobres, esses edifícios marcam, definitivamente, pela imponência e localização, seu significado

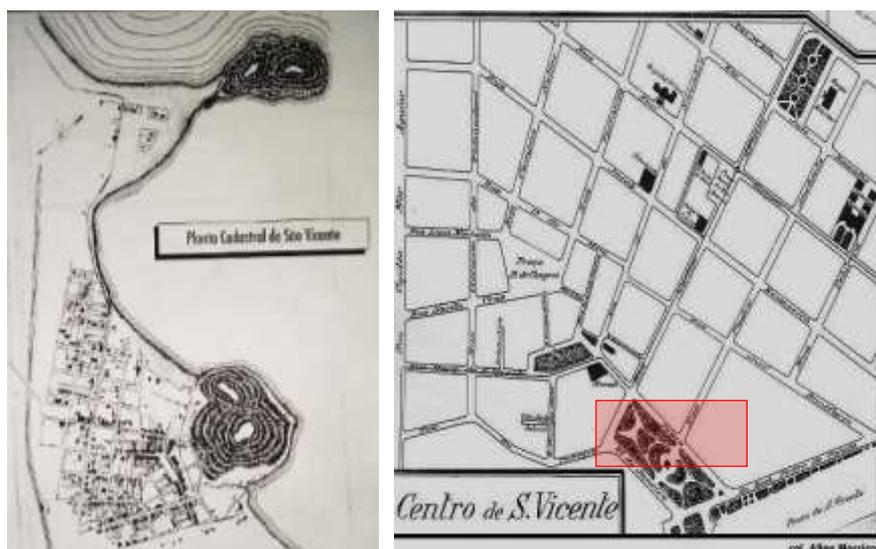
no tecido urbano. Não se trata de mero acaso. Os terrenos foram estrategicamente escolhidos e os projetos judiciosamente desenvolvidos. A localização privilegiada, [...] no centro da cidade, garantia sempre que os alunos percorressem e reconhecessem a cidade e suas instituições antes mesmo de chegarem à escola. [...] símbolo de uma cultura leiga e popular, integrava o núcleo urbano composto pela Prefeitura, os correios, casa bancária, praça central e Igreja matriz. Ao mesmo tempo, distinguia-se das residências, das casas comerciais e dos demais edifícios que constituem a cidade. (BUFFA, 2012, p\_\_).

Dois anos após o Edifício Escolar inaugurado, a “Escola do Povo” passa à ser um dos Pontos Centrais no município do “IV Centenário do Descobrimento do Brasil”, inaugurando um monumento e mais um espaço urbanístico de uma praça republicana.

O interessante nessa análise é que a “Escola do Povo”, passa a ser um espaço do “Conceito de Ideal Republicano”, que posteriormente virá a estabelecer mais espaços desse teor no município.

Os edifícios públicos são: a Cadeia ou Casa da Câmara, que foi reconstruída em 1757; a Igreja da Matriz, cujo padroeiro é São Vicente, que foi também reconstruída em 1757, no mesmo, lugar em que existiu a primitiva, desta segunda povoação; a Capela de Santa Cruz, construída pela família Ablas, no largo “Santa Cruz”; a Escola do Povo, belo edifício levantado e sustentado por meio de uma associação, onde funcionam diversas aulas; e, o “Monumento Comemorativo do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil”, que se ergue na Praça “Nobrega” ou Largo 13 de Maio, próximo à praia. Fonte: (São Vicente (SP) Secretaria da Educação. Roteiro histórico e geográfico de São Vicente / Secretaria da Educação: fotos Isaias Melin/Hermenegildo Rafael Menin, - São Vicente, SP: A Secretaria, 1996).

Figura 69: Planta Cadastral de São Vicente de 1899 Mapa do Circuito do Bonde Elétrico.



Fonte: Gerodetti e Cornejo (2001).

A cidade, passa a ser representada através de cartões postais como uma das poucas cidades que preservaram imagens pitorescas das populações estabelecidas no litoral e suas belezas naturais e edificadas, passa a ser percebida muito mais pela região e pelo país afora como um lugar para ser visitado.

São Vicente é um templo de recordações históricas - Cidade histórica e pitoresca. Em 1914, São Vicente tinha 585 prédios e uns cinco mil habitantes que já contavam com água potável, iluminação a luz elétrica e uma linha de bonde que a comunicava com Santos. Mesmo com o modernismo desses avanços, a cidade permanecia isolada pela natureza ainda intocada da região, com praias desertas rodeadas de mato [...] A Praia de Itararé apesar de servir para o trânsito público, porque outra comunicação não existia, se achava em tal abandono que provocava a cobiça de muito pretendente a terrenos de marinha, com a alegação, aliás verdadeira, de que constituíam em toda sua extensão grandes lotes cobertos de matos, [...] não existia comunicação entre os bairros da cidade, mesmo os centrais; [...] só se fazia pela praia e com bom tempo, por isso que a maré alta ou chuva obrigava o vicentino ao recurso do bonde que passava mesmo junto ao meio-fio; assim nos dias de chuva o bonde era obrigatório.

Figura 70: Cano de pescadores caiçaras e turistas na Praia de São Vicente, tendo por fundo a Ilha Porchat, num postal circulado em 1903.



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001.

Figura 71: Recanto sossegado de uma praia de São Vicente num postal circulado em 1904



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001.

Figura 72: Passeio de Família no Ilha Porchat, São Vicente, por volta de 1915.



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001.

Figura 73: Via de acesso à ponte pênsil sem pavimentação (encosta do Morro dos Barbosas) 1914.



Fonte: Revista da Semana e Memorial Fotográfico de São Vicente.

Figura 74: Ponte Pênsil e Saneamento de Esgoto - Vista da Ilha de São Vicente Olhando para o Continente e Vista do Continente olhando para a Ilha de São Vicente - Morro ao lado direito (Morro do Xixova) e o Morro ao Fundo (Morro dos Barbosas) Via de ligação (tubu



Fonte: Revista da Semana e Memorial Fotográfico de São Vicente.

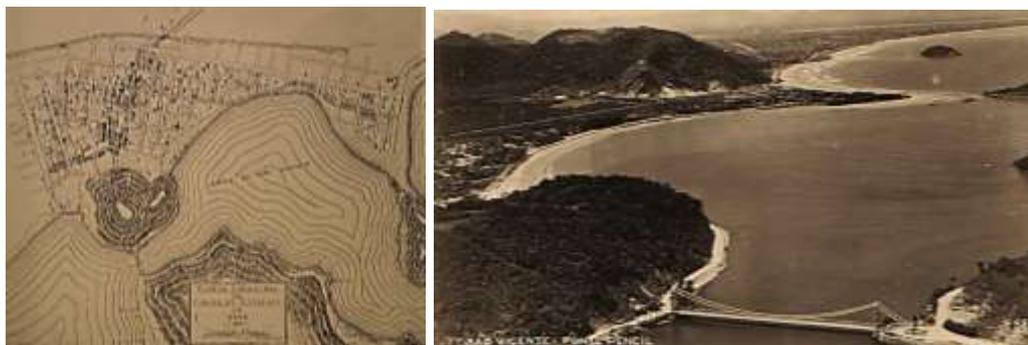
Figura 75: Ponte Pênsil e Saneamento de Esgoto - Vista da Ilha de São Vicente Olhando para o Continente – Dois lados diferentes de acesso a Ponte.



Fonte: Revista da Semana e Memorial Fotográfico de São Vicente.

Segundo memorialistas do município, o centro da cidade de São Vicente retomou seu crescimento somente na década 1920, sendo a Praça Barão do Rio Branco, seu local mais movimentado, pois ali se encontravam a Estação do Bonde e a Câmara Municipal.

Figura 76: \_\_\_\_: Mapa da Planta Cadastral e Vista Aérea das praias de São Vicente (Ponte Pênsil), por volta de 1922



Fonte: Gerodetti e Cornejo, 2001.

## 2.2. Os Agentes (Personagens x Instituições)

Para compreender o mundo não é apenas compreender seus objetos – é compreender seus sujeitos. E a compreensão dos sujeitos não se refere apenas ao acontecido, mas também, e principalmente, ao que está por acontecer. Expressões escritas, gráficas etc. que representem o mundo são expressões vivas dos sujeitos por acontecer.

Figura 77: Personagens Através dos Tempos



Fonte: Jornal A Tribuna

Os personagens e as instituições envolvidas no processo de implantação da “Escola do Povo”, são tantos que seria injusto atribuir um reconhecimento de todos que contribuíram tanto para a implantação, quanto a sua manutenção. Será fácil reconhecer os seus agentes pelas suas ações.

Aqui será apresentado em formatação de tabelas, apenas para um entendimento cronológico do processo historiográfico.

Quadro\_\_\_\_: Diretores da Escola no Período 1904 – 1920

Ano	Nome	Escola Povo	Grupão
1893	José Lopes dos Santos	X	
1894	Joaquim Duarte da Silva	X	
1897	Antonio Militão de Azevedo.	X	
1904	Alexandre Lopes dos Santos	X	
1906	Joaquim Duarte da Silva	X	
	Jerônimo dos Santos Moura	X	
1909	Dr. Persio de Souza Queiroz	X	
1913	Antônio de Melo Cotrim		X
1914	Gastão Ramos		X
1917	Eudoro Ramos Costa		X

1920	Evandro Feliciano da Silva		X
------	----------------------------	--	---

Fonte: Polianteia Vicentina e Jornais

Figura 78: Brasão do Município de São Vicente e Documento da Constituição da Diretoria da Escola do Povo – 1903.



Fonte: Prefeitura Municipal de São Vicente e Etec. Dra. Ruth Cardoso.

O memorialista Adamastor em sua obra “Escola do Povo – São Vicente – uma luz maçônica do século XIX”, apresenta alguns dos cidadãos, ligados à Escola durante os primeiros vinte anos. São eles:

Figura 79: Cidadãos com ligação a Escola do Povo – 1893 – 1913



Fonte: “Escola do Povo – São Vicente – uma luz maçônica no século XIX” - Adamastor Amado Stoffel.



Capitão Antão Alves de Moura (1865-1931) – Escola do Povo – Participou atuando não apenas na criação como no levantamento do tradicional edifício da “Escola do Povo”. Sua sede teve seu início em 1892 (de acordo Vultos Vicentinos), “de frente ao estabelecimento comercial de Antão, que assim podia mais atentamente dedicar seu particular desvelo”.



Coronel José Lopes dos Santos (1836-1896) - Co-fundador da Escola do Povo – “Juca Lopes”, assim chamado pelas pessoas que eram mais a ele, participou decisivamente, da construção e manutenção. A construção fica de frente a Praça que recebe o seu nome.



Francisco Emilio de Sá (1845-1899) – Um dos entusiastas cidadão que se animou muito para a construção da Escola do Povo. Em 1897 foi convidado para presidir a Sociedade que custeava a manutenção da Escola. Membro atuante da Maçonaria. A Sociedade estava bem conturbada devido problemas políticos, no entanto ele conseguiu eliminar a cisão, reorganizando e reestabelecendo as questões financeiras da Sociedade.



Prof. José Gonçalves Paim – (1895-1930) – Veio do Rio de Janeiro, do Colégio D. Pedro II em 1895 para lecionar na Escola do Povo, em 1896 ele já estava de mudança com a Escola do Povo do Largo Batista Pereira para a Rua XV de Novembro, em uma casa adaptada para as aulas e ainda para receber o professor sua família.



José Joaquim de Azevedo (1852-1933) – Mais conhecido como “Juca Morgado” – Ajudou a construir o monumento ao IV Centenário do Descobrimento do Brasil em 1898, 1899 e 1900 (desenho de Benedicto Calixto). Ele também fez parte da equipe que construiu o edifício da Escola do Povo.

Um outro elemento fundamental para entendimento da relação Escola do Povo e o Governo Estadual, foram os Inspectores que confeccionavam seus relatórios para apresentar aos superiores, e a partir daí tomavam providências, que viriam a influenciar na vida da Escola. O quadro foi confeccionado com informações do Anuário.

Quadro \_\_\_\_\_ do Inspectores Escolares do Estado – 1898 - 1913

NOME	EXERCÍCIO
Domingos de Paula e Silva	18.02.1898
José Monteiro Boanova	22.02.1898
Miguel Carneiro Junior	24.12.1904
João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior	29.12.1904
Leonidas Morato de Carvalho	01.02.1905
Antonio Morato de Carvalho	16.02.1905
René de Oliveira Barreto	22.03.1905
José Carneiro da Silva	02.03.1907
Ramon Roca Dodal	18.03.1907
Benedicto Candido Côrte Brilho	02.01.1908
Virgilio Cesar dos Reis	-----
Aristides Epiphanio de Macedo	20.04.1908
José Narciso de C. Couto	10.05.1910
Mariano de Oliveira	10.05.1910
Carlos Gallet	14.05.1910
Arnaldo Barreto	04.02.1911
Benedicto Maria Tolosa	03.02.1911
José Carlos Dias	18.07.1911
Aristides José de Castro	28.08.1911
Julio P. Marcondes Pestana	28.10.1911
José Augusto de A. Antunes	13.01.1913
Leopoldo José de Sant'Anna	13.01.1913
Joaquim Luiz de Brito	13.01.1913
João Benedicto C. China	29.01.1913
Helio Penteado de Castro	19.02.1913
Guilherme Jorge Kuhlmann	08.04.1913
Antonio Primo Ferreira (em comm.)	08.04.1913

Inspector Geral - Dr. Oscar Thompson – 02.01.1909

Auxiliar de Inspector Geral – Dr. João Augusto Pereira Junior – 14.11.1904

Auxiliares de Repartição

Arnaldo Porchat (25.02.1908)

José Fernando de Souza Cantinho (05.01.1909)

Secretrario – Francisco Antunes da Costa (03.02.1911)

Escriturarios – Marcos Antonio A. Ribeiro (08.06.1910) – Thephilo Castanho (11.02.1911), Dr. Esdras Pacheco Ferreira (11.04.1912)

Porteiro – João Hortencio Vargas (20.02.1913)

Continuo – Satyro de Mello Barreto (07.06.1910)

Serventes – Isaias Pereira Couto (17.02.1912) – Adelino Antonio da Silveira (14.08.1913).

Fonte: Anuário do Estado de São Paulo – 1907-1908 – 1909.

Figura 80: Brasão do Estado de São Paulo e Anuário do Ensino de São Paulo.



Fonte: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/anuarios\\_ensino](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/anuarios_ensino)>

As influencias sócio, política e econômica, são fatores que geram ações em diferentes escalas, como apresentado anteriormente; no plano político a partir da proclamação da república, a cidade passa a ser administrada por prefeitos oriundos da burguesia, que gerenciavam segundo seus interesses e anseios.

Dessa forma faz-se necessário um quadro de políticos governantes nesse período de recorte.

Tabela 1: Presidentes, Governadores e Prefeitos no período 1893 à 1913

Ano	Presidente Da República	Presidente da Província e Governador	Prefeitos

1887* 1889	Manuel Deodoro da Fonseca (Governo Provisório)	Prudente José de Moraes Barros, Francisco Rangel Pestana e Joaquim de Souza Mursa (fase do triunvirato)	Cap. Gregório Inocêncio de Freitas*
1890	Manuel Deodoro da Fonseca (Governo Provisório)	Prudente José de Moraes Barros	Cap. Gregório Inocêncio de Freitas
1890		Jorge Tibiriçá Piratininga	Cap. Gregório Inocêncio de Freitas
1891	Manuel Deodoro da Fonseca (Governo Constitucional)	Américo Braziliense de Almeida Mello	Tenente Cel. Gil Alves de Araújo
1891	Floriano Vieira Peixoto	Sérgio Tertuliano Castello Branco (Presidente Interino)	Tenente Cel. Gil Alves de Araújo
1891		José Alves de Cerqueira Cezar	Tenente Cel. Gil Alves de Araújo
1892	Floriano Vieira Peixoto	Bernardino José de Campos Júnior (Presidente eleito)	Tenente Cel. Gil Alves de Araújo
1892		Ezequiel de Paula Ramos (interino)	Tenente Cel. Gil Alves de Araújo
1893	Floriano Vieira Peixoto	Bernardino José de Campos Júnior	Julião Leocádio Neiva de Lima
1894	Prudente José de Moraes e Barros	Bernardino José de Campos Júnior	Antônio Emmerich
1896	Prudente José de Moraes e Barros	Francisco de Assis Peixoto Gomide	Antônio Emmerich
1897	Prudente José de Moraes e Barros	Manoel Ferraz de Campos Salles	Joaquim Dias da Silva
1898	Prudente José de Moraes e Barros	Francisco de Assis Peixoto Gomide	Antônio Emmerich
1898	Manoel Ferraz de Campos Salles	Fernando Prestes de Albuquerque	Antônio Emmerich
1899	Manoel Ferraz de Campos Salles	Fernando Prestes de Albuquerque	Herman Reipert
1899	Manoel Ferraz de Campos Salles	Fernando Prestes de Albuquerque	Antônio Lima Machado
1900	Manoel Ferraz de Campos Salles	Francisco de Paula Rodrigues Alves	Antônio Lima Machado
1902	Manoel Ferraz de Campos Salles	Domingos Corrêa de Moraes	Antônio Lima Machado
1902	Francisco de Paula Rodrigues Alves	Bernardino José de Campos Júnior	Antônio Lima Machado
1904	Francisco de Paula Rodrigues Alves	Jorge Tibiriçá Piratininga	Salvador Malaquias Leal

1906	Francisco de Paula Rodrigues Alves	Jorge Tibiriçá Piratininga	Antão Alves de Moura
1906	Afonso Augusto Moreira Penna	Jorge Tibiriçá Piratininga	Antão Alves de Moura
1908	Afonso Augusto Moreira Penna	Manoel Joaquim de Albuquerque Lins	Antão Alves de Moura
1909	Afonso Augusto Moreira Penna	Manoel Joaquim de Albuquerque Lins	Antão Alves de Moura
1909	Nilo Procópio Peçanha	Manoel Joaquim de Albuquerque Lins	Antão Alves de Moura
1910	Hermes Rodrigues da Fonseca	Manoel Joaquim de Albuquerque Lins	Antão Alves de Moura
1912	Hermes Rodrigues da Fonseca	Francisco de Paula Rodrigues Alves	Antão Alves de Moura
1913	Hermes Rodrigues da Fonseca	Carlos Augusto Pereira Guimarães	Antão Alves de Moura
1914	Wenceslau Braz Pereira Gomes	Carlos Augusto Pereira Guimarães	Teotônio Gonçalves Corvelo
1915	Wenceslau Braz Pereira Gomes	Carlos Augusto Pereira Guimarães	Teotônio Gonçalves Corvelo
1916	Wenceslau Braz Pereira Gomes	Altino Arantes Marques	Salvador Malaquias Leal
1917	Wenceslau Braz Pereira Gomes	Altino Arantes Marques	João Francisco Bendsorp
1918	Wenceslau Braz Pereira Gomes	Altino Arantes Marques	Cap. José Meirelles

Quadro: Elaborado pelo Autor.

Fontes:

Referências Prefeitos e Vereadores

História de São Vicente em Bairros – Prefeitura Municipal de São Vicente - Secretaria de Educação - São Vicente SP

Referências Presidentes da República:

<<<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ex-presidentes/>>>

Referências para Governo Paulista:

<<<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/sao-paulo-historia-dos-governadores.php>>>

### 2.2.1. Maçonaria e a Escola do Povo

De acordo com a reportagem do Jornal “A Tribuna” de 26.07.2004 - Redação Luiz Gomes Otero (Sucursal) – a Loja Maçônica Fraternidade de Santos já tinha 41 anos de existência quando o Jornal foi lançado e ainda constam em suas históricas edições fatos relacionados da Loja Maçônica Fraternidade de Santos com a Escola do Povo. No site *novomilenio* o assunto é tratado da mesma forma, tendo em vista que uma parcela significativa das reportagens apresentadas neste, é uma transcrição do jornal “A Tribuna”.

Figura 81: Brasão da Maçonaria no Brasil e Logotipo da Loja Maçônica Fraternidade de Santos



Fonte: <<http://www.maconaria.com.br/pagina.php?id=2>>

De acordo com Gomes (2010), alguns personagens que atuaram politicamente e com grande representatividade na historiografia brasileira eram maçons.

No Brasil, a Independência foi proclamada por um grão-mestre maçom. D. Pedro I. E a República, por outro, Marechal Deodoro da Fonseca. Entre os 12 presidentes da Primeira República, oito eram maçons. O primeiro ministério era todo maçom, incluindo Rui Barbosa, Quintino Bocaiuva e Benjamin Constant. (GOMES, 2010, p. 243).

Barata (1999), quando retrata a ação da maçonaria no final do século XIX e início do século XX no Brasil, apresenta-a em conflito ideológico com a igreja católica.

[...] a Maçonaria, normalmente identificada com o pensamento liberal, e a Igreja Católica, fortalecida pelo processo de romanização e identificada com o pensamento conservador. (BARATA, 2010, p. 243).

Ainda que a presença da maçonaria na historiografia brasileira no período republicano seja um fator preponderante, nesta pesquisa isso não ocorre de forma tão clara, pois não foi evidenciada sua atuação no levantamento das fontes

realizadas até a presente data. Percebe-se que os agentes que participaram no processo de implantação da Escola do Povo em sua maioria eram maçons, ainda que a instituição não tenha participado diretamente desta ação.

Além dos personagens aqui apresentados, outros serão apresentados nas ações fazendo com que entenda o significado a importância de cada um no processo histórico da “Escola do Povo”.

### **2.3. As ações (Processo de implantação e transição da Escola)**

Algumas medidas foram tomadas para a implantação da Escola, antes mesmo da construção do Edifício Escolar, outras medidas também foram tomadas para subsistência e manutenção da instituição.

Essas medidas poderão chamadas de “ações”, pois através delas é que se estabeleceram as transformações físicas e normativas da Escola do Povo.

Adamastor Amado Stoffel, apresenta de forma cronológica, o texto “Escola do Povo – São Vicente – uma luz maçônica no século XIX”, onde ele homenageia o pai, pela caminha com o verdadeiro ideal maçônico:

1893

Sábado, 10 de Junho, numa dependência do armazém de secos e molhados do capitão ANTÃO ALVES DE MOURA, um grupo de prestantes cidadãos se reúne para fundar a “Escola do Povo”, de São Vicente, reunião acontece no mesmo local onde já se ministraram algumas aulas, desde o ano anterior, para crianças de famílias sem recursos financeiros. A iniciativa de se construir uma sociedade civil parte de ADUTO FÉLIX DE LIMA, que atua na cidade como escrivão “ad noe” e registra a ata da fundação. Fica a primeira Diretoria assim constituída: Presidente coronel JOSÉ LOPES DOS SANTOS; primeiro-secretário: MANUEL HENRIQUE DE LIMA; segundo-secretário: JOÃO MAURÍCIO DE MELLO; primeiro-tesoureiro: capitão ANTÃO ALVES DE MOURA; inspetor de aulas: ADAUCTO FÉLIX DE LIMA; zelador: JOSÉ VITORIANO COUTINHO; Conselheiros: AUGUSTO CARLOS DE FREITAS, DOMÍCIO LISBOA, JOAQUIM DUARTE DA SILVA e JOÃO WENCESLAU EMMERICH.

Os fundadores, na sua grande maioria, são maçons respeitáveis e pertencem a loja “Fraternidade”, de Santos. Um dos seus nobres objetivos é construir escolas laicas para a infância pobre. A instituição não é, portanto, um “colégio” e nem esse nome recebe porque o termo, durante muitos anos, significou “estabelecimento religioso de ensino com objetivos catequistas.”

“Escola do Povo – São Vicente – uma luz maçônica no século XIX” - Adamastor Amado Stoffel.

Adamastor Amado Stoffel, retrata o mesmo teor em uma redação do Jornal “A Tribuna” em 13 de junho de 1989. O relato dele começa a partir do 10º aniversário da Escola do Povo em 1903, e apresenta uma das suas fontes de pesquisa: Poliantéia Vicentina (1982).

Verificando a Polianteia Vicentina, percebe que os fatos que são relatados ainda que com discursos diferentes não sofrem mudanças drásticas. No entanto foi necessário buscar outras fontes que pudessem trazer à luz o 10º aniversário que o autor apresenta com tanta propriedade.

A fonte encontrada foi a imprensa do Jornal Diário de Santos, que tinha como proprietário H. PEIXOTO & C. e Redactor Chefe - Alberto Veiga com a reportagem no dia domingo, 18 de junho de 1893. Edição Anno 21 N. 198.

<< Escola do Povo >>

Conforme havíamos noticiado, teve lugar ante-hontem, em S. Vicente, a inauguração das aulas da sociedade de instrução Escola do Povo.

A's 7 horas da noite, perante grande concurso de senhoras e cavalheiros, o sr. tenente-coronel José Lopes dos Santos, presidente da sociedade abriu a sessão e \_\_\_\_\_ os \_\_\_\_\_ pedindo para associação nascente o auxilio do publico, a quem ella aproveitava, e a coadjuvação da câmara municipal, ali representada por alguns dos seus membros.

Em seguida deu a palavra ao orador official, dr. Rubim Cezar, que. Com a eloquência costumada, produziu um brilhante discurso, que foi muito applaudido.

Orou depois o redactor-chefe desta folha, que salientou os serviços que a Escola do Povo vinha prestar á infancia daquela villa e concitqndo os que tomaram sobre os hombros tão pesado encargo a irem por diante, resolutos e abnegados, porque não lhes faltariam as animações e os aplausos de todos os que se interessam pelo progresso desta terra.

Seguiu-se o sr. Manoel Henrique de Lima, 1º secretario, agradecendo em seu nome e no dos seus colegas de directoria a presença das senhoras e cavalheiros que ali estavam, promettendo que a Escola do Povo envidaria todos os esforços para corresponder ás esperanças dos seus societarios.

Encerrada a sessão, e lida a acta especial que foi assignada pela mesa e por todos os presentes, inclusive as senhoras, passaram os convidados para outra sala, onde estava servida uma mesa de doces.

Temos lembrança dos seguintes brindes:

Do sr. dr. Rubim Cezar, ás senhoras, cuja presença ali era um estímulo e uma recompensa;

Do sr. tenente coronel José Lopes dos Santos, aos seus collegas de directoria, cujos esforços se tornavam dignos de francos e sinceros louvores;

Do sr. dr. Rubim Cezar, á imprensa, representada alli na pessoa do nosso chefe e amigo dr. Heitor Peixoto;

Deste, agradecendo e brindando à prosperidade e ao futuro da Escola do Povo;

Do sr. Lopes dos Santos, ao redactor-chefe desta folha, (ausente nessa occasião por achar-se incomodado.)

Durante o acto tocou uma banda de musica, reinando a maior alegria e a mais franca cordialidade.

Repetimos aqui os votos sinceros que fazemos pe'o desenvolvimento da Escola do Povo e oxalá que os resultados correspondam aos nobres fins que a inspiraram e lhe deram origem.

As ações apresentadas pela imprensa escrita, traz uma nova configuração no processo da construção histórica da Escola. Porque juntamente com as ações são apresentados todos agentes envolvidos, deixando claro que é praticamente impossível desassociar uma ação de um agente.

Cabe lembrar que a pesquisa foi realizada junto a Imprensa Escrita num período em que o idioma português (gramática e acentuação) era bastante diferente do atual. E também a própria tecnologia impressa era inferior a atual, imprimindo de forma rudimentar algumas palavras, mas não impossibilitando a construção do texto pesquisado.

A reportagem além de apresentar as ações e os agentes envolvidos no processo, ela instigou à uma busca em outros jornais do mesmo período.

Diario de Santos --- Anno 21 - - N. 549 - Quinta-feira 31 de Agosto de 1893

Escola do Povo - Domingo próximo deve ter lugar a inauguração das aulas da Escola do Povo, em S. Vicente.

Diario de Santos --- Anno 21 – N. 253 - Terça-feira 5 de Setembro de 1893

<< Escola do Povo >> Hoje, ás 6 ½ horas da tarde, realiza-se a inauguração das aulas da << Escola do Povo, >> em S. Vicente.

SANTOS COMMERCIAL Anno 2 - Redactor: Eurico Saldanha -  
ORGAM REPUBLICANO - DOMINGO, 4 DE AGOSTO DE  
1895

- Hoje, ás 3 horas da tarde, em S. Vicente, haverá assembléa  
extraordinaria da Escola do Povo.

O anuncio abaixo descrito, pode estar definindo como “as benfeitorias” do imóvel que a escola ocupava, e não necessariamente a “escola” como instituição. Vendo por esse lado, entende-se que a “venda” é do imóvel, utilizando o nome da Escola do Povo apenas como um atrativo para o negócio.

SANTOS COMMERCIAL – 1895 - S. VICENTE

Vende-se – As benfeitorias da Escola do Povo, no Largo  
Bapitista Pereira, com a vantagem que o contracto reza.

As reportagens apresentadas juntamente com as escritas da Polianteia Vicentina e do memorialista Adamastor, nos mostram um envolvimento direto da comunidade nas atividades da Escola, não apenas a presença da figura masculina nessas ações, mas da feminina também vem a contribuir para angariar verba, e juntos iniciam um novo movimento para aquisição do futuro Edifício Escolar.

SANTOS COMMERCIAL – REDACTOR – EURICO SALDANHA  
- TERÇA-FEIRA, 06 DE AGOSTO DE 1895

Escola do Povo - Na reunião realizada ante-hontem em S. Vicente para tratar de assumptos importantes sobre esta utilissima instituição, foi eleita a seguinte directoria:

Presidente, Joaquim Duarte da Silva; vice-presidente, Antonio Emmerich; tesoureiro, Isolino de Carvalho; 1º secretario, Augusto de Carvalho; 2º secretario, João José de Souza; inspector das aulas, Anthero de Moura; conselho fiscal: Julio Mauricio da Silva, Francisco Emilio Ablas e Elias Teixeira da Fonseca; zelador, Paulino de Oliveira.

Foi tambem nomeada outra comissão de senhoras, afim de angariar prendas, cujo produto reverta em beneficio dos cofres da Escola do Povo.

Para aquella foram lembradas e unanimemente aceitas as exmas. sras. dd. Elvira de Sa, Isaura Telles, Guiomar Ratto, Maria do Carmo, Mauricio da Silva, Henriqueta Emmerich e Josephina Gloria Duarte; para esta foram aceitos os srs. tenente coronel Julio Mauricio da Silva, Joaquim Duarte da Silva e Isolino de Carvalho.

No ano de 1896 a escola foi transferida do Largo Batista Pereira atualmente Praça João Pessoa para um outro imóvel na rua XV de Novembro, nesse imóvel foi locado para moradia do Professor Paim e sua família, e também adaptado para ser utilizado pela escola.

Nesse ano, por necessidade de ampliação, funciona a “Escola do Povo” no Largo Batista `Pereira, esquina com a “Rua doas Flores”. Como prova de gratidão pelos serviços prestados à entidade, é inaugurado o retrato do diretor JOAQUIM DUARTE DA SILVA. Ainda nessa época, o professor JOSÉ GONÇAVES PAIM muda-se com a “Escola do Povo”, do Largo Batista Pereira (mais tarde Praça João Pessoa) para a Rua XV de Novembro, em casa adaptada para residência do mestre e sua família. O casarão, com muitas portas e janelas, pertenceu a TEOTÔNIO GONÇALVES CORVELO, sendo posteriormente ocupado por uma loja de miudezas e armários do sírio ISSA ABDO, e depois AZIS MAHFUZ, grandes amigos de São Vicente.

Além do Jornal local Diário de Santos, os Jornais Correio Paulistano e A Nação apresentam reportagens referentes a Escola do Povo, seus agentes e suas ações. Em 1897, segundo Adamastor, um líder maçom FRANCISCO EMÍLIO DE SÁ é chamado a presidir a sociedade que custeia a manutenção da Escola.

COORREIO PAULISTANO – S. PAULO - Quinta-feira, 15 de julho de 1897. BRAZIL - S. Vicente.

- Realisou-se, no domingo, o torneio de patinação em benefício da Escola do Povo, reinando grande animação entre patinadores e assistentes.

Muitas atividades beneficentes ocorrem na cidade em função da “Escola do Povo”, a população está bastante entusiasmada com a conquista. A imprensa registra a inauguração e a festividade da Pedra Fundamental do “novo” Edifício Escolar que ocorreu em 08 de agosto de 1897.

Até esse momento não era apresentado o gênero dos alunos assistidos; ao ler o anúncio verifica que a Escola do Povo até essa data, ministrava aulas apenas para meninos. E a partir desse momento abrirá “uma aula” para as meninas, que terão oportunidade de estudar na Escola.

CORREIO PAULISTANO - Segunda-feira, 9 de agosto de 1897- BRAZIL - Hontem, realizou-se á 1 hora da tarde, na praça Coronel Lopes, a inauguração da pedra fundamental da Escola do Povo, onde além da aula de meninos, funcionará uma aula de meninas. - A´s 10 ½ horas da manhã devia ter chegado

áquella cidade a banda do 3º batalhão policial do Estado, graciosamente cedida pelo Illustre sr. dr. Campos Salles, a qual depois de dirigir-se ao edifício escolar, percorreria diversas ruas. O orador official da festa era o dr. Rubim Cesar.

A Nação – Orgam do Partido Republicano Federal - Gerente – Luciano de Magalhães. S. Paulo - Quarta-feira, 22 de Setembro de 1897 pag. 01 SANTOS

- No Gremio dr. Arthur Azevedo realisa-se domingo um espectáculo em beneficio da Escola do Povo, de S. Vicente.

Em 12 de outubro de 1897, iniciaram as obras de construção do Edifício Escolar, momento de grande festividade para comunidade vicentina, sempre prestigiando os eventos da Escola e no anseio pela construção do Edifício.

A Nação – Quarta-feira, 13 de outubro de 1897 pag. 02 DE SANTOS - ESCOLA DO POVO

Conforme noticiei hontem, começaram hoje as obras da construção do novo edifício da Escola do Povo, em S. Vicente. O local está festivamente enfeitado, tocando nelle a banda de musica da Sociedade Humanitaria. Esta funcionando, tambem, uma tombola, que dá muito realce á festa. As prendas em exposição são, em grande parte, ricas e bonitas, e a concorrência de famílias é grande.

As quermesses e festas, ocorrem com frequência na cidade e na região. Os fatores que motivam as pessoas a participar, são expressos com o tipo de eventos desenvolvidos nesse período.

A Nação – Orgam do Partido Republicano Federal - Gerente – Luciano de Magalhães - S. Paulo - Quarta-feira, 22 de Setembro de 1897 pag. 01. SANTOS

O Club Internacional de Atiradores tambem promoverá alegres diversões na praia do Itararé, em beneficio da Escola do Povo, em S. Vicente.

A Nação – Sexta-feira, 1º de Outubro de 1897 pag. 02 – SANTOS ESCOLA DO POVO - Santos, 30 – Consagrando concorrência, a Sociedade Dramatica Arthur Azevedo está realizando no theatro Guarany um variado espectáculo em beneficio da Escola do Povo, de S. Vicente.

COORREIO PAULISTANO-Sexta-feira, 1 de outubro de 1897. Telegrammas. Santos – 30

A sociedade <<Arthur de Azevedo>> realizou hoje um espectáculo em beneficio da Escola do Povo, de S. Vicente.

COORREIO PAULISTANO-Quarta-feira, 22 de dezembro de 1897. Telegrammas

A diretoria da Escola do Povo, de São Vicente, marcou para o próximo dia 02 de janeiro, um concerto e kermesse em benefício daquela escola.

A escola passa a ser uma referência para a cidade, toda comunidade parece envolvida em bingos, torneios e eventos para sua promoção e a construção do seu edifício escolar. Em 08 de agosto foi colocada a pedra fundamental da escola, dando o início de aula para meninas também, no entanto a escola se mantém na Rua XV de Novembro até 1898, abrigando 80 alunos, em amplo salão de aulas.

A Nação – Domingo, 10 de Abril de 1898 pag. 02 - DE SANTOS

- Amanha realizam se em S. Vicente grandes festas em regosijo pela cobertura do prédio destinado á Escóla do Povo. Haverá tombola e concerto pela banda dos irmãos Trindade. Jogo de Bingo.

A Nação – Segunda-feira 16 de Abril de 1898 pag. 02 – SANTOS-ESCOLA DO POVO - Santos, 4

– No próximo dia 12 começam as obras de construção do edifício da Escola do Povo em S. Vicente. Para solemnizar este acto haverá festividade organizada pela directoria daquela escola, abrilhantando tambem os festejos as duas bandas musicas da sociedade <<Lyra Commercial>> e da <<Humanitaria>>.

A Nação – Sabbado, 23 de Abril de 1898 pag. 02 - DE SANTOS - Santos, 22.

Com a maior solemnidade foi colocada hontem a ultima telha no edifício da Escola do Povo em S. Vicente, recentemente construído na Praça Coronel Lopes.

A Nação – Domingo, 1º de maio de 1898 pag. 02 –SANTOS - ESCOLA DO POVO

No dia 27 será festivamente celebrada a cobertura do prédio em que vai funcionar a escola do povo em S. Vicente.

A Nação – Terça-feira 21 de Junho de 1898 pag. 02 – SANTOS - Santos, 20.

Esteve hontem bastante animado o Miramar devido ao concerto que alli realizou, a banda do 3º batalhão policial. - Em S. Vicente realizaram-se com em grande concorrência as festas em beneficio da Escola do Povo.

A Nação – Segunda-feira 04 de Julho de 1898 pag. 02 – SANTOS - Santos, 4.

Realisou-se hoje igualmente tombola em S. Vicente em beneficio da Escola do Povo.

Todas as ações parecem bem interessantes, no entanto uma é muito peculiar nesse período, é a colocação da cobertura (ultima telha) do Edifício. A forma que é apresentada nas matérias dos jornais, dá a impressão de que a comunidade está numa expectativa muito grande para cobrir, abrigar, “proteger” o edifício.

CORREIO PAULISTANO – S. PAULO - Sexta-feira, 29 de julho de 1898. BRAZIL Pag. 02 - MALA DO INTERIOR – Santos - Escrevemo-nos:

No projecto de orçamento, apresentado em discussão na Camara dos Deputados do Estado, entre outras supressões vem incluídas as subvenções ao Asylo de Orphaos desta cidade e a Escola do Povo de S. Vicente. [...] O Asylo e a Escola do Povo necessitam e são dignas de continuarem a receber o auxilio do governo; mas, para isso não é preciso falsificar a historia, e tornar responsável o governo por aquilo que os mais culpado são a câmara municipal e o Diario aplaudindo, informando mal o poder executivo estadual, concitando encampações e reformas de contractos impossiveis. [...] Notamos esta contradição e a salientamos para demonstrar que argumentamos de boa fé e porque, parece, que o ultimo período foi escripto propositalmente para demonstrar que o governo já havia suprimido o auxilio. [...] Felizmente a supressão das verbas para o Asylo e Escola do Povo de S. Vicente ainda não foram votadas e estamos certos que o poder legislativo attenderá o pedido dos dr. Cesario Bastos e Antonio Martins Fontes, filhos desta terra e que saberão pugnar pelos interesses dela, pedindo, como é de justiça, a manutenção dos respectivos auxílios.

A reportagem apresentada acima pelo jornal Correio Paulistano, traz a uma reflexão não apenas de necessidade orçamentaria das instituições, mas também o posicionamento desse Jornal em relação as ações do município de Santos, São Vicente e do Jornal local Diário de Santos junto ao Governo Estadual naquele período.

Curioso é quanto a “arquitetura” nesse período chama atenção da sociedade; o convite para a comunidade apreciar o Edifício vem através do anuncio na imprensa apresentando que “um desenho bonito do edificio” está em exposição. Pode dizer que todo esse trajeto é uma contemplação a materialização da educação no município.

Lavoura e Commercio – Julho - 1898. Santos, 30

Está exposto no Salão da Associação Commercial um desenho do bonito edificio da Escola do Povo, que está sendo construído em S. Vicente.

DIARIO DE SANTOS – Domingo, 23 de Julho de 1899 -  
SOCIEDADE COMMEMORADORA – DO - 4º Centenario do  
Descobrimento do Brasil, em S. Vicente Segunda convocação

De ordem do sr. presidente, são convocados pela 2ª vez os srs sócios, para se reunirem em Sessão de Assembléa Geral, na 2ª feira, 24 do corrente, ás 7 ½ horas da tarde, no salão do Rink Vicentino, em S. Vicente para os fins constantes da 1ª Convocação. Nesta sessão se deliberará com qualquer numero. S. Vicente, 17 de Julho de 1899. 4ª 6ª e domingo. O 1º Secretario - J L da Costa Sobrinho.

Grande parte das publicações que se tratavam dos eventos da cidade de São Vicente, tinha a ver com a Escola do Povo; o incentivo para que a comunidade prestigiasse a escola e seus diretores, eram cada vez mais frequentes.

Vicentino - Anno II São Vicente 11 de Dezembro de 1899 N. 16  
Redactor Proprietario – José Ignacio da Gloria - Banda musical  
do corpo de bombeiros Pág. 02

Realizou-se no domingo passado no Rink desta cidade um leilão de prendas em beneficio da Escola do Povo, devendo o produto dele ser aplicado a conclusão das obras do edificio da mesma escola. Esta pequena festa abrilhantada com a presença da banda musical do corpo de bombeiros da cidade de Santos, fez-se levantar a lembrança do velho maestro Trindade. [...] O maestro da banda musical sr. Aurelio Prado já o conhecemos em toda plenitude de seu merecimento. Basta dizer: ele esteve lá. Festa nova – primeira vez que esta banda musical visita São Vicente. Manteve-se em uma elevação superior. Parabens, pois, a directoria da Escola do Povo.

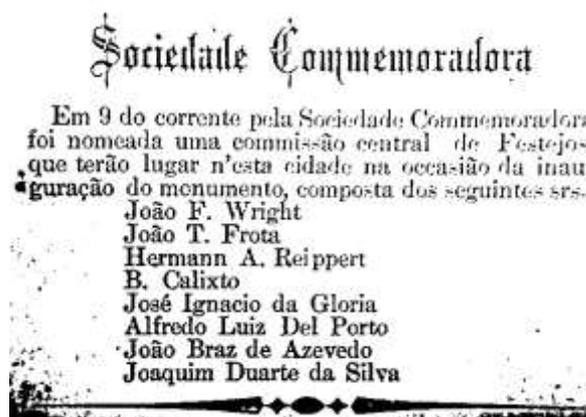
Os cidadãos vicentinos, organizam uma “Sociedade Comemorativa do IV Centenário do Descobrimento do Brasil”, com o intuito de promover a exposição no município de São Vicente. Sabendo que a exposição teria um âmbito nacional, os membros se propuseram a trabalhar com afinco na ideia. Desde elaboração de um cronograma, divulgação do evento, preparação da cidade para recepção do evento e coleta de materiais para a exposição.

Na elaboração e preparação da cidade para recepção do evento, os membros verificaram que o edificio da “Escola do Povo” seria o mais adequado para abrigar grande parte da exposição dos bens móveis.

CORREIO PAULISTANO - S. Paulo, Quarta-feira, 21 de março de 1900 - NOTAS E FACTOS

Festas do centenário. – A Sociedade Commemorativa do IV centenário do descobrimento do Brasil, em S. Vicente, organizou o seguinte programma das festas que se realizarão naquella cidade: DIA 15 DE ABRIL. – Início do festejos, ás 11 horas da manhã, no edifício da Escola do Povo, com a inauguração da exposição archeologica e artística, inclusive da grade tela histórica de Benedicto Calixto, representação a fundação da cidade de S. Vicente. Em frente o edifício tocará a banda de musica do Corpo de Bombeiros. A exposição estará aberta desde o dia 15 de abril até o dia 6 de maio, todos os dias, das 11 horas da manhã ás 4 da tarde.

Figura 82: Membros da Sociedade Comemoração IV Centenário do Descobrimto do Brasil.



Fonte: Vicentino Edição Especial – 1900

Vicentino - Anno II São Vicente 03 de Abril de 1900 N. 29  
Redactor Proprietario – José Ignacio da Gloria - IV  
CENTENARIO – Comissão Central de Festejos

Julgamos occasião oportuna apelar-mos para os cultores das artes e os operários para nos auxiliarem com o seu concurso em prol da exposição que vae instalar no edifício da Escola do Povo nesta cidade.

Figura 83: Logotipo da IV Centenário do Descobrimento do Brasil.



Fonte: Vicentino Edição Especial – 1900

Em um concurso realizado entre as cidades do Brasil, a cidade de São Vicente foi contemplada para ser o palco da exposição do “IV Centenário do Descobrimento do Brasil”, com algumas ressalvas proferidas pela comissão do concurso.

Vicentino - Anno II São Vicente 10 de Abril de 1900 N. 30  
Redactor Proprietario – José Ignacio da Gloria – Exposição

[...] Supera, portanto, a exposição certas reduções, porém com aumentos por outro lado. Apenas uma côr um pouco mais local e especificado do que era planejado, ao que nós, aliás, sinceramente applaudimos.

Antes mesmo da realização do evento os jornais começam a divulgar o prospecto dessa grande exposição de esfera nacional, as matérias são longas e muitas vezes de página inteira. Nesse sentido pode-se verificar o quanto a imprensa do período passa a ser uma formadora de opiniões. Os relatos buscam criar uma expectativa imaginária em seus leitores, pois descrevem minuciosamente tudo que deverá ocorrer nesse evento.

Além do evento promover a cidade de São Vicente, por qualquer motivo que seja ele: político, cultural e econômico. A cidade deverá apresentar ao Brasil o que considera de maior valor histórico, cultural e artístico dela ser portadora. A educação é um desses valores que a cidade considera ter agregado, e o símbolo

que representa esse grande valor é o Edifício da Escola do Povo, que está agregado muitos valores: cultural, artístico, econômico e conseqüentemente político.

CORREIO PAULISTANO - ORGAM REPUBLICANO - S. PAULO ---- Segunda-feira, 16 de abril de 1900 – BRAZIL - ANNO XLVII - N. 13.153 - IV Centenario do Descobrimto do Brasil

[...] Dia 19 de abril – Início dos festejos; [...] Dia 20 – A's horas da tarde, inauguração oficial da exposição histórica e archeologica no edifício novo da Escola do Povo, inclusive da grande tela histórica do afamado pintor nacional Benedicto Calixto, representando a fundação de São Vicente e desembarque de Martim Affonso de Sousa. A exposição será franqueada ao publico do dia 21 em deante as 11 horas da manhã ás 4 horas da tarde.

Figura 84: Quadro do Benedicto Calixto Exposto na Escola do Povo - IV Centenário do Descobrimto do Brasil



Fonte: Acervo do Paço Municipal de São Vicente.

A imprensa se apressa em apresentar aos seus leitores, as matérias jornalísticas que abrange o grande evento nacional. A redação possui uma linguagem atraente e sedutora quando se retrata a cidade de São Vicente e os benefícios que a Escola do Povo passará a receber durante o evento.

CORREIO PAULISTANO - S. Paulo, Quarta-feira, 21 de abril de 1900 – BRAZIL - NOTAS E FACTOS - As festas do Centenario. EM S. VICENTE

Começaram hontem, na antiga sede da primeira povoação fundada neste paiz, as festas que devem commemorar o IV centenário da descoberta do Brasil. O Correio Paulistano, não destoando de precedentes sobre informações precisas e prévias

com respeito e quaesquer factos, como esse, de alto importância, incumbiu um dos seus redactores do trabalho de noticia minuciosa sobre o grande acontecimento. [...] Apresenta aquella localidade do litoral aspecto garrido, salientando-se pelo aprimorado gosto da ornamentação os largos Treze de Maio e Coronel José Lopes. [...] Para o fundo dessa dependência, seguem-se o teatro, onde dever representado o Pindorama, local para a kermesse e jogos em beneficio da Escola do Povo, sendo para notar ahi uma gentileza especial da comissão de festejos, que reservou, junto das tribunas do alto functionalismo, uma para representantes da imprensa.

Figura 85: Missa Campal – Largo 13 de Maio - Festejo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil



Fonte: Vicentino Edição Especial – 1900

Muito interessante descrição do redator do jornal Correio Paulistano, que veio cobrir o evento; ele tece críticas severas da forma que o município estaria conduzindo o evento. Mas o que chama bastante atenção é a crítica ao Edifício da Escola do Povo; dá para imaginar que ele faz um “trocadilho”, quando utiliza a palavra “expensas” (gastos, despesas) do povo e Escola do Povo; diz que o nome da escola pode ser visto bem no centro do edifício, o difícil é imaginar o pensamento do redator, mas pelo contexto da escrita, dá para deduzir que algo negativo para ele. Escreve que existe uma escadaria “dupla” para adentrar na escola, que a implantação do edifício próximo à uma linha férrea; e categoricamente faz uma crítica ao “modelo de arquitetura”, dizendo que não demorará para receber mais outras críticas.

Vale muito a pena fazer uma análise as críticas apontadas pelo redator, pois a partir dele, sabe-se que a Edifício Escolar, encontrava-se inacabado “em osso”, “não tendo ainda as paredes e nem o reboco”, precisando improvisar com material cenográfico. O redator apresenta, mais uma problemática no edifício necessária para análise, quando traz a situação do quadro do Benedicto Calixto, que está em um local desprovido de iluminação.

[...] A exposição foi instalada no edifício para onde, a expensas do povo de S. Vicente e de Santos, dever transferida a Escola do Povo, e essa denominação já se pode ler no ponto central do estabelecimento, por onde se penetra por escadaria dupla. O edifício está na Praça do Coronel José Lopes, mesmo á margem da linha férrea, e apresenta um modelo de architectura, onde a critica exigente não terá muito para se demorar. Esta, como se costuma dizer, em osso, tanto que, para o preparo da exposição, não tendo ainda as paredes nem o reboco, foi necessário revesti-las de panno grenal, o que de algum modo bem impressiona. Os trabalhos do preparo da exposição e do arranjo dos objetos foram confiados ao professor Alberto Löefgren que o nosso representante encontrou na grange faina, procurando apresentar cousa que o publico pudesse vêr, e o conseguiu seguramente.

Figura 86: Escola do Povo – Festejo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil



Fonte: Vicentino Edição Especial – 1900

[...] O quadro de Calixto foi colocado em bellissima moldura, e pena é que no recinto não haja luz favorável para que se o aprecie como o merece. [...] E deste modo terminamos as nossas informações, tomadas no local por observação em pessoa, e por isso mesmo revestidas do cunho de verdade que sempre se imprime a trabalho de tal natureza.

Figura 87: Capa Edição Especial (Comemoração Exposição IV Centenário Descobrimento do Brasil - Jornal "Vicentino" ano de 1900.



Fonte: Biblioteca da Humanitária Santos.

A cidade passa a ser a grande arena da exposição, as praças, edifícios e monumentos passam a ser os palcos e os objetos de cena que compõem todo o espetáculo. A exposição teve como objetivo promover lugares e locais com atrativos que foram estabelecidos pela sociedade local.

Vicentino - Anno II São Vicente 03 de Maio de 1900 N. 31  
Redactor Proprietario – José Ignacio da Gloria - Comemoração do IV Centenário do Descobrimento do Brasil em S. Vicente

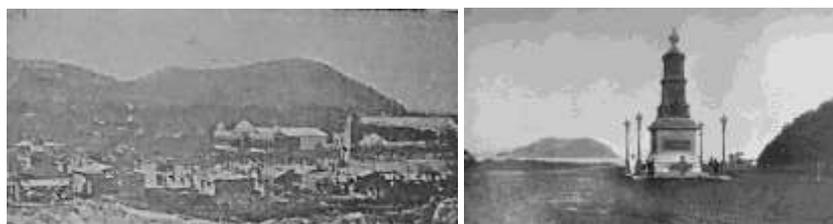
- Ornamentação das Ruas. A rua do Porto, desde a praça Baptista Pereira, até o porto de Tumiarú achava-se ornamentada de mastros e tropheos com escudos, tendo de ambos os lados enfiadas de galhardetes. Os mastaréos erão encimados por auriflamas, corôas e estrelas prateadas. A Praça Coronel Lopes achava-se ornamenta de igual forma. A Praça do Monumento era ornamentada da seguinte forma: em torno do monumento mastros, tropheos e escudos, com dizeres e symbolos diversos.

Figura 88: Missa Campal – Largo 13 de Maio - Festejo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil - – Monumento do IV Centenário Descobrimento do Brasil (Vista Centro).



Fonte: Biblioteca da Humanitária Santos

Figura 89: Vista do Largo 13 de Maio - Comemoração Exposição IV Centenário Descobrimento do Brasil - Jornal “Vicentino” ano de 1900 – Monumento do IV Centenário Descobrimento do Brasil (Vista Praia).



Fonte: Biblioteca da Humanitária Santos.

Em uma matéria bastante extensa de um jornal local, foi retratada a importância da educação em um evento desse porte. O relato traz o significado da instrução pública para o Estado de São Paulo, como as cidades de Santos e São Vicente tratam a instrução através das escolas, dos professores e de seus alunos, e a participação de cada um desses autores na sociedade.

[...] As escolas - O lugar importante que a instrução pública ocupa actualmente no Estado de S. Paulo, como real atestado do tino e boa direção dada as cousas publicas pelos que estão no leme do Governo Estadual, não podia deixar de repercutir no seio dos promotores das festas, os quaes querendo aliar o útil ao agradavelm aprove taram a ocasião para que os meninos das escolas de Santos e S. Vicente, compartilhassem do regozijo popular em homenagem ao IV Centenario do descobrimento do Brazil. As festas realizadas nesse dia foram abrilhantadas com a presença dos professores, e seus cortejos de alunos que tomaram parte das festas. De Santos - Collegio Vianna, dirigido pelo professor Sr. Ramiro Vianna. – Collegio Lisboa dirigido pelo professor Sr. José Lisboa – Escola do sexo feminino, terceira cadeira dirigida pela professora D. Justina Arouche; tendo uma das meninas deste collegio proferido um brilhante discurso que

foi respondido pelo Sr. Antonio Militão agradecendo em nome da comemoradora. De São Vicente - Escola do sexo masculino dirigido pelo professor Sr. Luiz Antonio Santos Junior. – Escola do sexo feminino dirigida pela professora D. Maria dos Santos Braziliense.

Kuhlmann Jr. (2001) em seu livro sobre “Exposições Internacionais”, considera o seu uso como “palco” e a “representação acrítica, no progresso, na técnica e na ciência”. Ele continua com “arquitetura e organização”, o ideal de “modelo” e a “utopia da vida social”. Tudo isso é expressado por meios de tendências do período como também os conflitos da sociedade.

Na exposição do “IV Centenário do Descobrimento do Brasil” em São Vicente, foi utilizado todos os meios para a promoção do evento, desde comissão que o antecedia, e assim justificar e conquistar junto ao Governo que o município seria o lugar ideal para tal ação. Juntamente percebe-se nos relatos uma forma de agregar conhecimentos de diversos lugares em um único território.

Foi a primeira e o único evento desse porte que se realizou na cidade. Com certeza os agentes envolvidos sabiam qual o objetivo do mesmo, e qual benefício o evento traria ao município, a comunidade e principalmente aos agentes envolvidos em um futuro próximo.

É muito pertinente a intenção de agregar o Edifício Escolar como um dos palcos para o espetáculo, ainda que o mesmo não apresente condições de ser exposto ao público em seu maior esplendor; houve grande esmero, por parte dos responsáveis em adaptar o mesmo para a festividade. Poderíamos dizer que foi desenvolvido um “exercício cenográfico”, ainda que aquele espaço necessite se apresentar de uma forma efêmera, isso deveria acontecer, pois naquele período a Escola era o único edifício com um caráter e símbolos republicanos existentes no município.

E lógico isso traria cada vez mais, interesses da comunidade vicentina como também de políticos e investidores. A Escola passou a ser percebida, como um celeiro da instrução não apenas pela cidade e pela região, mas também pelo Estado. Os Jornais divulgando sempre a início e termino de anos letivos.

Communico aos interessados que as aulas nessa escola serão reabertas no dia 15 do corrente, as 10 horas da manhã, começando hoje a matricula respectiva. S. Vicente, 12 de janeiro de 1903. – Alexandre Santos, inspector das aulas. Escola do Povo. S. Vicente - ASSEMBLE'A GERAL

De ordem do sr. Presidente e de accordo com os nossos estatutos, convido aos srs. sócios a reunirem-se em assemblea geral, ás 7 horas da noite de 15 do corrente, em o nosso edifício, para posse da nova directoria, discussão da proposta para dous sócios beneméritos apresentada na ultima sessão, bem como para tratar'se de qualquer outro assumpto que porventura se ofereça a bem dos interesses sociaes. S. Vicente, 12 de Janeiro de 1903. – O 1º secretario, J. W. Emmerich.

Um evento bastante significativo para a Escola foi o seu decimo aniversario que ocorreu em 1903. O evento teve envolvimento não apenas do município de São Vicente, como também a comunidade escolar de Santos. Interessante perceber como a educação apresenta-se em um cenário para os eventos políticos sociais. Cabe aqui apresentar que a maioria dos fatos que antecederam a pesquisa foi a partir dessa data. Pois nessas reportagens do decimo aniversário, as comemorações também resgatavam através de datas eventos e agentes a história da instituição, com essas informações a pesquisa passa a ganhar mais campo de abrangência.

Diario de Santos – Quarta-feira, 10 de junho de 1903

Escola do Povo - A Escola do Povo, de São Vicente, comemora hoje o decimo anniversario de sua fundação. Não é essa uma data que deve passar despercebida entre nós; essa escola representa um nobre sacrificio em pról da instrução publica que muito recomenda aos que tiveram parte em sua fundação e a quanto têm collaborado para o seu engrandecimento. Na época actual, tudo quanto se edifica em beneficio da infância, tudo quanto se mantem e acaricia com intuito de preparar cidadãos, merece o apoio incondicional de todas as classes. Coube a iniciativa da fundação da Escola do Povo ao saudoso Aduacto Lima, que durante alguns anos fez parte desta folha, o qual reuniu em Junho de 1893 n\_\_\_\_\_ cavalheiros que escolhendo tão sympathico e p\_\_\_\_\_osa idéa elegeram no dia 10 daquelle mez e anno a seguinte directoria: Presidente – Coronel José Lopes dos Santos. 1º Secretario – João Mauricio de Melo. Thesoureiro – Capitão Antão Alves de Moura. Inspector de aulas – Aduacto Felix de Lima. Conselheiros – Augusto Carlos de Freitas. Domicio Lisboa. Joaquim Duarte da Silva. João Emmerich. Zelador – José Victorino Coutinho. Luctando com insuperáveis dificuldades em Outubro de 1895, apresentava a novel

associação um déficit de .....8.000\$000. Graças, porem, aos ingentes esforços e dedicação do diretor sr. Joaquim Duarte da Silva foram vendidos so obstáculos a divida paga ao terminar o mandato a directoria que administrou de 1895 a 1896 entregava aos seus sucessores um saldo de .....1.000\$000. Como prova de gratidão e justa homenagem foi inaugurado no salão da sociedade o retrato do benemérito sócio sr. Joaquim Duarte da Silva. Em 08 de Agosto de 1897 foi solememente lançada a primeira pedra do edifício social e em Setembro de 1898 collada a ultima telha. A Escóla do Povo é um empreendimento digno de encômios e sua duração representa o devotamento de uma plêiade de esforçado que lueta pela victoria da instrucção. A sua actual directoria é constituída pelos srs: Presidente – Antonio Militão de Azevedo. 1° Secretario – Arthur Thomaz Coelho. 2° Secretario. Eugenio Moura. Thesoureiro – Alexandre Santos. CONSELHEIROS - Luiz lanckens. João Wenceslau Emmerich. Joaquim Villas Boas Sobrinho. O Diario de Santos, que tem jubilo que visam o engrandecimento de Santos e que julga S. Vicente uma parte do sólo santista, sauda a Escola do Povo, pela data anniversaria de sua fundação. Para comemorar tão faustoss data, terá logar na sede social, uma sessão solemne, ocupando a tribuna, a convite da digna directoria, o sr. dr. Isidoro de Campos, ilustre deputado do Congresso do Estado. A festa será abrilhantada com o comparecimento da banda de musica da Sociedade Musical Humanitaria. A sessão solemne terá começo ás 7 ½ horas da noute, sendo convidados para assistil-a não só os associados e suas exmas. Famílias, como também todos aquelles que se interessam pela instrucção. Ainda uma vez agrademos aos esforçados diretores da Escola do Povo, o delicado convide que nos endereçaram.

Os eventos cada vez mais divulgados pela imprensa local, com participação de políticos locais e estaduais; instituições locais, regionais e estaduais; personagens ilustres do período. As reportagens trazem com detalhes como: nome a nome de cada um desses “atores”, das instituições e o que elas representam para a sociedade, a formatação do evento entre discursos, hinos e honras, “ações” que eram pertinentes nesse período.

Diario de Santos – Sexta-feira, 12 de junho de 1903 - Escola do Povo

Realisou-se ante-hontem a festa de anniversaria da Escola do Povo de S. Vicente, em excepcional brilhantismo. O edificio social, vistosamente ornamentado e iluminado em raro gosto, apresentava \_\_\_ aspcto. A´s 7 horas da noite, já o salão de hora achava-se repleto de famílias e cavalheiros da querida localidade e desta cidade, representantes da Sociedade Beneficiencia Portugueza, Associação Feminina, União

Operária, Camara Municipal Lga Patriarca. S. Musical 22 de Janeiro, Centro Español, Auxiliadora da Instrução, Colonial Portuguesa, Deutsch Shul Gremio Dramatico Familiar Vicentino. A sociedade Musical Humanitaria executou primeiramente o seu Hymno social e em seguida da Escola do Povo, \_\_ então aberta a sessão solene pelo sr. Joaquim Duarte da Silva, seu digno presidente que convidou para presidil-a o Antonio de Lima Machado intendente municipal, representando a Camara de S. Vicente. Foi então dada a palavra ao deputado Dr. Isidoro Campos, orador oficial, que produziu bello discurso, pondo em relevo a utilidade da Escola do Povo, os inestimaveis serviços da actual directoria e lembrando com saudade a menina do seu fundado o finado Aducto Feliz de Lima. A atração foi coberta de entusiasticos applausos, recebendo o Dr. Isidoro Campos, das mãos de uma gentil menina, um bello ramalhete de flores. Foi em seguida o sr. Christiano Stochler, professor da Escola, que recebeu também muitos applausos. Assinou depois á tribuna o vulto simpathico de D. Eunice de Campos, talentosa directora do Grupo Escolar de Santos \_\_\_\_\_ Feminina, bela alloc\_\_\_\_\_ que terminou no meio de palmas entusiasticas. Pela directoria e a convite dela falou depois o sr. Guilherme \_\_\_\_\_alhe, agradecendo o concurso das bandas musicas Humanitaria e de Bombeiros, salientando a nobreza desse concurso á festa. O auditório aplaudiu o bello discurso do orador. Encerrada a sessão pelo sr. Lima Machado, que agradeceu o concurso de todos os presentes , começou o esplendido concerto da <<Humanitaria>>, que executou o seguinte programa: PROGRAMMA [...] Abstemo-nos de enaltecer a maneira correcta pela qual foram executadas todas as peças; mais uma vez essa sociedade musical, mostrou quanto se empenha para merecer os créditos de gosa. [...] Após o concerto começaram as dansas, que se prolongaram até pela madrugada, iniciativa de alguns rapazes e que foi acolhido com agrado. O serviço do buffet esteve irreprehensivel e a directoria foi fidalga na distribuição de gentilezas aos seus convidados. Mais uma vez felicitamos a directoria da Escola do Povo, representada na figura sympathica do seu digno presidente, Joaquim Duarte da Silva, pelo brilhantismo da festa de hontem, comemorativa do 10º anniversario da útil instituição que tantos serviços presta a S. Vicente que tanto honra aos que por ella se empenham.

Todos os eventos e homenagens realizadas na Escola do Povo eram sempre apresentados as “ações” e os “agentes” envolvidos, a configuração da festa era detalhadamente descrita pelo redator do jornal, no dia 15 de outubro de 1903, foi inaugurado o “Teatrinho Infantil da Escola do Povo”. Vale a pena ressaltar que o cenário da peça infantil, foi pintado por Benedicto Calixto e seu filho.

DIARIO DE SANTOS – QUINTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1903 - S. Vicente - ESCOLA DO POVO

Teve logar no dia 12 do corrente, na vizinha cidade de S. Vicente a inauguração do Theatrinho Infantil da Escola do Povo, por iniciativa dos srs. Alexandre Santos e Antonio Militão de Azevedo. O espectáculo constou de uma drama em três actos O Anjo da Paz, uma comedia O Mestre Escola e da cançoneta A Vendedora de Flôres. Tomaram parte no espectáculo as meninas Waldomira, Alzira e Orieta de Azevedo, Silvia Robim Cezar e Maria V. Araujo, bem como os inteelegentes meninos Manoelito Silva, João Toledo e Olympio Azevedo. Todas as peças que foram levadas á scena, são em versos, escriptos expecialmente para o Grupo Infantil pelo sr. Alexandre Santos, que foi também o ensaiador. O espectáculo agradou imensamente e o salão esteve repleto de espectadores, que não regatearam ap\_ntosomado á scena. O teatrinho é devéras elegante e panno de boca e parte do scenario foi pintado pelo distincto pinto B. Calixto e por seu inteligente filho Sezinande Calixto que foram também chamados a scena e entusiastamente applaudidos.

A imprensa estadual, tem como princípio apresentar para seus leitores relatos orçamentários estaduais, o interessante é que a Escola do Povo, ainda que pertencendo a uma instituição particular, recebia benefícios do Estado. Essas anotações foram percebidas em pelo menos umas quatro reportagens, em datas diferentes.

COORREIO PAULISTANO - Sabbado, 21 de novembro de 1903. Redacção de projecto n. 37, de 1903 - FIXA A DESPESA E ORÇA A RECEITA DO ESTADO PARA O EXERCICIO DE 1904.

§ 9º AUXILIOS E SUBVENÇÕES

Para a Escola do Povo em S. Vicente – 3:600\$000

A participação da Escola do Povo ainda que sendo uma instituição particular se fazia presente e fundamental, em eventos da cidade e da região de escolas públicas.

CORREIO PAULISTANO - Sabbado, 10 de Dezembro de 1904.  
Escola do Povo

Com a maior solenidade realizou-se hontem em S. Vicente a distribuição de prêmios aos alumnos da Escola do Povo. Foi orador o sr. dr. Alberto Loeffgre, director do Horto Botanico dessa capital, o qual discorreu sobre diversos pontos da historia natural. Tambem usou da palavra o sr. professor Stockler de Lima.

Figura 90: Encerramento do ano letivo 1904.



Fonte: Polianteia Vicentina.

A Polianteia Vicentina também vai retratar o evento, como uma reunião de encerramento do ano-letivo das Escolas Públicas de São Vicente, apresenta ainda o Intendente Salvador Leal e o Inspetor Literário, Militão de Azevedo, todos muito bem posicionados para o registro fotográfico na esquina da Rua XV de Novembro com a Rua Jacob Emmerich.

No ano de 1906, é eleita uma nova diretoria para a Escola do Povo. O novo cargo de presidente é do Sr. Joaquim Duarte da Silva, cabe aqui uma ressalva que o mesmo havia sido diretor no ano de 1894, e o seu nome sempre vinculado a Escola do Povo.

DIARIO DE SANTOS - Segunda-feira, 26 de Fevereiro de 1906  
- Escola do Povo

Na reunião de Assembléa geral da Escola de S. Vicente, realizada em 25 do corrente, foi eleita e empossada a seguinte diretoria: Presidente, Joaquim Duarte da Silva; vice presidente, Joaquim de Toledo; 1º secretário, Domingos Ferreira; 2º secretário, João W. Emmerich; tesoureiro. A. Santos; conselheiros: Luiz Zierckens, Antonio Militão de Azevedo e Jeronymo Moura, comissão de contas: Savador Leal, Guilherme Johns e Alfredo Corrêa de Lima.

Em uma nota no jornal regional, um professor de música apresenta uma certa indignação com a postura da nova direção, justificando ou esclarecendo um acontecimento de suspensão de aulas por “motivos de ordem disciplinar”.

DIARIO DE SANTOS – Sabbado, 24 de Março de 1906 - Aula de musica - Recebemos a seguinte carta: Cidadão Redactor.

Carece de fundamento a noticia do vosso correspondente, publicada, sobra a aula de musica da Escola do Povo. Por motivos de ordem disciplinar foi suspensa essa aula em 31 de Janeiro pp. Mas desde 15 do corrente que voltou a funcionar. Não foi portanto a falta de professor que determinou a suspensão, nem o tempo decorrido a de 5 mezes mais ou menos. A suspenção durou mez e meio, e isto mesmo duvido a não poder a directoria em exercio tomar deliberações que competirão à sua sucessora, cuja eleição dependia de assembléa geral convocada. Subscrevo-me com respeito. Att'IV.C. A. Santos, Inspector das aulas. S. Vicente, 24 – Março – 1906.

O 13º aniversário da Escola do Povo ocorreu em 1906, de acordo com a reportagem do jornal regional. O evento é apresentado com todo o *glamour* e requinte dos eventos que ocorrem na Escola nesse período. Nessa reportagem além das horarias, hinos e congratulações; foi realizado um agradecimento ao Estado pelo investimento financeiro que realiza a escola; justificando que a escola é uma promotora da Instrução Popular e merecedora de tal investimento do Estado.

Diario de Santos - Terça-feira, 12 de Junho de 1906 - ESCOLA DO POVO

Ante-hontem esta util e sympathica instituição da visinha cidade de S. Vicente, commemorou o decimo terceiro anniversario da sua \_\_\_\_ção. A's oito horas da noite achava-se o salão do edificio social repleto de senhoras e cavalheiros e no palco do elegante theatrinho escolar tocava a banda musical infantil, trajando uniforme. O prestimoso presidente de directoria, sr. Joaquim Duarte da Silva, convidou o sr. Arthur Thomaz Coelho, representante da Sociedade Auxiliadora da Instrucção, para presidir a sessão. Dada a palavra ao orador convidado pela directoria, sr. dr. Isidoro Campos, foi ele acompanhado até á tribuna pelo inspector literário do município, sr. Militão de Azevedo. Na sua brilhante oratória, o sr. dr. Isidoro fez o histórico e a apologia da instituição, pondo em relevo os grandes serviços

que ella tem prestado á instrucção do povo vicentino, bem como os esforços de suas diversas directorios para collocar-a no estado prospero em que hoje se encontra mencionando entre os fundadores e directores, que mais para isso se esforçaram, os srs. Joaquim Duarte da Silva, coronel Julio Mauricio, Alexandre Santos e Antonio Militão de Azevedo. O orador, com a sua palavra inspirada, teve rasgos de verdadeira eloquência, sendo por vezes interrompido com frenéticas palmas e, deixando a tribuna, recebeu do auditório prolongado applausos. Seguiu-se-lhe na tribuna o professor da escola, sr. Stockler de Lima, que em rápida e belle alocução saudou a directoria. Finalmente, o sr. Domingos Ferreira, secretario da directoria e em nome desta, agradeceu ao sr. dr. Isidoro Campos ter correspondido ao convite, ao sr. professor a saudação, á Camara Municipal de S. Vicente, ás associações, imprensa de Santos e exmas. Famílias o comparecimento á festa. Achavam-se representadas a Auxiliadora da Instrucção pelo sr. Arthur Thomaz Coelho, Camara de S. Vicente pelos srs. d. Julia Caldas, União Operaria pelos srs. Romão Rodrigues Alves e Manoel Duarte de Almeida, Humanitaria dos Empregados do Commercio pelo sr. José Augusto de Oliveira, Presidente pelo sr. José Soares Santiago, Cidade de Santos pelo sr. Pedro Neves e a nossa folha pelo sr. Joaquim de Toledo. Encerrada a sessão, a directoria serviu doces e cerveja ás exmas. famílias e cavalheiros. Durante a simples, mas encantadora festa escolar, a banda infantil, sob a regência do professor sr. Antonio Pedro de Jesus, tocou diversas peças, demonstrando o adiantamento que os músicos e miniatura têm tido nos seus estudos. A Escola do Povo, de S. Vicente, é realmente uma das instituições de ensino popular que conquista cada vez mais a sympathia publica e bem merece o auxilio que o governo estadual lhe presta anualmente. Fazemos votos para a sua crescente prosperidade e ao dedicado diretor, inspector das aulas, sr. Alexandre Santos, apresentamos os nossos parabéns pela boa orientação no desempenho da sua elevada missão.

Diario de Santos --- Sabbado, 1 de Dezembro de 1906 –

Escola do Povo de S. Vicente. De ordem da directoria e de acordo com disposições dos estatutos, convido os srs. Sócio a reunirem-se em assembléa geral, a 1º de Dezembro do próximo futuro, no edificio social, ás 7 horas da noite, para elegerem nova directoria. S. Vicente, 26 de Novembro de 1906\* - O secretario, Domingos Ferreira. Aviso aos interessados que os exames desta escola terão lugar domingo, 2 de Dezembro, ás 11 horas de manhã. S. Vicente, 20 de Novembro de 1906. – A. Santos, Inspector.

Parece ser um ato social da imprensa divulgar todos os inícios e fins de anos letivos nas escolas, isso ocorre constantemente com a Escola do Povo, apresentando ainda as evidencias da importância da escola para sociedade,

como benefícios as famílias carentes, prestígio aos professores e aos alunos de destaque.

DIARIO DE SANTOS (FUNDADO EM 1872) - Sexta-feira, 7 de Dezembro de 1906 - Escola do Povo

Amanhã ás 07 horas da noite, realizaer-se há o encerramento dos trabalhos do anno lectivo na Escola do Povo de S. Vicente, sendo feita a distribuição dos prêmios aos alunos que mais se distinguiram.

DIARIO DE SANTOS (FUNDADO EM 1872) - Sabbado, 8 de Dezembro de 1906 - Escola do Povo - Diário de Santos – Terça-feira 11 de Dezembro de 1906. - Escola do Povo

Hoje, ás 7 horas da noite, realisam-se as cerimonias do encerramento do anno lectivo e distribuição dos prêmios, aos alunos da Escola do Povo de S. Vicente, sendo convidados pela directoria os sócios e suas exmas. Famílias. A banda infantil, pertencente á mesma Escola, tomará partes nas solenidades, executando varias peças.

Diario de Santos - Sabbado, 08 de Dezembro de 1906- Escola do Povo de S. Vicente

Com assistência de numerosas famílias e cavalheiros, effectuou-se sábado á noite, na vizinha cidade de S. Vicente a solenidade do encerramento das aulas da Escola do Povo, sendo distribuídos prêmios aos alumnos que pelo seu comportamento e applicação mais se distinguiram. Terminado esses actos a alumna Emilia Vianna cantou as cançonetas A Creada e Manoel Corisco, e o alumno João Toledo disse o monologo A Familia. Tocou durante a festa da banda infantil da mesma escola, sendo muito applaudida nas peças interpretadas. Aos presentes a directoria dispensou captivas atenções.

Diario de Santos - Domingo, 21 de Abril de 1907 - NOTA DE RODAPÉ - PARQUE BALNEARIO – Hoje - Concerto todas as noites - Hoje – Entrada franca – AO PARQUE – Entrada franca

Festival dos alunos da banda de musica infantil da Escola do Povo-de S.Vicente, com variado programma.

A Escola do Povo, passa a fazer parte do Calendário Municipal, as reportagens contemplam desde eventos, simples e complexos como: apresentação da banda no próprio edifício, ou ainda em outros lugares da cidade vizinha, cerimônia de posse de diretoria, início e término de ano letivo, e promoção de ações beneficentes e angariação de prendas e dinheiro para a Escola.

A Escola do Povo, passa a ser uma referência tanto no município como na região, agrega e incentiva a comunidade civil para a Educação Popular. Um direito que muitos dos cidadãos vicentinos, talvez desconhecêssem, no entanto agora poderá ter acesso indireto a essa “educação”.

Torna-se pertinente uma busca no Anuário de Educação no Estado, para entender qual o posicionamento “oficial” do Governo em relação à Escola do Povo. Para isso foi necessário verificar as ações que o Governo tomava em relação aos outros municípios.

Annuario do Ensino do Estado de São Paulo - Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado - Typ. Augusto Siqueira & C – Rua Alvares Penteado, 5-B – São Paulo

1907-1908

Se propõe: Abre grande espaço á Estatística Escolar do Estado; Destinada aos professores, trata de methodologia e processos didacticos e Comprehende trabalhos de natureza diversa, e assumptos de collaboração, de interesse para a educação popular. Festas escolares = Realizadas em momento oportuno, são de todo alcance e proveito educativo as festas escolares. Correspondem ao espirito amorável da escola moderna, onde a criança – e nisto vae o seu próprio adeantamento – deve sentir-se guiada com bondade para achar prazer em attractivos sempre novos em seu trabalho quotidiano. É o que referendam as formosas palavras de Rayot: “L’écrole ne doit point être une geôle triste, sévère, que ne rapelle que des souvenirs penibles, mais une ruche gentiment bourdonnante, um asile riant, hospitalier, où chacun bien”. [...] É uma instituição cívica, que, ao lado do abor day, existe nas escolas norte-americanas, onde as crianças, tratadas e educadas pelos mestres como futuros cidadãos, familiarisam-se desde cedo com a idéa de patria por percepções sensíveis, entoando diariamente no alto do edifício escolar até da mais modesta country-scholl. É desejável, por todos os títulos, que esta solennidade continue a praticar-se em nossas escolas, pois, como ensinamento cívico, supera em resultados a inoportunas e abstractas divagações até onde não chega a intelligência infantil. E, para que este culto se não restrinja a um só dia do anno, seria muito recommendavel collocar-se uma bandeira nacional na sala de aula em ponto bem visível a todos os alumnos. Para abertura diária dos trabalhos escolares, devem ser preferidos os hymnos pátrios, inclusive o sugestivo e nobre Hymno á bandeira (letra de Olavo Bilac). Inspector Geral de Ensino – João Lourenço Rodrigues – São Paulo, 31 de Março de 1908.

O Anuário de Educação do Estado, inicia seu trabalho “oficial”, que chamarei aqui de documental, a partir de 1907, antes desse período existiam profissionais que acompanhavam o processo e registravam de acordo com a realidade do período. Mas em 1907, há um novo começo para esse processo, ele passa a ser sistematizado e disponibilizado para que o Governo venha a ter acesso a realidade dos diferentes tipos de Escolas e Instruções existente do Estado.

Grupos Escolares - Foi na primitiva administração de Dr. Bernardino de Campos, sendo Secretario do Interior o Dr. Cezario Mota Junior, que teve a promulgação a lei n. 169 de 7 de Agosto de 1893, dispondo sobre a criação de grupos escolares. O Regimento interno das escolas publicas de 26 de Julho de 1894, que regulamentou a lei citada, dispõe sobre os referidos estabelecimentos e seguinte no seu artigo 8 I. << Nos logares em que, em virtude de densidade da população, houver mais de uma escola no raio fixado para a obrigatoriedade, o Conselho Superior poderá fazel-as funcionar em um só prédio para esse fim construído ou adaptado. Taes escolas terão a denominação numérica em cada localidade>>. São os grupos escolares instituições de ensino preliminar destinadas a educar e instruir, consoante e regimen educativo moderno, posto em pratica na Escola-modelo, cranças de um e outro sexo. O ensino é distribuído ordinariamente por quatro classes, correspondentes a cas um dos annos em que se divide o curso. [...] Ha actualmente no Estado 80 grupos escolares, sendo 18 na Capital e 62 no interior, com uma matricula total de 28.172 alumnos de ambos sexos. - Santos – Grupo Escolar “Dr. Cesario Bastos” (28.04.1900) (Predio contratado pela Camara Municipal), Grupo Escolar “Barnabe” (05.05.1902) (Predio criado para esse fim).

Em relação aos Grupos Escolares, foi realizado um gráfico pelo Governo do Estado em 1907 que constava um resumo estatístico Grupos Escolares do Interior, com as seguintes informações: Município (Localidade), Denominação, Datas de criação e instalação, prédio pertence ao Estado ou o município, categoria do diretor (formação: Normalista, Complementar, Intermediário), categoria dos professores dividido em masculino e feminino (Normalista, Complementarista, Adj. de Concurso, Intermédios, Substituto Efetivo), em relação a empregados, o que se apresenta é Porteiro e Sete, já em alunos também separados por sexo, (matriculados, frequência, brasileiros, estrangeiros).

A seguir será apresentado dois quadros de 1908 e 1909 dos municípios – São Paulo, Santos e São Vicente.

Tabela 2: Estatística escolar do Estado em 31 de março de 1908

Município	ESCOLAS								PROFESSORES				
	Providas				Vagas				Normalistas	Complementaristas	Adj. de Concurso	Intermedios	Total
	Masc.	Fem.	Mista	Cursos Noturnos	Masc.	Fem.	Mista	Cursos Noturnos					
S. Paulo	45	55		37	02	---	---	----	84	25	12	16	137
Santos	04	04	02	-----	03	01	01	----	05	04	01	01	11
S. Vicente	03	03	----	-----	03	01	----	----	03	01	----	02	06

Fonte: Anuário do Estado de São Paulo 1907-1908

Tabela 3: Estatística escolar do Estado em 31 de julho de 1909

Município	ESCOLAS								PROFESSORES				
	Providas				Vagas				Normalistas	Complementaristas	Adj. de Concurso	Intermedios	Total
	Masc.	Fem.	Mista	Cursos Noturnos	Masc.	Fem.	Mista	Cursos Noturnos					
S. Paulo	32	33	31	02	----	---	---	----	58	15	09	16	98
Santos	03	05	02	-----	05	---	01	----	07	02	01	---	10
S. Vicente	03	03	----	-----	01	01	----	----	01	04	----	01	06

Fonte: Anuario do Estado de São Paulo 1909

As tabelas apresentam, algumas questões que vale a pena refletir em relação aos três municípios: São Paulo a capital do Estado e celeiro da Educação Republicana, Santos a cidade que prospera no Estado pelo Porto Marítimo com todos os provedores financeiros circulando na cidade e São Vicente a cidade que está localizado o objeto de estudo.

Na apresentação das tabelas é interessante verificar o quanto o Estado estava interessado que seus professores possuíssem uma formação acadêmica para o exercício da função. O número de escolas providas pelo estado não é pequeno, até porque foi realizado um recorte, apenas das três cidades no estado; deve-se considerar que municípios do interior eram alvo também da implantação de instrução.

Cabe entender como o Estado classificava algumas escolas.

**Escola Reunidas** - A nossa legislação escolar nada dispõe relativamente á criação e organização destes estabelecimentos de ensino. Elles não constituem, com effeito, um typo escolar próprio, a não ser sob o ponto de vista

quantitativo ou de reunião material de escolas em um mesmo prédio. Assim funcionaram as primeiras escolas reunidas do Estado, tendo cada qual a orientação que lhe procurava imprimir o respectivo professor, sem nenhuma organização commum que lhes desse um cunho geral de unidade. Modernamente, porém tem o Governo procurado adaptar, tanto quanto possível, estas escolas ao regimen em pratica nos grupos escolares, dando-lhes directores e estabelencendo a divisão do trabalho, isto é, a distribuição dos alumnos por annos, segundo o grau de adiantamento delles. A escripturação destas escolas tambem não diverge, senão em pontos de detalhes, da dos grupos escolares. **Escolas Isoladas** A legislação escolar vigente sobre estes institutos de ensino: compreende: [...] Segundo o Regulamento de 30 de Setembro de 1904, as escolas isoladas classificam-se – escolas ambulantes, escolas situadas em bairros ou sedes de districto de paz e escolas situadas em sede de município. Da primeira categoria não existe nenhuma escola provida. O numero total de escolas providas das duas outras categorias é, em todo o Estado, de 1.276, sendo 1.139 no interior e 137 no município da Capital. Não estão incluídos neste computo os cursos nocturnos providos, que são em numero de 22, sendo 20 no interior e 2 na capital. **Escolas Isoladas** do Interior - Relação das cadeiras providas e vagas em 31 de Março de 1908. S. Vicente - **ESCOLAS PROVIDAS** = Sexo masculino - Cidade, 1ª – Pedro de Jesus, intermédio; 2ª – Ataliba Antonio de Oliveira, normalista, Praia Grande, 1ª – Leonidas Bellegarde, complementarista. - Sexo feminino - Cidade, 1ª – D. Amelia P. do Valle Moura. Normalista; 2ª – D. Idalina Viegas, complementarista Praia Grande, 1ª – D. Christina Pia, normalista. **ESCOLAS VAGAS** - Masculina: - Praia Grande, 2ª. Feminina: - Praia Grande, 2ª. **ESTABELECIMENTOS SUBVENCIONADOS**. Existem em S. Paulo 42 instituições de ensino privado subvencionadas pelo Estado, sendo 18 na Capital e 24 no interior. Com taes auxílios despense a Fazenda Publica .... Rs. 435:300\$000.

Cabe lembrar que a Escola do Povo, nesse momento não pertencia ao Governo Estadual, ela era considerada com uma Instituição Particular Subsidiada pelo Estado. O interessante dessa percepção é analisar até que ponto valeria para o Estado manter uma Instituição sem ser o seu responsável. Os dois quadros abaixo, apresentarão alguns valores de verbas subsidiadas pelo Estado no período correspondente.

Tabela 4: Instituições e Verbas subsidiadas pela lei n.1117 – 27.12.1907.

MUNICIPIO	INSTITUIÇÃO	VERBA	TOTAL POR MUNICIPIO
São Paulo	18 Instituições Diversas	306:600\$000	306:600\$000
Santos	Asylo da Infancia Desvalida	24:000\$000	52:600\$000
	Auxiliadora da Instrucção	3:600\$000	

	Escola do Commercio	25:000\$000	
São Vicente	Escola do Povo	5:000\$000	5:000\$000

Fonte: Anuário do Estado de São Paulo 1907-1908 - Pág 376

Tabela 5: Instituições e Verbas subsidiadas pela lei n.1160 – 29.12.1908.

MUNICIPIO	INSTITUIÇÃO	VERBA	TOTAL POR MUNICIPIO
São Paulo	18 Instituições Diversas	100:000\$000	100:000\$000
Santos	Asylo da Infancia Desvalida	24:000\$000	52:600\$000
	Auxiliadora da Instrucção	3:600\$000	
	Escola do Commercio	25:000\$000	
São Vicente*	Escola do Povo de S. Vicente	5:000\$000	5:000\$000

Obs: \* São Vicente está vinculado à Santos como município nessa tabela.

Fonte: Anuário do Estado de São Paulo 1909 - Pág 356

A partir de 1907, o Anuário passa a ser um documento do Estado com registros: escritos, fotográficos e gráficos de demandas de ensino, realizado pelos seus Inspectores durante o ano e depois sistematizado para apresentação.

Annuario do Ensino do Estado de São Paulo - Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado - 1907-1908 - Typ. Augusto Siqueira & C – Rua Alvares Penteado, 5-B – São Paulo - Do inspector escolar Antonio Morato de Carvalho –

No relato do inspetor, pode-se verificar o quanto para ele as “escolas isoladas” apresentavam-se muito aquém dos ideais que o Estado de São Paulo tinha para as Escolas Públicas. Trazia problemas nos edifícios escolares, tanto no espaço pedagógico como na salubridade, que o inspetor chama de “hygiene”. Uma preocupação que o inspetor julga bastante necessária é a formação dos professores.

ESCOLAS ISOLADAS - Foram 125 as vistas, nos municípios que percorri. Nellas existiam matriculados 3.922 alumnos, sendo de 2.955 a frequência verificada. Há, em muitas localidades, escolas providas, nas quaes o diminuto numero de alunos frequentes não compensa os sacrificios e despesas do Governo, danto-lhes provimento. Quanto á instalação, continuam quasi todas funcionando em prédios que muito deixam a desejar, em face da pedagogia o mesmo da hygiene.

No relatório inspetor aborda ainda, questões relacionadas a formação dos professores, dizendo que as Escolas Isoladas tanto na capital (São Paulo) quanto no interior (isso cabe também ao litoral no período descrito); que os professores que o cargo que eles ocupam não condiz com o que eles desempenham, necessitando de uma reorganização. Considera que a formação dos professores procede de “vários conhecimentos científicos”, dessa forma não os capacita para as condutas da “moderna orientação”, desconhecendo desde preencher colunas de chamada até leis e que interferem em seus “deveres e atribuições” como professor, interferindo na conduta da educação que o Governos pretende estabelecer.

O ENSINO NAS ESCOLAS ISOLADAS - Não está na altura dos créditos de que goza o Estado de S. Paulo a organização de suas escolas isoladas, que na Capital, quer no interior, impondo-se como necessária sua reorganização. Suppõe-se que os professores, de posse dos decretos de suas nomeações, tenham todas as habilitações para os cargos que vão desempenhar; entretanto, tal não se dá. Sahindo das escolas profissionais em que conquistaram seus diplomas, trazem, todos, o espirito illustrado de vários conhecimentos scientificos e literários; uns porém, não aprenderam a ensinar de accôrdo com as normas da moderna orientação; outros não sabem se quer encher as columnas do livro de matricula e chamada; muitos afinal, desconhecem systematicamente as leis e regulamentos que devem observar no exercicio do magistério e ignoram quaes sejam seus deveres e suas attribuições.

O inspetor acredita que é impraticável reorganizar de forma positiva essas escolas, pois existe um número restrito de inspetores para desenvolver essa tarefa durante o ano.

[...] E os inspectores escolares, em numero de dez apenas, tendo ainda em seu desfavor a escassez de tempo que lhes não permite reorganizar convenientemente taes escolas, porquanto deverão visitar, durante o anno, todos os estabelecimentos de ensino existentes nas zonas a seu cargo, limitam-se, em taes circumstancias, a indicar aos professores as medidas que julgam mais acertadas para bem oriental-os acerca das normas de ensino que devem ser adoptadas.

Ele apresenta a divisão de trabalho que foi desenvolvida pela comissão, destacamos aqui as que venha ilustrar melhor a pesquisa como: vistoria de prédios e terrenos destinados a grupos escalares e escolas isoladas, visita em estabelecimentos de ensino subvencionados pelo Estado (nesse caso pode se inserir a “Escola do Povo”) e reunião de escolas em grupos do interior (o litoral se insere nesse caso).

COMISSÕES ESPECIAIS - Em relatorios apresentados durante o anno, já dei conta a V. Ex<sup>a</sup> de taes serviços que, em resumo, foram os seguintes: a) exames de prédios e de terrenos destinados a grupos escolares e escolas isoladas; b) visitas a estabelecimentos de ensino subvencionados pelo Estado; c) reuniões de escolas e installações de classes em grupos do interior.

Em seu discurso, o inspetor insiste retratar que as escolas isoladas de modo geral funcionam precariamente, sem iluminação e ventilação quanto se trata do espaço escolar. E quando se trata de apoio pedagógico, também é muito precário, pois o fornecimento desse material não é realizado regularmente, dificultando assim o trabalho do professor com as crianças.

Em regra geral, as escolas isoladas do Estado funcçionam mal installadas, em salas acanhadas, sem luz e sem cubagem sufficiente de ar. O fornecimento de material para essas escolas tem sido feito de maneira irregular. Algumas, sobretudo dentre as ultimas providas, receberam o material indispensavel para o seu regular funcçionamento. Outras, porém. E estas em grande maioria, causam verdadeira tristeza. Sem outro material, além dos livros de escripturação, seus professores vêem-se em sérias dificuldades para dar aulas. Ora, com o material escolar e didactico mau e insufficiente de que as escolas dispõem, e funcçionando em salas acanhadas em que as creanças se accumulam mal accomodadas, é realmente impossível conseguir ensino regular e proveitoso.

O relatório, aborda de uma forma que não pareça estar contestando a “legitimidade do auxílio” do Governo as verbas empregadas nos estabelecimentos privados de ensino (insere-se aqui a Escola do Povo); mas

acredita que essa verba poderia ser aplicada na instalação e provimento de material para as escolas isoladas.

Sem querer contestar a legitimidade do auxílio que o Governo dá a estabelecimentos privados de ensino, parece-me que melhor seria empregada essa verba de subvenções na instalação e provimento de material das escolas isoladas. É facto que muitos estabelecimentos privados prestam bons serviços, como auxiliares indirectos do Governo na ministração de ensino, mas não é menos verdadeiro que grande maioria das escolas isoladas do Estado não prestam o serviço que se lhes poderia exigir, por funcionarem em pardieiros e desprovidos do material mais indispensavel.

É bem interessante o que é apresentado no relatório; enquanto os estabelecimentos particulares que o Governo subvenciona, é provido de fartura e luxo, as escolas isoladas encontram-se precariamente, deixando os alunos mal acomodados, em salas sem iluminação e ventilação com problemas de salubridade e higienização, impossibilitando o professor de exercitar seu trabalho com cantos e marchas.

Dentre os estabelecimentos particulares que o Estado subvenciona, alguns matêm-se com abastança e até com luxo, enquanto as nossas escolas estão na indigencia. [...] Nas escolas isoladas de bairros, os alumnos passam o dia geralmente mal accomodados, em salas acanhadas, sem ar, sem luz, sem hygiene, e difficilmente é possível ao professor amenizar o trabalho com exercicios de canto, marchas e outros.

Na conclusão desse item, referente ao tipo de instalação das escolas isolas; o inspetor relata que é desumano essa relação do espaço com as atividades escolares, principalmente para as crianças pequenas de 1º ano; aborda que na última hora do dia é prejudicada em virtude do cansaço e “fastio”. O inspetor também tem conhecimento que as crianças que frequentam as escolas isoladas são muito pobres, e necessitam ajudar sua família nos serviços que desenvolvem; como isso prejudica muito a frequência como também o tempo das tarefas escolares.

Nestas condições, o esforço a que são obrigadas as crianças, sobretudo as pequenas do 1º ano, é superior ao que racionalmente se lhes pode exigir. A última hora do dia lectivo é quasi perdida para os trabalhos escolares, em virtude do fastio, do cansaço que as crianças manifestam. Perde-se o esforço do mestre, cáe a disciplina, que é a principal garantia do bom aproveitamento do tempo. Além disso, os alumnos que frequentam as escolas isoladas são muito pobres, geralmente, e prestam serviços a seus paes. A frequência é prejudicada pelo tempo de exercícios escolares, que não concede aos alumnos o tempo que sua família exige.

O interessante no relato do inspetor é perceber o quanto ele defende a potencialização dos grupos escolares, dizendo que quando fossem criar grupos escolares deveriam agregadas a eles todas as escolas existentes na cidade. E em relação aos professores, caso não pudessem ser aproveitados deveriam se submeter as leis para remoção ou aposentadoria. Ele defende que dessa forma o Governo do Estado poderia agrupar um maior número de alumnos com menor gasto.

[...] Há actualmente grande numero de localidades que, tendo grupo escolar regularmente montado, continuam a possuir mesmo nas proximidades daquelles estabelecimentos, cadeiras isoladas providas. Não parece regular que ao crear-se um grupo escolar se deixe de lhe annexar as escolas da cidade, contribuindo assim para o desprestigio desses professores perante a população, e augmentando a despesa. Si o professor, ao ser installado o grupo, não puder ser aproveitado, por circumstancias quesquer, ou porque os muitos annos de exercicio já lhe não permittam dar ao ensino toda a actividade que elle exige, compete á lei facultar-lhe um meio de remover-se, ou de retirar-se, aposentando-se. [...] Assim, além de dar-se ensino a maior numero de alumnos com insignificante aumento de despesa, poder-se-iam eliminar as escolas isoladas nas localidades onde existem grupos, transferindo-as para outros logares onde mais necessarias fossem.

Uma das críticas, mais apresentadas pelo inspetor em relação as escolas isoladas é a inexistência de um edifício apropriado para as atividades escolares. Em consequência disso o mobiliário escolar e os materiais escolares se tornam ineficientes, pois o uso inapropriado e em local desfavorável acabam-se danificando com frequência.

[...] A situação destas escolas pela falta de prédio apropriado em que o professor possa dar aula; a despesa com mobília e material que, pelas constantes mudanças se inutilizam rapidamente; o insignificante número de alumnos com que muitas dellas funcionam, - são razões assás sufficientes para libertar os novos professores desse sacrifício, feito sem vantagens praticas que o compensem. [...] O estado actual das escolas isoladas continúa a ser mito precário. [...] Isoladas, esquecidas, funcionando em salas sem necessário espaço, nem condições de luz e de hygiene; desprovidas de materiaes, sem terem muitas vezes um banco em que o alumno possa sentar-se, ou tendo-o improprio, sem o indispensavel encoste; confiadas em sua maior parte a professores inexperientes, recém-formados – as escolas produzem benefícios que ficam assás aquém dos sacrifícios que custam ao professor e ao thesouro.

Ao debruçar no texto do Anuário realizado pelos inspetores, verifica-se como é dispendioso para o Estado, prover Escolas e Instruções em poder privado, porque ao mesmo tempo que o dinheiro público está sendo repassado para essas Instituições, o Estado não tem controle da forma que essa verba é aplicada. Esse relato procede dos inspetores que descrevem em seus relatórios.

A construção dos relatórios do Anuário com as reportagens da Imprensa, agrega um panorama dos acontecimentos, no município, na região e no Estado, alguns porquês começam a ser respondidos, as peças começam a se encaixar. Na retomada cronológica para os impressos dos jornais, pode dar ainda algumas informações necessárias.

CORREIO PAULISTANO - Domingo, 25 de julho de 1909 - PAG. 04 - Secretaria do Interior

- Recommendou-se á inspectoría geral do Ensino que informasse sobre o funcionamento da Escola do Povo, de S. Vicente.

Uma nova diretoria para a Escola do Povo é apresentada para a sociedade através da imprensa regional e estadual, alguns nomes que atuavam como professor agora se apresentam como parte da diretoria, exemplo é o nome de Alexandre Santos.

A VANGUARDA - DIARIO DA MANHÃ, INDEPENDENTE - SANTOS – Sabbado, 6 de fevereiro de 1909 – (Brazil) - Anno I – N. 106 - S. Vicente

Em assembleia geral ante-hontem realizada foi eleita e empossada a directoria seguinte da Escola do Povo, para o corrente anno: Presidente. Dr. Persio de Souza Queiroz; V. Presidente, Luiz Ianckens; 1º Secretario, Alexandre Santos; 2º Secretario, João W. Emmerick; Tesoureiro, Jeronymo Moura; Conselheiros: Joaquim Duarte da Silva, Heinrich Whill e Antonio Militão de Azevedo. Comissão de contas: Verano Pontes, Guilherme Johns, Horacio Lipos dos Santos.

CORREIO PAULISTANO – SABBADO, 1 DE JANEIRO DE 1910 - Interior – Santos pág. 02 - ESCOLA DO POVO – NOVA DIRETORIA - SANTOS, 31

– Na assembléa geral, realizada na Escola do Povo, de São Vicente, foi eleita a seguinte directoria para o ano próximo: Presidente, dr. Persio de Sousa Queiroz, vice-presidente, Luiz Yankens, primeiro-secretario, Alexandre Santos; segundo secretario. João W. Emmerich; tesoureiro, Jeronymo Moura; conselheiros: Joaquim Duarte da Silva, Henrique Witte e Quirino Motta; comissão de contas, Guilherme Johns, Horacio Lopes dos Santos e Verano Pontes.

As festividades que estavam relacionadas a nacionalidade brasileira como exemplo 13 de maio (Abolição Escravatura), também a participação da Escola do Povo se fazia necessária e fundamental, pois o espaço da Escola do Povo nesse dia, foi utilizado para uma conferência pública.

O PAIZ – SEXTA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1910 – PÁG. 03 - 13 DE MAIO

[...] - Além dassoleminidades promovidas pela Federação dos Homens de Côr, em S. Paulo, a passagem da gloriosa data será festejada por diversas comissões populares em Santos e em S. Vicente. [...] ás 5 horas da tarde, concerto na praça Coronel José Lopes pela banca Colonial; e ás 8 horas da noite, conferencia publica na escola do Povo pelo conhecido orador Dr. Rufino Tavares.



Uma chamada curiosa da imprensa é em 22 de julho de 1910, que todas as escolas existentes na cidade, serão reunidas no Edifício da Escola do Povo. É uma chamada da bem sucinta, no entanto é uma “ação” muito relevante, talvez essa situação seja consequência dos investimentos financeiros do Estado e postura dos Inspetor de Ensino em relação a Instrução Popular na cidade de São Vicente.

CORREIO PAULISTANO - Quarta-feira, 22 de julho de 1910 – Santos - ESCOLAS DE S. VICENTE - Santos, 21. – Vão ser reunidas no edifício da Escola do Povo, de S. Vicente, todas as escolas existentes naquela cidade.

Uma outra reportagem muito interessante relacionada a existência e manutenção da Escola do Povo, é apresentada em 13 de setembro de 1910 através de um jornal internacional “The Brazilian Review”. Nessa matéria é relatada que a Associação a Escola do Povo doou o prédio e o terreno no valor de 60 contos de réis, para a fundação de um novo Grupo Escolar e que o Governo do Estado contribuiu com 15 contos de reis, para a construção de uma sala de música e demais dependências.

THE BRAZILIAN REVIEW - 13 de Setembro de 1910. - PÁG. 859

Associação a Escola do Povo de São Vicente, Santos, doou o prédio e o terreno situado na Praça Coronel Lopes, no valor de 60 contos réis, para a fundação de um novo Grupo Escolar, a se chamar Escola do Povo. Para ajudar a Associação na

construção de uma sala para estudo de música, e para executar outros itens do programa, o Governo do Estado contribuiu com a soma de 15 contos de reis. Dr. Persio de Souza Queiroz, presidente assinou a escritura em nome da Associação, e Dr. Luiz Arthur Varella procurador, em nome do Governo.

De acordo com o memorialista Adamastor em 1913 depois de vinte anos de trajetória, sua implantação, construção e manutenção pela comunidade através de doações e arrecadações. O Governo Estadual se apropria da Instituição para que seja administrada pelo Estado. Nessa oportunidade o governo delibera reunir as escolas públicas isoladas que funcionam na cidade, instalando-as todas, num só estabelecimento: um Grupo Escolar.

Cabe lembrar que para tal ação será necessário a construção de mais salas de aulas na “Escola do Povo”, em 6 de agosto de 1913, recebe outra denominação: “Primeiro Grupo Escolar de São Vicente”, com oito classes, sendo seu diretor e professor ANTÔNIO DE MELO COTRIM.

A verificação no anuário se faz necessária, até porque pode-se entender o pensamento do Governo em relação as Instituições Privadas mantidas pelo Estado. Daí a necessidade de transição administrativa e denominacional.

Anuario do Ensino do Estado de São Paulo - Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – 1913 - Typ. Augusto Siqueira & C – Rua Alvares Penteado, 5-B – São Paulo - João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior – Director Geral da Instrucção Publica - ENSINO PRIVADO - Os collegios, as escolas e outros institutos de ensino privado, onde é ministrada a instrucção primaria, vão-se, dia a dia, multiplicando em São Paulo. Todas essas instituições gosam duma liberdade tão ampla tão extensa mesmo as subsidiadas pelo governo, que até parecem não representar elementos de capital importancia no equilibrio organico da sociedade onde ellas medram. Não temos ainda, como é para desejar, uma lei que estabeleça e regule as relações officiaes que devem existir entre taes estabelecimentos e o Estado; neste particular é limitadíssima a acção do governo. Entretanto, uma lei nesse sentido se impõe, ao encarmos o problema da instrucção da infância, quanto á sua acção futura nos destinos do povo. São Paulo, 1914. O progresso – essa eterna aspiração universal – está na razão directa da educação; esta, por sua influencia, reflecte-se mais tarde na communhão dos cidadãos.

Agora a escola ganha uma nova roupagem não apenas em sua estrutura física e denominacional, mas na sua estrutura institucional; ela é apresentada pelo anuário estadual de ensino como Grupo Escolar de S. Vicente, pertencente ao governo do Estado de São Paulo. É apresentada data da sua instalação, período de funcionamento, números de alunos atendidos, frequência, número de classes, nomes e formação dos professores.

S. VICENTE - Grupo Escolar de S. Vicente - Instalado em 1912 - Funciona em 1 período, com 8 classes - Matrícula em 1913: 365 alunos. Frequência média: 169>> Director: Antonio de Mello Cotrim, normalista. ADJUNTOS: Domitilla da S. Menezes, normalista. Amelia P. do Valle Moura, normalista. Ozorio Bella, normalista. Carlos Borba, complementarista. Aracy Nogueira Wutker, normalista. Idalina Viegas, complementarista. Maria A. Q. Moreira, normalista. Lucia Bressane, normalista. (Sem regência de classe) Ducilia C. Mattos Dias. Anezia Salles.

No mesmo Anuário de Ensino do Estado desse ano, é apresentada a cidade de São Vicente, com outras escolas isoladas, com uma grande possibilidade dessas escolas serem mantidas pelo Estado; e em uma estatística realizada pelo Inspetor de Ensino, verifica-se que com a implantação do Grupo Escolar e o controle das Escolas isoladas na cidade, o Estado consegue ultrapassar mais de 50% de “população escolar” matriculados em escolas na cidade de São Vicente.

Escolas isoladas providas e seus professores - DE SEDE - Feminina: Cidade – Miquelina G. Pereira. Mixta: Cidade – Augusta dos Santos Cotrim. DE BAIRRO - Masculina: Praia Grande – Antonio da Silva Junior, complementarista. Feminina: 1ª da Praia Grande – Maria F. Romano. Matrícula em 1913: 232 alunos. Frequência média geral: 123 alunos. ESCOLAS VAGAS DE BAIRRO - Masculina: Praia Grande – 2ª Feminina: Praia Grande – 2ª ESTABELECIMENTO MANTIDO POR PARTICULAR - Escola da Immaculada Conceição. Matrícula geral em 1913: 31 alunos. Média de alunos por estabelecimento: 31

#### RESUMO

Matricula no Grupo.....	365
Matricula nas escolas isoladas.....	232

Matricula no estabelecimento particular.....	<u>31</u>
Total.....	628
População escolar provável do município.....	740
Porcentagem da matricula sobre a população escolas ...	57,8%
População escolar sem escolas .....	42,2%

A importância em se levantar essas fontes reside no fato de que muitos autores da historiografia apontam esse período como fundamental na formação do Estado e da Nação, conseqüentemente a Educação “Instrução” está inserida nesse processo.

Através das ações podemos identificar muito do processo historiográfico do objeto de estudo.

#### **2.4. O Edifício Escolar (O Espaço Escolar e suas Características Arquitetônicas)**

Podemos dizer que a comunidade vicentina passou por 03 processos na tentativa de abrigar professores e alunos na “Escola do Povo”, a primeira tentativa se dá com a adaptação de um armazém do período colonial para Inauguração da Escola do Povo 1893 (durante esse período de transição é sabido que as aulas ocorreram em uma outra edificação adaptada na Rua XV de Novembro (entre a edificação antiga e a que virá a ser construída), a segunda já com o próprio Edifício Escolar 1898, construído pela Sociedade Civil com características próprias do período histórico e preparado para receber um número maior de alunos e professores. A terceira, foi pela necessidade de aumentar o Escola, que passaria ser administrada pelo Governo Estadual, tornando-se um Grupo Escolar 1913, o acréscimo construtivo foi agregado ao edifício original, apresentando características marcantes da “Arquitetura de Grupo Escolar Republicano”.

Como em qualquer atividade humana, a arquitetura também, passa por período de transformações, sendo assim, pós a construção e ocupação do

edifício escolar, ocorrem mudanças e adaptações prediais como reformas, reparos ou agregação de ambientes para novas atividades.

A arquitetura de um edifício, como também a sua implantação no terreno constitui características próprias, dessa forma, as pessoas conseguem diferenciar um edifício escolar de qualquer outro tipo de edifício, seja ele residencial, comercial ou institucional.

[...] o espaço escolar configurou-se como possibilidade de diálogo entre a arquitetura e a educação, ambas responsáveis pela organização e pela ocupação do espaço físico da escola, bem como com a sua utilização, além de tudo, como espaço educativo. (DÓREA, 2013, p. 161).

Toda vez que pensamos em escola, a palavra nos remete diretamente à arquitetura do edifício, através de sua imagem que é tratada na composição de seu conjunto arquitetônico; talvez por uma necessidade de materialização da palavra “escola”.

Do Império, havíamos herdado escolas de ler e escrever que muitas vezes eram a extensão da casa do professor, funcionando em paróquias, cômodos de comércio, salas com pouco ar e pouca luz, cujo aluguel ficava por conta do mestre escola. Políticos republicanos e educadores, no final de século XIX, passaram a defender a necessidade de espaços especialmente construídos para serem escolas. Prédios grandes, arejados, bonitos, destinados a cumprir sua finalidade principal, a de ser escola, testemunham a valorização que o Estado dava ao ensino e serviam, ainda, para que a população os admirasse. Tais prédios passaram a compor a paisagem urbana da capital e de muitas cidades do interior. (BUFFA, 2002, p\_\_\_).

A Escola do Povo no primeiro momento se apresenta para o cenário vicentino, através de uma edificação comercial do período colonial adaptada para as atividades escolares. Cabe ressaltar, que a edificação escolhida nesse primeiro momento é de adaptação, como eram práticas escolares antes do período republicano.

“Escola do Povo” - Esta escola teve sua primeira sede (1892), exatamente de frente ao estabelecimento comercial de Antão, que assim podia mais atentamente, dedicar-lhe seu particular desvelo. Por necessidade de ampliação, foi transferida,

sucessivamente, para o Largo Batista Pereira (hoje Praça João Pessoa) e rua 15 de Novembro. (AZEVEDO, 1972, p. 186).

Pelo que se apresenta na Imagem abaixo, a Escola do Povo encontrava-se na esquina de uma sequência de edificações térreas coloniais, próxima a Igreja da Matriz. Ao observar as características do imóvel, é possível perceber que a fachada da Escola já se apresentava diferenciada das demais edificações, em uma primeira análise pode-se dizer que suas características estilísticas, já passava por um processo de transformação, acrescentando a platibanda, frisos argamassados e bandeira envidraçada nas portas; ainda que sua estrutura de edifício corresponda ao colonial. Esses elementos estilísticos são encontrados em edificações neoclássicas, que periodicamente ocorrem no período do império e republica.

Figura 91: Antiga Escola do Povo



Fonte: Arquivo – Acervo Casa Martin Afonso

O Segundo momento da Escola, seu trajeto ocorre concomitantemente no período no “Furor Republicano” da nação brasileira, que pretende garantir todos os direitos e interesses legítimos e consolidar as instituições republicanas.

Nesse mesmo pensamento, de mudanças significativas, ocorre a transferência para um “novo espaço e um novo edifício” construído especificamente para receber essa sociedade progressista.

Durante a Primeira República, a maioria dos edifícios escolares ficava em áreas contíguas às praças, como referência à expressão do poder e da ordem política. No final do século XIX e início do século XX, a arquitetura escolar esteve voltada para atender às aspirações das classes sociais mais abastadas. A prosperidade cafeeira e a industrialização crescente davam importância à educação, e a instrução primária tornou-se obrigatória, universal e gratuita (CORRÊA, 1998).

A Escola é construída dentro de uma ideologia da modernidade urbana, que pressupõe salubridade e luzes. Com a implantação isolada no terreno destaca a monumentalidade da arquitetura, sua pureza e clareza de ideias racionalistas, disciplinadoras e positivistas. A sua distribuição geográfica no cenário da cidade, propicia a compartimentação social.

Praça e edifício formam um conjunto urbanístico e arquitetônico grandioso destinado a impressionar a imaginação de seus contemporâneos. Para os republicanos paulistas, o local representa o triunfo da República e a derrota da confusão do caos e, ao mesmo tempo, o monumento que perpetua os ideais vitoriosos de uma época histórica. (MONARCHA, 1999, p. 188).

A Escola do Povo sendo o primeiro Edifício Escolar no município, ela torna-se um ícone de São Vicente reconhecido em toda região, algumas partes nação e internacionalmente inclusive. Essa materialização é uma forma de apresentar a sociedade vicentina como uma grande investidora na educação.

[...] a educação, juntamente com outros fatores, era identificada como elemento constitutivo da sociedade moderna. O problema educacional aparecia como algo não apenas interno à escola ou ao sistema educacional, mas de toda a sociedade. A educação era vista como um dos alicerces da vida civilizada: ela seria a produtora do progresso e não uma consequência do desenvolvimento econômico e social. (KUHLMANN JR., 2001, p. 20).

Os fatores que contribuíram para a construção do imponente Edifício Escolar, vem se materializar em uma Arquitetura Escolar Republicana com característica e estilo condizentes com o período em voga.

[...] As escolas mais significativas de cada período da construção escolar são ricos exemplos da cultura e técnica de sua época. A maioria dos prédios construídos durante a Primeira República, por seu valor histórico e arquitetônico, já é considerada bem cultural a ser preservado e protegido por lei, ou seja, foi ou está em processo de tombamento pelo Condephaat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo. (CORRÊA, 1998, p. 15).

Alguns estudos conceituados foram realizados sobre os Grupos Escolares Paulista no período republicano, apresentando números bastante expressivos de escolas existentes na capital, interior e litoral classificação de períodos, abordando características e estilos arquitetônicos, autores de projetos e construtores.

A arquitetura escolar desse período foi projetada por arquitetos de renome internacional, principalmente com formação europeia (Ramos de Azevedo, Victor Dugubras, Manuel Sabater, Carlos Rosencrantz, Artur Castagnoli). O programa arquitetônico era composto por salas de aula e um reduzido número de ambientes administrativos. Destacava-se a simetria da planta, com uma rígida separação entre as alas femininas e masculinas, e toda a concepção do espaço era condicionada pelo Código Sanitário de 1894. (LEMOS, 1999).

No entanto o que mais chama a atenção no contexto apresentado, é que os estudos que foram possíveis de acessar e analisar não relata a existência da “Escola do Povo”, dando a impressão de invisibilidade, esquecimento ou ocultação do patrimônio; ainda que consiga classifica-lo como uma obra significativa com características arquitetônicas pertinentes à ser estudada.

Certamente os arquitetos que deram início a atividade de projeto de escolas em São Paulo, se valeram dos manuais e publicações técnicas especializadas sobre arquitetura escolar produzidas principalmente nos países europeus. Seus projetos, no entanto resultaram numa arquitetura própria e adequada às nossas condições locais. (CORREIA, 1998, p. 18).

Quase que em sua totalidade, os estudos apresentam “Escolas” que tinham uma relação direta com o Estado, daí entende-se a possibilidade em classificar um Edifício Escolar; pois o Estado tinha um departamento com profissionais renomados da arquitetura e engenharia para a execução de tal tarefa.

Nesse contexto, cabe-nos justificar a importância e expressividade do Edifício Escolar, apresentando suas características significativas e marcantes, que poderá servir para analisar outros edifícios que se encontrem em uma mesma situação.

Figura 92: Fachada da Escola do Povo - 1902



Fonte: Revista da Semana – Janeiro – 1902.

É bastante costumeiro classificar um edifício como neoclássico, apenas porque apresenta características e estilísticas que nos remetem a uma

arquitetura clássica (antiguidade greco-romana), impossibilitando uma leitura estilística precisa. O que na realidade seria um estilo eclético, popularmente acaba sendo classificado como estilo neoclássico, isso ocorre devido um vício cultural, em estabelecer como neoclássico tudo que se apresenta com elementos estilísticos justapostos tipo: colunas, cornijas e frontões.

Devido ao espírito acadêmico que marcam essas obras arquitetônicas, elas podem apresentar algum aspecto de semelhança ou parentesco; e para alguns arquitetos como Reis F° (1995), pode-se classificar como “estilos classicizantes”.

A simetria, característica marcante desses “estilos classicizantes”, garantiu, em todos os projetos de grupos escolares, a perfeita divisão entre a ala masculina e a feminina. A solidez desses edifícios seguramente ancorados no terreno ia ao encontro da nova proposta pedagógica. Esses edifícios eram construídos basicamente com tijolos e telhas de barro, [...]. No que se refere aos revestimentos e acabamentos, são empregados materiais nobres e, em alguns casos, até mesmo importados. A madeira, material abundante, é empregado em larga escala no piso, divisões e portas, [...] De acordo com os princípios de salubridade e higiene, tão caros a educadores, médicos e políticos neste período, não se fazia economia de aberturas e do uso intensivo do vidro. Grandes janelas e caixilharia eram largamente utilizadas o que permitia boa luminosidade e, ao mesmo tempo, ventilação controlada. (BUFFA, 2002, p. 47).

Figura 93: Fachada da Escola do Povo



Fonte: Acervo da Casa Martin Afonso

O Terceiro momento da Escola, é muito interessante porque já existe um edifício que abriga um número “x” de alunos, esse edifício necessita de ampliação para abrigar muito mais alunos. No entanto esse não seria o único problema se fosse apenas uma construção, acréscimo ou adaptação de um novo edifício ao existente.

Houve uma mudança que interferirá diretamente no edifício, pois a instituição passa a ser administrada pelo Governo Estadual, e que possui um quadro de profissionais que já trabalham construindo e reformando Grupos Escolares.

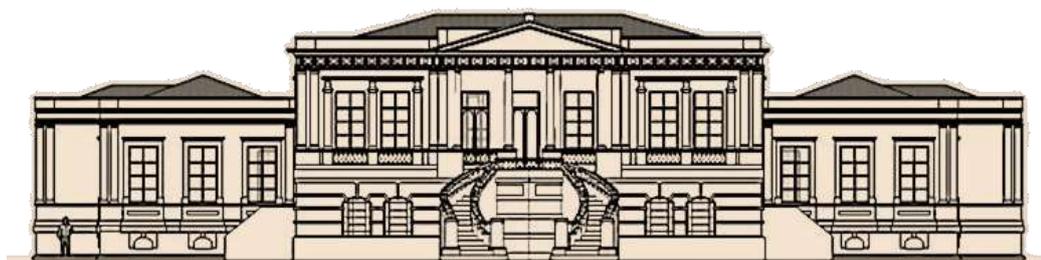
[...] Essa nova construção, ao se integrar harmoniosamente com o edifício antigo, manterá relações volumétricas com o mesmo, sem concorrer com ele e valorizando-o na paisagem. Haverá também a necessária relação espacial entre ambos, que se impõe para o funcionamento da escola. As soluções dadas nos projetos [...], muitas vezes são emprestadas do antigo galpão de recreio, isto é, são volumes independentes ligados ao prédio antigo por circulações cobertas, funcionando as vezes como cenário para o mesmo. (WALBE, 1995).

O que chama atenção para essa análise, é que os profissionais que se propuseram a realizar esse projeto, eles se utilizaram de critérios que já estavam estabelecidos pelo Governo Estadual para uma concepção de Grupo Escolar. Assim eles teriam que materializar essa idealização.

[...] São introduzidos, então, novos elementos no prédio antigo, como a escada de acesso a esse piso, a ampliação das aberturas existentes, a substituição de pilares intermediários por outras soluções estruturais que impliquem num melhor aproveitamento dos ambientes, o fechamento leve de vão etc. Todos eles marcados por sua modernidade e destacados dos elementos originais existentes. (CORRÊA, 1998, p. 16).

É de grande interesse de profissionais da engenharia e da arquitetura, como também pesquisadores da educação, como essas adaptações desse período são tão minuciosas, a ponto de algumas pessoas não perceber os acréscimos que foram realizados no edifício.

Figura 94: Fachada da Ampliação do Grupo Escolar S. Vicente



Fonte: Acervo Pessoal.

Ao olhar o edifício escolar, o observador não consegue perceber com clareza a diferença entre a primeira construção do prédio 1898 e o acréscimo que foi realizado 1913, é uma diferença de 15 anos. No entanto vale a pena analisar se a proposta do primeiro projeto é que estava muito além das escolas da região, talvez até do estado; ou que o acréscimo foi realizado, por ótimos profissionais, com uma preocupação de não descaracterizar os elementos estilísticos do edifício, conseguindo assim manter uma mesma linguagem arquitetônica.

Muito interessante, é verificar que o Bloco em “U” acrescido no corpo do edifício principal, foi pensado como muitos outros Grupos Escolares do Estado de São Paulo; apresentando uma ala masculina e outra feminina, um pátio que divide área administrativa de área pedagógica.

São edifícios em sua maioria térreos, nos quais a rígida separação dos alunos por sexo – exigida pelo regimento dos grupos escolares – obriga a divisão do prédio em duas alas, uma

para meninos e outra para meninas, com acessos independentes e muros que se prolongam até o fundo do lote, separando também os recreios. As edificações caracterizam-se, sobretudo, pela simetria da composição, com um programa arquitetônico, no caso dos grupos escolares, composto basicamente de oito salas de aula – quatro para cada sexo – e um reduzido número de ambientes administrativos. O galpão, destinado ao recreio coberto e à ginástica, é uma construção isolada situada no fundo ou nas laterais do terreno, dependendo do formato do lote, ligado ao prédio principal por meio de passadiços cobertos. Os sanitários também são instalados isoladamente sempre em parceria com o galpão. (CORRÊA, 1998, p. 18).

Para desenvolver a configuração do espaço sem muita interferência estilística, foi necessário um arranjo em lances de escadarias distintas para que o edifício em “U” pudesse ser agregado ao edifício principal, sem que fosse percebido pelo olhar do observador. Poderíamos chamar de uma camuflagem estilística<sup>14</sup>.

Figura 95: Planta da Ampliação do Grupo Escolar S. Vicente Eleger



<sup>14</sup> Termo utilizado pelo autor: Na ampliação de uma obra, se elege o estilo existente e o reproduz nas futuras obras anexas.

Fonte: Acervo da Etec Dra. Ruth Cardoso.

Legenda:  Área do Edifício Principal – 1898  
 Área do Edifício em “U” – 1913

A imagem seguinte, apresenta uma de muitas festividades, que ocorreram no Edifício, alguns assuntos que pode ser tratado aqui são os seguintes: a importância do evento, pois a escola está toda enfeitada com bandeirinhas e arranjos florais, as crianças parecem muito bem arrumadas e calçadas, um cenário que não é corriqueiro, apenas em dias festivos; o nacionalismo existente, apresentado através da bandeira nacional bem ao centro e bandeiras do estado seguradas pelas crianças; a figura feminina está em sua totalidade se não na maioria das crianças, pode-se imaginar que nesses eventos as apresentações de gênero também aconteciam em tempos ou horários diferentes.

Uma observação bastante pertinente, é o título da imagem que é apresentada como “Escola do Povo”, no entanto o acréscimo do edifício em “U” (lado direito) que tem o pátio aberto central (centro) como divisor o corpo principal (lado esquerdo) do edifício, foi uma proposta quando a escola passa a ser nomeada de “Grupo Escolar de São Vicente”. E para uma análise do edifício escolar, podemos perceber vários lances de escadas e patamar unindo um edifício ao outro.

Figura 96: Pátio da Escola (Grupo Escolar de São Vicente)



Fonte: Almanaque - A Fita - 1915

O retrato dessas escolas é o mesmo das construções da época, com paredes de tijolos autoportantes, o porão alto para ventilar e proteger o piso de assoalho, e a cobertura de detalhes de telhas de barro tipo francesas, guarnecidas por calhas e platibandas. As paredes se apoiam em sapatas corridas de pedra ou mesmo de tijolos, dependendo da região. No trecho correspondente ao porão alto, a alvenaria de embasamento das paredes internas é em arcos e tijolos aparentes. (CORRÊA, 1998, p. 18).

A imagem seguinte, retrata também um dia de festa na Escola, a divulgação dessa imagem ocorreu no mesmo período que ocorreu a imagem anterior. Aqui as pessoas apresentadas são adultas, com trajés de mulheres, percebe-se que há duas meninas entre elas, pois o vestido delas, são mais curtos e ainda elas estão com um laço na cabeça diferenciando-as das adultas, pode-se imaginar nessa fotografia a presença de professoras em conjunto com as duas alunas. Em termos do edifício elas se encontram no lado de fora, possivelmente um dia ensolarado, pois não há cobertura nessa parte do edifício.

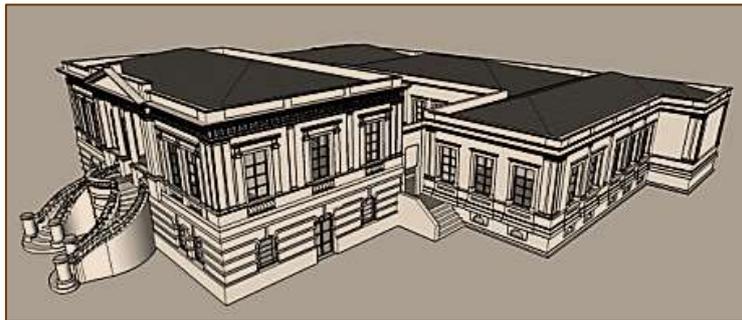
Figura 97: Lado externo da Escola (Grupo Escolar de São Vicente)



Fonte: Almanaque - A Fita – 1915

Um elemento bem interessante é que todo o edifício é coberto, deixando apenas as áreas livres para circulação externas e o pátio interno aberto.

Figura 98: Perspectiva da Ampliação do Grupo Escolar S. Vicente



Fonte: Acervo Pessoal.

A cobertura possui várias águas em função dos recortes da planta e é apoiada em tesouras de madeira. Estas, quando estão à vista como nos galpões, apresentam soluções mais aprimoradas do ponto de vista formal e técnico, inclusive com a introdução de tirantes metálicos. O forro é de madeira, na maior parte dos casos de tábuas superpostas, do tipo saia e camisa, com aeríferos contornando as abas e cimalthas. Forros de estuque e de madeira tipo macho e fêmea formando desenhos aparecem nas escolas de maior porte. O espaço das salas de aula é amplo, iluminado e ventilado por janelas colocadas à esquerda dos alunos. Essa correta posição da lousa em relação às aberturas, porém, não se reflete no aspecto da orientação do prédio, que nunca é considerada. As circulações abertas tem pisos de ladrilhos hidráulicos, apoiados em abobadilhas de tijolos e trilhos metálicos, guarda-corpos em ferro trabalhado e cobertura arrematada por lambrequins de madeira rendilhados, conferindo a esse espaço grande leveza. (CORRÊA, 1998, p. 18).

Outra imagem que contempla o edifício escolar como um monumento e único em sua existência, é a apresentação da fachada do edifício através das escadarias já com a patina dos tempos. As imagens de pessoas em fotografias geralmente, são agregadas à um cenário natural ou construído. Nesse contexto a cena apresentada desses meninos com características muito simples, em sua vestimenta e sem calçados, transmite uma sensação de descuido em higiene ou salubridade, mas não deixa de evidenciar o edifício escolar em sua magnitude, pois a disposição dos meninos na foto é apresentada de maneira escalonada valorizando a escadaria do monumento escolar.

Figura 99: Escadaria da Fachada Escola do Povo (meninos descalços) – Grupo Escolar de São Vicente – 1923.



Fonte: Santos nos Caminhos da Educação Popular.

Outra fotografia que estabelece a relação das pessoas com o edifício escolar é apresentada na imagem seguinte. Pode-se ver mais uma vez a disposição escalonada dos alunos e uma relação hierárquica entre o professor e os alunos, não apenas na vestimenta, mas também na idade, postura e distanciamento entre eles. O ambiente parece ser salubre e higiênico, provido de água potável, pois nota-se um bebedouro de cerâmica no corredor atrás do gradil de ferro; os meninos aparentam idades muito próximas, com o mesmo padrão de vestimenta, cabelos penteados meias e calçados. Vale aí uma ressalva, os meninos que se apresentam em pé na última fileira parecem bastante inadequados ao quadro pretendido; suas roupas destoam dos meninos da primeira e segunda fileira, são mais escuras e não parecem pertencer aos mesmos. Não parece ser uma questão de ordem social econômica entre eles, mas sim uma junção de meninos de outras classes, apresentando um número maior de alunos do que o real.

Figura 100: Grupo Escolar de São Vicente – Professor e alunos no pátio interno central



Fonte: [http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia\\_tour.php?cod\\_menu=129](http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia_tour.php?cod_menu=129)

O Edifício Escolar sofreu intervenções significativas, tanto para as práticas pedagógicas como também para um ambiente de acomodação. Essas premissas estavam já estabelecidas pelo Código Sanitário e pelo Anuário de Ensino do Estado. A imagem seguinte representada, demonstra uma grande intenção social em apresentar uma cena do período republicano através do edifício e seu entorno. A praça é apresentada com calçada, um paisagismo controlado, o coreto como um palco de apresentações em frente o ícone da instrução pública o Grupo Escolar, todos esses elementos compõem um cenário republicano.

Figura 101: Área envoltória da Escola (Praça) – Grupo Escolar de São Vicente – 1923.

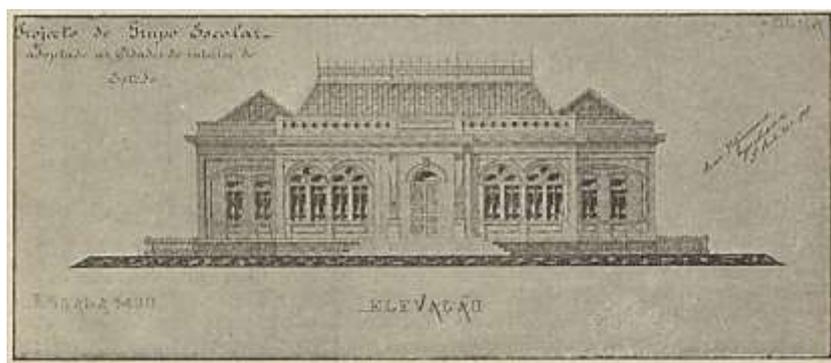


Fonte: Acervo da Casa Martin Afonso.

## EDIFÍCIOS ESCOLARES – PAG. 405

Quantos a edifícios escolares, a convivência de um tipo pouco dispendioso, facilmente adaptável ao desenvolvimento de cada localidade, fez com que a Inspectoria Geral, com assentimento do Illustre Dr. Gustavo de Godoy, ex-titular da pasta do Interior, incumbisse o ex-inspector escolar professor Virgilio Cesar dos Reis, da apresentação do respectivo projecto.

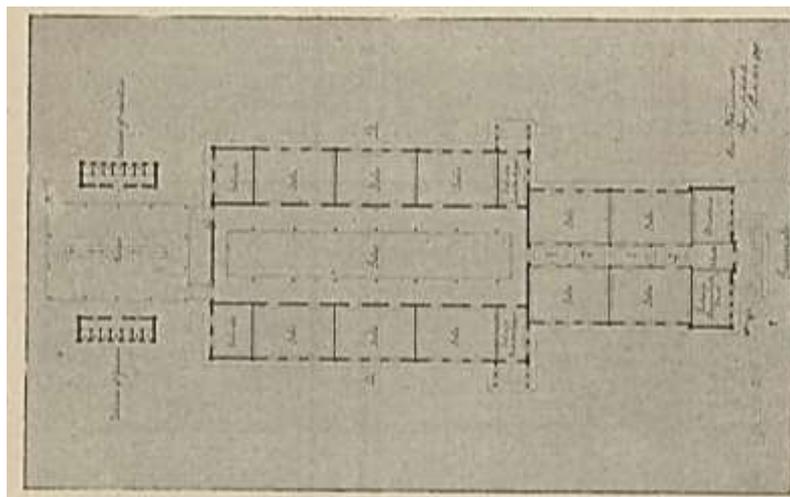
Para desempenho dessa incumbência, julgou ele de bom aviso recorrer á colaboração de um profissional, convidando o distincto engenheiro Dr. Guerreiro Maia, que gratuitamente, ouvindo aquelle professor, apresentou tres plantas na escala de 1/100, acompanhadas do seguinte relatório:



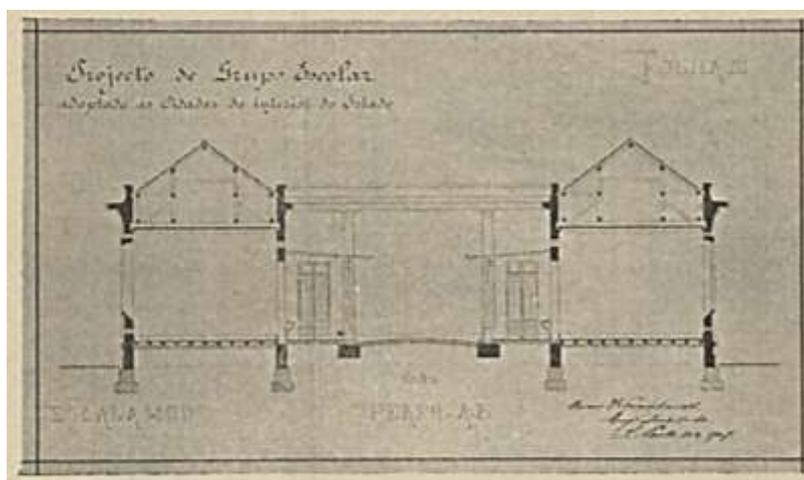
<< A planta N.1, representa a frente do edifício com 16 metros, dotada de oito janelas, quatro á cada lado da porta principal.

Nesta parte figuram duas salas (directoria e portaria) separadas pela da entrada, tendo esta 3m,00 x 4m,20 e aquellas 4m,00 x 6m,00 cada uma. Outrossim, figuram mais quatro salas, tambem separadas por um corredor de 1m,50 x 17m,00, destinadas ás aulas, com 6m,00 x 8m,50, de forma a comportarem o numero regulamentar de alumnos.

A Cada parede divisória das ditas salas terá uma porta de 3m,00 de largura, dividida em duas partes de 1m,50, apoiadas sobre roldanas, de modo que, por occasião das festas escolares, cada uma dessas portas possa ser introduzida nas paredes lateraes, tambem com a largura de 1m,50, formando dest'arte cada grupo de duas salas um salão com 6m,00 x 17m,00, conforme demonstra a planta N.2.



A segunda parte do edificio se compõe de duas salas de frente (uma de cada lado) com quatro janellas e portas lateraes, segundo a planta N. 1 e o perfil N. 3.



Estas salas (3m,00 xx 6m,00) se destinam a porta-chapeus e entrada dos alumnos, seguindo-se duas álas separadas por um pateo de 5m,00 x 20m,00 em quadrado com corredores de 3m,00 de largura, cobertos de vidro, onde serão collocados os lavatorios.

Cada ála conterà tres salas com 6m,00 x 8m,50 e mais uma ao fundo com 3m,90 x 6m,00, que servirá para gabinete dos professores. Uma dessas álas será destinada aos alumnos do sexo masculino e a outra do sexo feminino.

Do referido pateo, duas portas dão para um terraço de 2m,50 x 11m,00 com escadas lateraes para o recreio (11m,00 x 15m,00) separadamente para cada sexo.

Ao lado serão installados os respectivos aparelhos sanitários, consoante a planta N. 2.

Todas as salas serão dotadas de ventiladores fronteiros, de modo a facilitar a renovação do ar, collocados uns acima do rodapé e outros abaixo da tabella próxima do tecto.

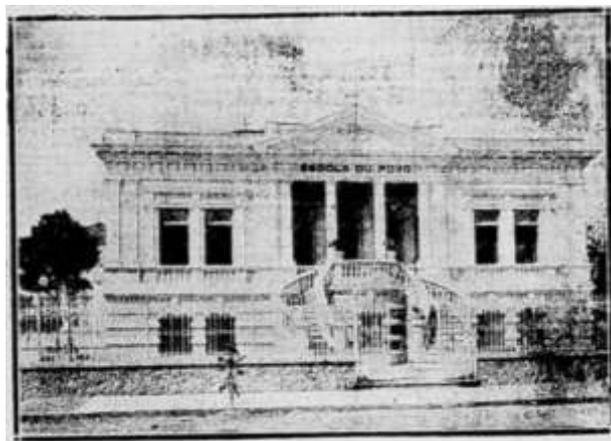
O porão deverá ser fartamente ventilado e utilizado para depósitos de materiais, para modelagem ou quaisquer outros exercícios.

Nas pequenas cidades bastará a construção da primeira parte do edifício computado para cerca de 200 alunos, sendo construída a segunda na proporção do desenvolvimento de ensino, comportando cada sala desta segunda parte 45 alunos>>.

Com os aportes existentes juntamente com a experiência dos profissionais que prestavam serviço para o Estado, chegou a uma solução muito proveitosa, pois não se perdeu as características estilísticas do edifício, e ainda com a possibilidade de um Edifício Escolar para abrigar um Grupo Escolar, mantendo os aspectos necessários que o Estado solicitava.

Em jornais locais e do Estado registram o processo de transferência da administração.

Figura 102: Em S.Vicente – O enche acima é a antiga “Escola do Povo”, que depois de recuperada pelo governo, é hoje o grupo escolar de S. Vicente.



Fonte: Correio Paulistano – Segunda-feira, 15 de abril de 1918 pág. 03

Além do prédio propriamente dito, o Governo do Estado tinha uma preocupação com os espaços para acolher os alunos, assim eles também procuram padronizar um mobiliário escolar que acredita ser o melhor para utilização nos Grupos Escolares.

MOBILIA ESCOLAR - Alturas - Calcula-se altura das carteiras escolares com auxílio da seguinte fórmula, que facilita a respectiva montagem ou encomenda a fazer:

Altura da pessoa  $a$

Altura da cadeira  $\frac{1}{4} a = a/4$

Altura da meza  $a/4 + 2/3 (a/4) = 5a/12$

Resulta que, de acordo com essa família, teremos facilmente o seguinte quadro:

ALUMNO	CADEIRA	MESA
1,52	0,38	0,63
1,48	0,37	0,61
1,44	0,36	0,59
1,40	0,35	0,57
1,36	0,34	0,56
1,32	0,33	0,55
1,28	0,32	0,53
1,24	0,31	0,51
1,20	0,30	0,50
1,16	0,29	0,48
1,12	0,28	0,46
1,08	0,27	0,44
1,04	0,26	0,43
1,00	0,25	0,41
0,96	0,24	0,40
0,92	0,23	0,38
0,88	0,22	0,36
0,84	0,21	0,34
0,80	0,20	0,33
0,76	0,19	0,31

Figura 103: Modelos de Carteiras e Mobiliário Escolar no final do Séc. XIX.



Fonte: <https://tokdehistoria.com.br/2011/12/18/como-era-desconfortavel-estudar-no-passado/>

Fonte: <http://dimovesc-moveis-para-escritorio.blogspot.com/2013/02/moveis-escolar-antigo-de-1908-do.html>

Fonte: <http://www.scielo.br/img/revistas/anaismp/v24n2//1982-0267-anaismp-24-02-00115-gf15.jpg>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pesquisador vê-se envolvido em uma trama em que tudo é hipotético, duvidoso e ambíguo. Mas é interessante notar também que o pesquisador delimitou a sua pesquisa, encaixando o máximo de peças que angariou para o início de uma cena e/ou imagem que anteriormente estavam apenas espalhadas. Agora consegue perceber que existe um quebra cabeça muito maior que imaginava, e que parte desse quebra-cabeça já havia sido montado, mas ainda necessitava de uma grande parte para ser agregadas, como se tivéssemos que montar um enorme quebra-cabeça, mas esse enorme quebra-cabeça pode ser montando por partes separadas e depois junta-las para que a cena e/ou imagem sejam assim visualizadas em sua parcialidade, almejando mais e mais peças para a sua totalidade.

Esse pode ser o início, da montagem de uma parte desse enorme quebra-cabeças, e que pode contribuir com essa parte da montagem parcial e/ou total, vislumbrando que essa cena e/ou imagem retratada possa vir a se encaixar nesse enorme quebra cabeça, revelando assim, uma parte que não havia sido encontrada até o presente momento.

Teria o processo historiográfico da pesquisa realmente chegado ao fim? Evidentemente que não chegou ao fim. O que interessa mesmo é o brilhante trabalho que ainda deve ser percorrido por outros pesquisadores, que bebam

das melhores fontes de forma honesta para fazer com que o leitor venha mergulhar em sua trama labiríntica e sedutora do início ao fim. Fica aqui o desafio para que mais pesquisadores interessados em angariar mais e mais peças, com o intuito de revelar cada vez mais o que ainda está oculto na História da Educação.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. A Evolução do Centro de Santos através de mapas. In: **Arquitetura do Brasil** – nº 19 – Patrimônio 1 – 1988-1991, Petrópolis, RJ. Editora Gráfica Serrana, 1992.

ARAÚJO, José Carlos Souza – SOUZA, Rosa Fátima de Souza – PINTO, Rubia Mar. **Escola Primária na Primeira República (1889-1930):** subsídios para uma história comparada. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade.** Tradução Pier Luigi Cabra – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZEVEDO, Edison Telles de. **Vultos Vicentinos** – Subsídios para a história de São Vicente. Empresa Gráfica das Revistas dos Tribunais – S.A. São Paulo – SP, 1972.

AZEVEDO, Fernando de. A Descentralização e a Dualidade de Sistemas. In: **A Transmissão da Cultura:** parte 3. da 5. ed. da obra A Cultura Brasileira. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, DF: INL/MEC, 1976, p. 115-162.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombra** (Maçonaria BR 1870-1910). São Paulo, Ed. Unicamp, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BUFFA, Ester. **Arquitetura e Educação:** organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893 – 1971. São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002. 174p.: il.

BURKE, Peter, **A Escrita da história novas perspectivas.** Magda Lopes (tradução). São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter, **A História como Memória Social**, 1992.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de, **A Escola e a República**, 1ª. Edição, São Paulo, Editoria Brasiliense, 1989.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2012.

CARPINTERO, Antônio Carlos ALMEIDA, Jaime Gonçalves. **Teorias do espaço escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

**Cidade de São Vicente**. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_sao\\_vicente-cidade\\_de.htm#\\_ftn1](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_sao_vicente-cidade_de.htm#_ftn1)>. Acesso em: 30 de julho de 2018.

CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. 1ª. Ed. São Paulo, SP, EDART, 1972.

CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão. **Arquitetura escolar paulista: 1890-1920**. São Paulo: FDE. Diretoria de Obras e Serviços, 1991. 172p.

\_\_\_\_\_. **Arquitetura Escolar Paulista – Restauro**. São Paulo: FDE. Diretoria de Obras e Serviços, 1998.

**Cultura**. Disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

**Cultura Escolar e Memória Escolar**. Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

**Da Escola do Povo ao Grupão**. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029.htm>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

DPH – Departamento do Patrimônio Histórico. Revista “Cidade” – **Signos de um novo tempo, a São Paulo de Ramos de Azevedo**, ano V n° 5, São Paulo, COPYRIGHT, 1998.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. **A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação**, Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 161-181, jul./set. Editora UFPR, 2013.

**Educação.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

**Escola do Povo.** Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

**Escola Técnica Estadual.** Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, velhos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2012.

FRIGERIO, Angela Maria G. , ANDRADE, Wilma Therezinha F. de e OLIVEIRA, Yza Fava de. Santos – **Um encontro com a História e a Geografia**. Universidade Católica de Santos, Editora Universitária LEOPOLDIANUM, \_\_\_\_\_.

GERODETTI, João Emilio. **Lembranças de São Paulo: o litoral paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças**. João Emilio Gerodetti, Carlos Cornejo. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e História**. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **O fio e os rastros** – Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2007.

GLORIA, José Ignácio. **Jornal Vicentino** – Anno II – Maio - Nº3, São Vicente-SP, Santos-Typographia Commercial, 1900.

GOMES, Laurentino. **1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil** – um país que tinha tudo para dar errado. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2010.

GOMES, Marilene Nascimento. Bolsa do Café. In: **Arquitetura do Brasil** – nº 19 – Patrimônio 1 – 1988-1991, Petrópolis, RJ. Editora Gráfica Serrana, 1992.

Governo do Estado de São Paulo, Centro Paula Souza, Cetec - **Plano de Curso – Habilitação Profissional de Técnico em Edificações nº 185 (Infraestrutura)** – 2011.

**Grupo Escolar de São Vicente.** Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

**Histórias e Lendas de Santos – Clubes – Clube dos Ingleses (1)** - Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0171c.htm#escola>>. Acesso em 31 de julho de 2018.

**Histórias e Lendas de S. Vicente – Biblioteca NM – 1532 + 460 anos de S. Vicente (L)** - Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh075l.htm>>. Acesso em 31 de julho de 2018.

**Histórias e Lendas de S. Vicente – Da Escola do Povo ao Grupão (1)** – Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029.htm>>. Acesso em 31 de julho de 2018.

**Histórias e Lendas de S. Vicente – Da Escola do Povo ao Grupão (2)** – Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029b.htm>>. Acesso em 31 de julho de 2018.

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação.** Campinas: Editora Autores Associados, nº1, p.9.43, jan./jun. 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2. Edição. Revista: Ateliê Editorial, 2001. Pag. 61 a 95.

KOWALTOWSKI, Doris C.C.K. **Arquitetura Escolar** (o projeto do ambiente de ensino), Oficina de Textos, 2011.

KUHLMANN JR. Moysés. **As Grandes Festas Didáticas – A Educação Brasileira e as Exposições Internacionais (1862-1922).** Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da Educação no Quadro das Relações Sociais.** Revista História da Educação vol.21 nº51 - Educ@ - Scielo FCC - (Publicações on-line

de Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santa Maria/RGS, jan./abr. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas (SP): Ed. Unicamp, 1990.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira**, São Paulo, Melhoramentos, 1979.

\_\_\_\_\_. **A República ensina a morar** (melhor), São Paulo, Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Alvenaria Burguesa**, São Paulo, Nobel, 1989.

\_\_\_\_\_. **Como nasceram as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2016.

LICHTI, Fernando Martins. **Poliantéia Vicentina – 450 anos de brasilidade (1532-1982) – São Vicente – SP – Editora Caudex Ltda, 1982.**

\_\_\_\_\_. **MORPION – Memória Fotográfica de São Vicente**, São Vicente - SP, 2007

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação Profissional no Brasil**, São Paulo, Ed. Cortez, 2002.

MAUAD, Ana Maria e LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e Fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2012.

**Memórias e Histórias da Educação Profissional**. Disponível em: <<http://www.cpscetec.com.br/memorias/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2012.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça – O lado noturno das luzes**, Campinas-SP, Ed. Unicamp, 1999.

MORAES, Carmen S. Vidigal. **O Ideário Republicano e a Educação**, Campinas –SP, Ed. Mercado de Letras, 2006.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Organizadora). **São Vicente** (Cidade de). Disponível em:

<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_sao\\_vicente-cidade\\_de.htm#\\_ftn1](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_sao_vicente-cidade_de.htm#_ftn1)>. Acesso em 31 de julho de 2018.

NAGLE, Jorge. A Educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris. III **O Brasil Republicano - 2 - Sociedades e Instituições – (1889-1930)**. DIFEL, 1977.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **A documentação como ferramenta de preservação da memória** / Mario Mendonça de Oliveira. \_\_ Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008.

ORNSTEIN, Sheila Walbe e BORELLI Neto, José. **O desempenho dos edifícios da rede estadual de ensino**. O caso da Grande São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. CNPq. São Paulo. 1985.

ORTEGOSA, Sandra Mara. O Urbano e a Modernidade no Brasil. In: SECOMANDI, Élcio Rogério. **Arquitetura: memória e crítica**, Leopoldianum (Revista de Estudos e Comunicações da UniSantos), Vol. XXIII - nº 64, Santos - SP, 1997.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história**. Rev. Bras. Hist. [online]. 2010, vol.30, n.60, pp.143-154. ISSN 1806-9347. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882010000200008>.

PANOFSKY, E. "Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença". In: **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65.

**Patrimônio Histórico Estadual**. Disponível em: <<http://www.condephaat.sp.gov.br/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

**Patrimônio Histórico Estadual**. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

**Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento – A convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972: para saber o essencial**. Brasília, DF: Iphan, 2008.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Outras leituras da cidade**: experiências urbanas da população de Ribeirão Preto durante a Primeira República. Artigo - Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 175-200, 2005.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **Santos nos Caminhos da Educação Popular 1870-1920**. Edições Loyola, São Paulo – SP, 1996.

PINSKY, Carla (org.). **Fontes Históricas**, São Paulo, Contexto, 2005.

PIMENTA, Celio. Patrimônio 1 – **Arquitetura do Brasil** – nº 19, Rio de Janeiro, 1988 – 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, n. 10, 1992, p. 200.

RAMOS, Dawson da Paixão. **O Saneamento e a Cidade moderna no Brasil**, João Pessoa, ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História, 2003.

RAMOS, José de Paula – 1926. **História da Loja Maçônica Fraternidade de Santos no seu sesquicentenário (1853/2003)**. Editora A Gazeta Maçônica, 1ª. Edição. Março – 2004.

REIS Fº, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Fapesp, 2000. – (Uspiana-Brasil 500 anos)

\_\_\_\_\_. AUH 237 – **Urbanização e Urbanismo no Brasil** (FAU-USP) 1997.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre urbanismo no Brasil Segunda Parte Séc. XIX e XX**. FAU-USP, 1995.

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. **Manual de trabalho em arquivos escolares / Secretaria da Educação**; elaboração de Teresa Marcela Meza Baeza. - São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de e MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. **Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa**, Artigo, Tempo nº 26, 2008.

SECOMANDI, Élcio Rogério. **Arquitetura: memória e crítica**, Leopoldianum (Revista de Estudos e Comunicações da UniSantos), Vol. XXIII - nº 64, Santos - SP, 1997.

SERRANO, Fábio Eduardo. O Plano Regional de Santos, de Francisco Prestes Maia. In: SECOMANDI, Élcio Rogério. **Arquitetura: memória e crítica**, Leopoldianum (Revista de Estudos e Comunicações da UniSantos), Vol. XXIII - nº 64, Santos - SP, 1997.

SILVA Fº, Nelson Marques da. **São Vicente – Caracterização do Município** - Caderno da Cidade 1 e 2 – Prefeitura Municipal de São Vicente - Fevereiro 1995.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998.

TADDEI, Maria Diva Vasconcelos. **A Imagem no Anúncio de Jornal** – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo - São Paulo, 1977.

WALBE, Sheila BORELLI NETO, José. **O desempenho dos edifícios da rede estadual de ensino** – O caso da Grande São Paulo – Avaliação técnica: primeiros resultados. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1995.

WATANABE, Mayumi. **Arquitetura e Educação**, São Paulo, FAUUSP, 2009.

WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. **As Escolas Públicas Paulistas da Primeira República e seus Arquitetos**, Pós – R. Prog. Pós-Grad. Arquit. Urb FAUUSP, São Paulo n.4 p. 91-106 dez 1993.

### **Periódicos locais e anuários**

**Anuário do Ensino do Estado de São Paulo**. Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – **1907-1908**. Typ. Augusto Siqueira & C. – Rua Alvares Penteado, 5 – B – São Paulo.

**Anuario do Ensino do Estado de São Paulo.** Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – **1908-1909.** Typ. Augusto Siqueira & C. – Rua Alvares Penteado, 5 – B – São Paulo.

**Anuario do Ensino do Estado de São Paulo.** Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – **1913.** Typ. Augusto Siqueira & C. – Rua Alvares Penteado, 5 – B – São Paulo.

**Anuario do Ensino do Estado de São Paulo.** Publicação Organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por Ordem do Governo do Estado – **1920 - 1921.** Typ. Augusto Siqueira & C. – Rua Alvares Penteado, 5 – B – São Paulo.

**A Baixada Santista** (1915 - 1920)

**A Fita** (1912 – 1913 - 1915)

**A Gazeta** (SP) – (1914)

**Almanak Laemmert** (1891 – 1840)

**A Notícia** (1913)

**A Tribuna** (1913 - 13.06.1989 – 1994 - 26.07.2004)

**Cidade de Santos** (1906)

**Correio do Povo** (1889)

**Correio Paulistano** (SP) – (1900-1919)

**Diário de Santos** (1893 – 1899 - 1903 – 1906 – 1907)

**Exploração do Litoral** (1920)

**Jornal do Commercio** (1922)

**Revista da Semana** (1902)

**The Brazilian Review** (RJ) – (1913)

**Vicentino** (1899 – 1900)